



Antes do Último Suspiro

HISTÓRIAS DE DESPEDIDAS
CANINAS E FELINAS

Mário Filho

ANTES DO ÚLTIMO SUSPIRO

Histórias de despedidas caninas e felinas



Mário dos Santos Filho

Vassouras, 2026



"Vieram ao mundo não para serem eternos, mas para nos ensinar que o amor verdadeiro não conhece tempo nem despedida."

© 2026. **Universidade de Vassouras**

Presidente da Fundação Educacional Severino Sombra (FUSVE)

Adm. Gustavo de Oliveira Amaral

Reitor da Universidade de Vassouras

Dr. Marco Antônio Soares de Souza

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade de Vassouras

Dra. Cristiane de Souza Siqueira Pereira

Coordenadora do Curso de Medicina Veterinária

Dr^a Otávia Reis e Silva

Editor-Chefe das Revistas Online da Universidade de Vassouras

Dr. Bernardo Cunha Senra Barros

Editora Executiva das Produções Técnicas da Universidade de Vassouras

Dra. Paloma Martins Mendonça

Editoração, Edição e Diagramação

Mário dos Santos Filho

An863 Antes do último suspiro : histórias de despedidas caninas e felinas /
Organização de Mario dos Santos Filho – Vassouras, RJ : Universidade de
Vassouras, 2026.

1 recurso online (291 p.): il., color.

Recurso eletrônico

Modo de acesso:

ISBN: 978-65-83616-59-3

1. Veterinária. 2. Luto. 3. Animais. 4. Bem-estar. 5. Cães. 6. Felídios.
I. Santos Filho, Mario dos. II. Universidade de Vassouras. IV. Título.

Sistema Gerador de Ficha Catalográfica On-line – Universidade de Vassouras

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial. O texto é de responsabilidade de seus autores. As informações nele contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras.

Prefácio

Eles chegaram em silêncio, mas nunca passaram despercebidos. Alguns vieram de ruas frias, outros de lares cheios de risos, alguns vestiram fardas invisíveis de coragem, outros carregaram nos olhos a leveza da inocência. O que todos têm em comum? Um propósito maior do que a própria vida: ensinar-nos sobre amor, lealdade e despedida.

Este livro não é sobre mortes. É sobre últimos dias. Sobre o instante em que o tempo se curva e a eternidade se revela no olhar de um cão ou no ronronar de um gato. São relatos narrados em primeira pessoa — não porque possamos falar por eles, mas porque precisamos ouvi-los com o coração.

Aqui, cada capítulo é uma chave. Atrás de cada porta, um último suspiro, um latido, um miado... um adeus transformado em eternidade. Você encontrará policiais que penduram suas coleiras como medalhas, animais que degustam pela primeira vez o “proibido” da vida, pacientes que descansam em salas brancas de silêncio, e até aqueles que partem sob estrelas ou no calor de uma janela ensolarada.

Não espere respostas fáceis. Espere sentir. Espere ser tocado por histórias que talvez reflitam a sua. Pois no fundo, o último dia de um animal nunca é apenas dele — é também o nosso, no momento em que precisamos deixá-lo partir.

E então... você está pronto para ouvir o que eles têm a dizer antes do último suspiro?



Dedicatória

Aos cães e gatos que nos ensinaram o verdadeiro amor, que caminharam ao nosso lado e partiram em silêncio, deixando em nós lembranças que nunca morrem.

Sumário

Prólogo	08
Capítulo 1: O Último Patrulhamento	09
Capítulo 2: A Despedida com Sabor Proibido	19
Capítulo 3: A Última Caçada do Vento	27
Capítulo 4: O Último Acolhimento	37
Capítulo 5: A Última Noite ao Céu Aberto	49
Capítulo 6: A Última Brincadeira	65
Capítulo 7: O Último Olhar na Sala Branca	79
Capítulo 8: O Último Som de Pneus	94
Capítulo 9: O Último Sopro de Gratidão	106
Capítulo 10: A Última Sombra no Portão	119
Capítulo 11: O Último Lamber da Água	133
Capítulo 12: O Último Abraço da Noite	145
Capítulo 13: O Último Tilintar da Guia	159
Capítulo 14: O Último Adeus, O Primeiro Olhar	174
Capítulo 15: A Última Lua, o Primeiro Miado	185
Capítulo 16: O Último Chamado na Fila	196
Capítulo 17: O Último Brilho da Tarde	209
Capítulo 18: O Último Ronronar do Silêncio	219
Capítulo 19: O Último Guardião da Noite	230
Capítulo 20: O Último Pedaco de Esperança	241
Capítulo 21: A Última Consulta Sem Promessas	257
Capítulo 22: Sob a Roseira, Um Descanso Sem Alarde	264
Epílogo: O Além do Latido	272
Glossário de Termos Técnicos	282
Índice Remissivo	288
Sobre o Autor	291



Prólogo

Há silêncios que falam mais do que palavras.

Há olhares que atravessam o tempo e deixam marcas que nunca se apagam.

Este livro nasce desses instantes: do último sopro de vida, do último ronronar, do último latido que ecoa e se perde no vento. Mas não se engane, leitor. Estas páginas não tratam apenas do fim. Elas falam, sobretudo, do propósito.

Propósito de cães que vigiaram nossas casas e nossos passos como sentinelas invisíveis.

De gatos que nos observaram em silêncio, como guardiões de um mundo secreto.

De companheiros que não vieram para durar para sempre, mas para nos lembrar que a eternidade pode caber em um abraço, em um olhar, em um dia.

O que você encontrará aqui não são histórias de morte, mas de legado. São narrativas sussurradas em primeira pessoa, como se os próprios animais nos confiassem suas memórias, seus últimos desejos e o mistério da despedida.

Ao virar cada página, prepare-se: pode ser que uma lembrança desperte, que uma ausência seja reavivada, que uma lágrima se confunda com um sorriso. Pois este não é apenas um livro de histórias — é um espelho. E, talvez, em cada adeus narrado aqui, você encontre o reflexo de um amor que também já viveu.

E agora, siga adiante. Os cães e gatos já o esperam. Suas vozes estão aqui, prestes a contar o que sentiram antes do último suspiro.

Capítulo 1: O Último Patrulhamento



Capítulo 1: O Último Patrulhamento

O motor da viatura ronca como sempre, vibrando sob minhas patas. Mas hoje o som é diferente. Não porque a máquina tenha mudado, e sim porque eu sei: este é o último ronco que vou ouvir lá dentro como cão de serviço.

O banco de trás ainda guarda marcas do meu pelo, o arranhado da minha coleira no metal, o cheiro de couro, poeira e café velho — meu mapa invisível de todas as histórias que vivemos.

Meu parceiro — meu humano — dirige em silêncio. Não há a conversa de sempre, nem a música baixa do rádio para enganar a tensão. Só o asfalto molhado sussurrando sob os pneus e o coração dele, que bate tão alto que quase consigo ouvir.

Eu o conheço como a palma da minha pata: sei quando o cansaço pesa nos ombros, quando o medo acende atrás dos olhos e quando, mesmo sério, ele sorri por dentro. Hoje, ele tenta segurar as lágrimas como quem segura uma rédea curta.

Fecho os olhos e deixo a madrugada entrar por todos os meus sentidos. Gasolina do posto na esquina.

Capítulo 1: O Último Patrulhamento

Pão quente escapando pela fresta da padaria. Café derramado no banco da frente, açúcar seco em cada curva.

Cheiro de cidade viva, mesmo de olhos meio fechados. Quantas vezes percorri essas ruas, protegido por sirenes e sombras, procurando vidas que nem sabem meu nome? Lembro do início.

Eu era filhote — energia demais para um corpo só. No centro de treinamento, meu faro deixou de ser curiosidade e virou instrumento.

Aprendi que pólvora tem um gosto metálico no ar, que a química das drogas morde o nariz de um jeito inconfundível, que o rastro de um fugitivo é um fio invisível que se puxa com paciência.

Aprendi a ir quando todos recuavam. Mas, sobretudo, aprendi a confiar. A guia não era corda; era ponte. Do outro lado, um humano que virou meu espelho, meu norte, meu irmão.

As lembranças chegam como sirenes distantes.

Capítulo 1: O Último Patrulhamento

A noite em que encontrei a criança no matagal — pequena, tremendo, cheirando a medo e terra molhada; o meu latido abriu caminho até que braços certos a acolhessem.

A perseguição em que meu rosnado fez uma arma cair no chão e a mão tremer.

O golpe que bloqueei com o corpo, faca no ar, meu parceiro atrás de mim.

Nunca precisei de palavras: bastava um gesto de cabeça, um olhar breve, o calor da mão no meu pescoço. Havia um idioma secreto entre nós.

Hoje não há missão. É ronda simbólica, mapa de memórias. Meus músculos não disparam como antes, os pelos trazem o cinza dos invernos, mas meu coração ainda acorda com cada apito distante.

Se pudesse, trabalharia até o último suspiro. Mas a vida, sábia, me chama para outra forma de vigília.

Capítulo 1: O Último Patrulhamento

A viatura dobra para dentro do quartel. As luzes brancas lavam o pátio, e as fardas se alinham feito árvores em silêncio.

Sinto o cheiro de ferro, couro, suor, perfume barato — o cheiro da minha matilha humana. Caminho até o centro com a coleira pesando diferente: não como peso, mas como medalha invisível de tudo o que fui.

O comandante fala. As palavras vão e vêm como vento; eu escuto outra coisa: os aplausos, os sorrisos que não cabem, o orgulho que tem cheiro próprio — quente, doce, salgado de lágrima. Meu parceiro se ajoelha.

As mãos tremem um pouco quando prendem a medalha no meu peitoral. O metal é frio na pele; o coração, não. Por dentro arde uma fogueira.

É a condecoração pelos serviços prestados. Meu último ato de farda.

Então ele abre um envelope. Não é ordem, nem missão. É papel com cheiro de tinta fresca e decisão antiga. Ele me encara, a voz baixa, a garganta apertada:

— “De hoje em diante, você não é só meu parceiro. É meu filho. Minha família.”

Capítulo 1: O Último Patrulhamento

Papéis não me dizem nada. Mas olhos, sim. Lágrimas caem no meu pelo e explicam tudo que nenhum discurso alcança.

Ele me abraça. O barulho do mundo some um segundo, e eu entendo: minha vida mudou de uniforme, não de propósito.

Eu ergo a cabeça e solto um latido que ecoa no pátio. Não é adeus. É juramento. Meu trabalho não acabou; só mudou de cenário.

Agora, minha missão é guardar os sonhos dele, vigiar os silêncios, farejar tristezas, latir para os medos que ninguém vê.

Ser o escudo sem colete, o alarme sem sirene, o porto sem porta.

Voltamos de carro pela mesma cidade que me viu crescer. As lojas fechadas, os semáforos vazios, um gato atravessando a rua, o pão amanhecendo na vitrine.

Capítulo 1: O Último Patrulhamento

Tudo igual e, ao mesmo tempo, novo — como se eu tivesse ganhado uma cidade de novo, agora pelo lado de dentro das janelas.

Chegamos em casa. O portão range como um velho amigo. O corredor guarda o eco das botas dele. A sala tem um tapete que me chama pelo nome (cheira a família).

Ele coloca minha tigela no chão — água limpa, tilintar de metal — e fica ajoelhado mais tempo do que precisa, uma mão em mim, outra nos olhos. Não diz nada. Os silêncios falam por nós.

Naquela noite, deito ao lado da cama dele. Não há viatura, rádio, sirene ou colete; há respiração.

O quarto cheira a sabão, tecido e segurança. Ouço o coração dele desacelerar até encontrar o meu. Eu vigio o corredor pela fresta da porta, o vento dando notícias pela janela. Fecho os olhos, mas fico atento. Guardar é o que sei. Amar é o que sou.

Capítulo 1: O Último Patrulhamento

Entendo, enfim, que a maior condecoração não é a medalha brilhando na coleira.

É o direito de continuar. Continuar sendo o guardião do único humano que sempre foi meu. A farda fica no cabide, a guia pendura a história, a medalha descansa no peito — e eu, ao pé da cama, sigo de serviço.

Se o mundo lá fora precisar de mim, ele me encontrará; mas, se a madrugada trouxer pesadelos, serei eu quem latirá baixinho para afugentá-los.

Amanhã, o pátio terá outra ronda, a cidade, outro chamado.

Eu, não.

Minha patrulha agora tem outro mapa: a casa, o quintal, o portão, os passos que reconheço de olhos fechados.

Capítulo 1: O Último Patrulhamento

E, toda vez que o motor de uma viatura roncar ao longe, vou erguer as orelhas com respeito — não de quem partiu, mas de quem cumpriu e permanece.

Porque heróis aposentados não deixam o posto; eles o ampliam.

Durmo.

Antes de apagar, sinto a mão dele procurar minha cabeça, como sempre, para conferir se estou ali. Estou. Estarei.

Medalhas enferrujam, papéis amarelam, sirenes se calam.

Mas um cão e seu humano — isso, não.

Capítulo 1: O Último Patrulhamento

Isso é coisa que atravessa o barulho, o tempo e a noite.

E, se um dia alguém perguntar quando terminou meu serviço, vou responder do jeito que os cães respondem: com presença.

Porque meu último patrulhamento é, na verdade, o primeiro de uma vida nova — a de ser, para sempre, o guardião do coração dele.



Capítulo 2: A Despedida com Sabor Proibido



Capítulo 2: A Despedida com Sabor Proibido

Hoje a cozinha é só minha.

E não é porque me deixaram sozinho: é porque me deixaram entrar — de verdade — no coração desse lugar.

O mundo inteiro parece ter encolhido até caber entre a geladeira que ronrona, o forno que suspira e a mesa que guarda nossas migalhas de histórias.

Não há o cheiro monótono da ração, nem o tinido da tampa metálica da lata. Há um desfile de perfumes que passam por mim como antigos conhecidos: queijo derretido, massa tostada nas bordas, carne temperada que conversa com alho e orégano, chocolate doce que estala só de pensar, bolo recém-nascido do forno soltando um vapor que faz cócegas no focinho.

Apoio as patas na beira da mesa. Preparei os ouvidos para a bronca — “desce daí, não pode!” —, mas ela não vem. Em seu lugar, surge uma risada curta, meio afogada, seguida de silêncio. Então, a voz dele, mais macia do que nunca:

— Vem... hoje é todo seu.

“Todo seu.”

Capítulo 2: A Despedida com Sabor Proibido

Essas duas palavras abrem uma porta que eu não sabia que existia.

Aproximo o focinho. O azulejo frio desperta minhas almofadinhas quentes. As lâmpadas sob o armário criam um céu pequenino, salpicado de migalhas estreladas.

A primeira mordida é fogo de artifício dentro da boca: sal do queijo, gordura que abraça a língua, crocância de massa fina dizendo “estou viva”. Minha cauda responde antes de mim.

O “não pode” que sempre existiu derrete junto com a mussarela.

Depois vem o doce.

Não chega como invasão; chega como perdão. O chocolate escorre lento, desenha caminhos no céu da boca, chama lembranças que eu nem sabia que lembrava: as tardes em que o vi escondido no congelador; os sorrisos que ele deixava no ar quando comia em silêncio, sentado na varanda.

Agora, esse segredo me é entregue como se o mundo tivesse decidido que hoje ninguém deve nada às regras.

A cada pedaço, o rosto dele muda como as sombras da tarde.

Capítulo 2: A Despedida com Sabor Proibido

O sorriso abre espaço, mas os olhos marejam. Lágrimas caem sem barulho, pingam no meu pelo e se misturam ao cheiro de pizza e bolo.

As mãos que me alimentam são as mesmas que me mapeiam com carinho antigo: a curva da testa, o caminho entre as orelhas, o ponto exato onde meu pescoço cede e confia.

Ele me acaricia devagar, como quem estuda um atlas que precisa decorar para nunca se perder.

Eu encosto o focinho no colo dele. O tecido tem cheiro de sabão, pele, sol de quintal. Lambo devagar o que sobrou nos meus lábios e, entre um gosto e outro, olho para a janela.

No vidro, nosso reflexo parece um filme silencioso: eu, filhote, tropeçando em patas grandes demais; eu, adolescente, com a bola torta na boca; eu, guardião, dormindo ao lado da cama nas noites em que o mundo pesou.

Hoje o tempo anda de lado.

O relógio não marca horas, desenha círculos. A luz que atravessa a cortina não invade — aconchega.

As partículas dançam no ar, pequenos anjos de poeira, cada um acenando com asas minúsculas.

Capítulo 2: A Despedida com Sabor Proibido

A rua existe lá fora, com buzinas e passos, mas ficou do lado de fora do nosso agora. Aqui dentro, só nós dois e a cozinha transformada em universo.

Meu corpo, que andava de mal comigo há tantos dias, decide fazer as pazes. As fisgadas que me mordiam as costelas se calam.

O cansaço me dá licença. Talvez seja açúcar. Talvez seja queijo. Talvez seja a mão dele, dizendo sem dizer: “fica mais um pouco.”

Ele abre o congelador como quem abre uma caixinha de música. Tira o sorvete do esconderijo. Olha para mim e sorri com um canto de culpa, outro de ternura.

Segura a colher como quem segura um segredo. Encosta em minha língua. Primeiro, o frio; depois, o doce; por último, a risada que ele solta sem querer, e as lágrimas que insistem.

Eu aceito. Não porque seja permitido, mas porque é preciso. O amor, às vezes, tem gosto de exceção.

Entre uma colherada e outra, alguma coisa em mim se ajeita. Não é só o estômago.

É a memória.

Capítulo 2: A Despedida com Sabor Proibido

Cada garfada acende um corredor dentro do peito, e de lá saem cenas que vou colecionando com cuidado:

a tarde em que me escondi dentro do armário e ele me encontrou pelo riso; o dia em que voltei enlameado e jurei, com olhar de santo, que não fui eu; a noite em que ele chorou baixo e eu fiz de conta que dormia, só para não interromper, mas fiquei encostado até a dor diminuir.

Não preciso entender os segredos que os humanos guardam em caixas invisíveis. Eu entendo de cheiro, de pulso, de silêncio. E o silêncio dele hoje não é vazio; é excesso.

Excesso de amor não cabe em palavra.

Ele muda o prato, traz algo novo, parte em pedaços menores, fala comigo como se eu fosse, ao mesmo tempo, bebê e velho sábio. Em cada gesto, eu leio pedidos sem voz: “lembra disso; guarda aquilo; perdoa o resto.”

Eu guardo tudo. Sou bom guardador. Minha cabeça é uma dispensa cheia de lembranças que não estragam.

O sol desce devagar.

A cozinha ganha contornos de fim de tarde, e o perfume do bolo fica mais denso, como se o tempo tivesse açúcar.

Capítulo 2: A Despedida com Sabor Proibido

Minha respiração e a dele começam a conversar baixinho, encontrando um ritmo comum — como se fôssemos dois pêndulos certos de que o relógio precisa obedecer a nós.

A exaustão chega macia.

Não cansaço de viver, mas cansaço de caber tanta vida numa cozinha só. Arrumo o corpo entre as pernas dele. Ele pousa a palma da mão no meu peito por alguns segundos longos — parece medir o meu compasso, parece emprestar o dele quando o meu falha. Fico quieto para que ele me ouça melhor.

Sei que algo está diferente.

Sei que, talvez, amanhã não venha do mesmo jeito.

Sei que há marcas em mim que comida nenhuma apaga. Mas hoje — hoje — nada disso importa.

Importa o tilintar da colher, o vapor do bolo, o brilho das lágrimas, a risada tímida, o cheiro de queijo, o gelo doce do sorvete e a textura exata do carinho atrás da orelha.

Hoje não há dor.

Hoje não há proibição.

Hoje há licença poética: a licença de transformar regra em cuidado, medo em coragem, despedida em festa. 25

Capítulo 2: A Despedida com Sabor Proibido

Quando, enfim, o corpo me pede descanso, deito a cabeça no colo dele como quem devolve um tesouro ao lugar de origem. Fecho os olhos, mas não para ir embora — para gravar melhor.

Lá dentro, faço minha reza sem palavras: que cada mordida vire lembrança, que cada lambida vire riso, que cada lágrima vire luz para quando escurecer.

E penso, antes do sono me cobrir:

Se este for o último banquete da minha vida, que seja também a prova de que o amor tem mãos de cozinheiro — pega o que é duro, mistura com doçura, deixa crescer no tempo certo e, quando fica pronto, serve quentinho no colo.

Assim, mesmo que a noite chegue, eu seguirei inteiro: com a boca cheia de mundo, o peito cheio de paz e a certeza de que a despedida, aqui, aprendeu o sabor da festa.



Capítulo 3: A Última Caçada do Vento



Capítulo 3: A Última Caçada do Vento

O campo se abre diante de mim como uma lembrança inteira, lavada de luz.

O entardecer derrama um ouro calmo sobre as coisas: o capim alto vira mar de lâminas macias, cada filete balança como se respirasse comigo.

O horizonte parece mais largo do que de costume, um arco generoso que me oferece espaço suficiente para correr sem encontrar o fim.

O ar tem cheiro de terra morna, folha amassada e água antiga — talvez de um riacho escondido mais adiante. Um bando de andorinhas risca o céu e some atrás do paiol. Ao longe, uma porteira range uma nota só, comprida, que o vento arrasta pelo vale como fio de música.

Eu não tenho mais o fôlego da juventude. Minhas patas, calejadas por chão áspero e ruas frias, carregam cicatrizes que o tempo não apagou.

Ainda assim, o vento me chama. Ele passa entre as folhas, mexe meus bigodes de leve, encosta nas cicatrizes do meu focinho sem perguntar nada. É um convite silencioso: “venha brincar uma última vez.”

Dou o primeiro salto.

A grama arranha meu peito — áspera por fora, fresca por dentro.

Capítulo 3: A Última Caçada do Vento

Uma semente seca prende no meu pelo e fica, como medalha boba que o campo me dá. As patas ainda sabem o caminho, mesmo quando a cabeça hesita.

O solo alterna trechos fofos e duros: onde a sombra guardou umidade, o chão cede; onde o sol bateu o dia todo, a terra responde com um estalo baixo, quase um crack de biscoito fino.

Minhas unhas fazem um som leve — tic, tic — quando raspam uma pedra escondida.

Até que, um dia, o mundo virou o rosto para mim de outro jeito.

Um par de olhos me encontrou sem pressa. Não havia dureza; havia uma pergunta boa: “você quer ficar?”

Mãos estendidas — mãos de verdade — me ofereceram prato fundo com caldo quente, cobertor limpo com cheiro de sol, uma tigela de água onde a luz da manhã brincava.

Ganhei um nome que cabia na boca fácil deles, quatro letras que, quando surgiam, traziam carinho como rastro. E ganhei tempo.

Tempo de desaprender o medo. Tempo de entender que toque pode ser conforto. Tempo de lembrar que eu era mais do que um corpo ferido: eu era vida que queria viver.

Capítulo 3: A Última Caçada do Vento

No novo quintal, voltei a correr. Não por falta, por festa. Caçava sombras, emboscava folhas, escalava vasos como se fossem montanhas.

As crianças riam do meu pulo torto, e eu ria junto pelo meu jeito de gato. O sol desenhava janelas no chão e eu deitava no centro, redondo, como um selo.

A cada dia, uma pena: um fragmento da infância roubada voltava para mim — um fio de audácia, um resto de despreocupação, o direito de cochilar sem guarda.

Agora, neste campo aberto, todas as memórias resolvem se dar as mãos. As cicatrizes pesam menos; o vento, antes ladino, é meu cúmplice.

Ele entra por baixo do meu corpo, eriça meu pelo, empurra minha cauda para o alto como bandeira. Sinto o coração bater firme — não de susto, mas de festa. Os bigodes vibram como antenas afinadas.

Corro. Primeiro curto, testando. Depois, longo, inteiro.

O capim abre e fecha como água, deixando um sulco que se apaga quando passo. O ar tem gosto de sálvia pisada e poeira doce.

Meus olhos semicerrados colhem vultos invisíveis.

Capítulo 3: A Última Caçada do Vento

O capim desenha trajetórias de presas que não estão mais aqui: codornas que disfarçam em silêncio, gafanhotos que saltam antes de eu pensar, borboletas que sobem num zigue-zague que só elas entendem.

Uma libélula paira por um segundo diante do meu nariz, azul-metálica, e some como raio líquido.

Minhas orelhas giram, procurando ruídos que talvez sejam apenas lembranças: o farfalhar de uma asa que não bate, o estalo de um galho que ninguém pisou, o sopro de um bicho que não existe.

Não persigo presas.

Persigo lembranças.

E elas chegam como chuva rápida no verão.

Lembro do frio cortante de noites sem abrigo, quando o corpo encolhia até virar um nó de ossos e medo.

Lembro do cheiro azedo do lixo nos becos, das mordidas da fome roendo por dentro, do gosto metálico de latas lamidas até o fim.

Lembro do estalo seco de mãos que não sabiam ser mãos, só golpes — e da minha corrida muda para longe de olhos que não viam ninguém.

Capítulo 3: A Última Caçada do Vento

Carrego marcas que contam essa história: pequenos sulcos na pele, um pedaço de orelha com borda torta, uma risca fina no dorso onde o pelo nunca mais cresceu.

Outras marcas ninguém vê — moram quietas, fundas, e às vezes doem no silêncio.

Houve dias em que viver era só sobreviver.

O vento, que hoje me chama, zombava de mim: trazia cheiro de comida que eu não alcançava, levava embora o pouco calor que eu tinha guardado, me empurrava para esquinas onde o mundo ficava menor.

Um tico-tico risca três notas no poste de cerca; uma vaca mastiga tão devagar que parece meditar.

Uma nuvem pequena apaga e acende o sol no meu dorso; a cada sombra, a pele esfria; a cada clarão, o corpo reaquece. Ouço o próprio respirar: entra cheio, sai sussurro.

O casco de um inseto estala sob minha pata — não dói, não para, só acusa presença. Há uma flor mínima, lilás, que se curva quando eu passo; seu cheiro quase não existe, mas eu encontro.

Não há grade.

Não há corrente.

Não há mão pesada.

Capítulo 3: A Última Caçada do Vento

Há só mundo aberto: cheiro de terra molhada nas dobras, vento que sopra de leste, céu pintado de laranja, cobre e uma faixa de azul-ardósia por cima, onde as primeiras estrelas ensaiam pontinhos tímidos. O entardecer não despenca; ele encosta, educado.

Corro até o peito arder bonito, ardor de quem usou o corpo para viver. Corro até as patas reclamarem com dignidade.

Corro até o tempo não mandar mais em mim — eu mando nele, uma corrida a mais, só mais uma, pronto, agora sim. Quando o cansaço chega, é macio.

Deito.

A grama cede, faz cama com cheiro de verde e chuva de ontem. Um louva-a-deus me observa por um segundo, inclina a cabeça como quem respeita e vai embora.

O vento me lambe o rosto. É língua de amigo. Ele passa acima dos olhos, limpa alguma coisa que eu não sabia que estava ali. Sussurra no meu ouvido como água em pedrinha: “você chegou; está livre.”

Minha respiração desce um degrau; o coração desacelera como quem senta na varanda depois do trabalho.

Fecho os olhos devagar.

Capítulo 3: A Última Caçada do Vento

Entendo, com a cabeça quieta, que a verdadeira caçada nunca foi pela presa.

Sempre foi pela vida.

Pela possibilidade de escolher onde deitar, quando correr, o que cheirar.

Pela liberdade de existir sem pedir licença ao medo.

Hoje, caço o vento pela última vez.

Mas não é adeus à vida — é adeus à dor.

À fome que mastigou meu nome. Ao abandono que tentou me ensinar que eu não valia.

Eu me desamarro dessas coisas como quem solta um nó antigo.

Sinto o vento me tomar nos braços.

Ele não me empurra: me conduz. Sopra firme, por baixo das costelas, e me ergue sem peso.

O campo inteiro parece me acompanhar: as andorinhas voltam num mergulho, a porteira range de novo, alguém, longe, bate a mão na calça e levanta poeira dourada.

Capítulo 3: A Última Caçada do Vento

Sei que vou para campos que não acabam, onde a noite nunca corta, onde as mãos conhecem a gentileza antes do gesto.

Lá, a água está sempre limpa, o sol sabe a medida, as sombras são ninhos e não ameaças.

Lá, meu nome chega sempre antes do medo.

Ali, poderei correr para sempre.

Ali, cada salto será pluma, cada pouso, cama.

Ali, serei só o que sempre quis ser: livre.

Livre — e pertencente, pela primeira vez, a tudo.

Abro os olhos por um instante e guardo o cenário como quem arquiva um tesouro:

a flor lilás, o risco das andorinhas, a cerca, a nuvem, a poeira dourada.

Depois, deixo que o vento me feche as pálpebras com dedos de brisa.

Capítulo 3: A Última Caçada do Vento

O mundo respira comigo uma última vez — e, no espaço entre esse suspiro e o próximo, encontro o que procurei em todas as caçadas:

paz.



Capítulo 4: O Último Acolhimento



Capítulo 4: O Último Acolhimento

O hospital tem um cheiro que nunca se apaga: álcool, éter, desinfetante. É um odor frio que não fica só no nariz — desce e se aloja na alma, como se cada inspiração viesse acompanhada de um peso invisível.

As paredes são brancas demais, quase uma neve sem inverno. A luz fluorescente inventa um dia que não conhece janelas e deixa tudo sem sombra para se esconder.

O silêncio, quando falha, falha em apitos que marcam o tempo sem piedade — bip... bip... — e no ranger de rodas de macas que cruzam corredores como pequenos barcos em mar raso.

Jalecos sussurram ao andar, pranchetas batem de leve nas coxas, torneiras pingam uma gota teimosa que faz do minuto uma eternidade.

Antes da porta giratória, há sempre um ritual. Um par de mãos gentis passa um pano morno nas minhas patas; o algodão tem cheiro de sabonete neutro e dia limpo.

Conferem minha coleira com a plaquinha que brilha sob a luz fria — “visita terapêutica” —, ajeitam meu colete e verificam se meus pelos estão curtos, se as unhas não arranham lençol.

A equipe de controle de infecção assente com o queixo: posso entrar.

Capítulo 4: O Último Acolhimento

Do balcão da recepção, sobe o aroma de café recém-passado, tentando vencer o álcool em gel; não vence, mas insiste.

Um elevador abre a boca e suspira um vento breve de ar-condicionado; dentro dele, espelhos multiplicam o branco até onde não há mais onde guardar tantas paredes.

Nada aqui me lembra quintais, bolas ou o calor do sol. Mas eu sei: não vim para brincar. Não vim por mim.

Vim por eles.

Meus passos são mansos sobre o piso encerado.

As patas deixam um rumor de algodão, um eco que, de tão pequeno, parece cuidar para não incomodar. Sinto o sopro gelado do ar-condicionado fazendo redemoinhos nos pelos do meu pescoço.

Na parede, desenhos infantis tentam colorir o branco: arco-íris tortos, sóis com olhos, casas sem porta — universos onde o lado de dentro sempre dá para fora.

Uma médica sorri ao me ver; um enfermeiro, cansado, fecha os olhos por dois segundos e inspira, como se bebesse de mim um gole de descanso.

Capítulo 4: O Último Acolhimento

Uma mulher com crachá passa empurrando um carrinho de medicamentos; o metal tilinta baixinho, e ela me lança um aceno quase secreto, como quem encontra um velho conhecido.

Ao fundo, a copa exala vapor e conversa baixa; uma auxiliar ajeita pilhas de lençóis que cheiram a ferro quente e chuva inventada.

Entro no quarto.

Aqui o tempo não corre — assenta.

O ar é denso, com perfume doce de soro e plástico.

As máquinas piscam como vaga-lumes domesticados; uma bolsa translúcida goteja o relógio que manda no corpo: plim... plim... plim.

O monitor cardíaco escreve montanhas verdes num céu preto, e eu aprendo que cada pico é um passo que o coração dá para continuar.

Há um aparelho que sussurra oxigênio num sopro contínuo, e um outro — pequeno e valente — que, de quando em quando, limpa com um suspiro a névoa dos pulmões.

No leito, uma criança me observa. Olhos grandes, de brilho gasto e curiosidade acesa.

Capítulo 4: O Último Acolhimento

Não diz nada. A mão, fina como vidro, ergue-se devagar e pousa no meu dorso.

Sinto o frio dos dedos primeiro; depois, um calor de dentro, tão miúdo quanto uma vela em quarto escuro — e ainda assim suficiente para mudar tudo.

O cheiro dela é de leite morno esquecido e de pano de algodão lavado muitas vezes; no travesseiro, um fio de cabelo se curva como um ponto e vírgula.

Aproximo-me sem pressa. Aprendi que, às vezes, a maior coragem é o silêncio.

A cama faz um suspiro quando apoio o peso ao lado. Deito devagar, encaixando meu corpo ao longo do lençol de algodão áspero.

A mão dela desliza pelo meu pelo como um remendo de luz. Não há força ali; há insistência de vida.

Eu respiro mais fundo, alongo a expiração, e deixo que meu peito conte ao dela uma história sem palavras de mares calmos e brinquedos guardados.

Meus pelos arrepiam sob o toque — não por medo, mas por reconhecimento.

Capítulo 4: O Último Acolhimento

A cabeça pequena encontra meu pescoço. O ar que antes tropeçava no peito dela encontra um ritmo novo, como se descobrisse um trilho onde deslizar.

O coração dela bate curto; o meu alonga os intervalos; em poucos minutos, batemos quase juntos.

Um sorriso minúsculo — tão minúsculo que poderia caber na ponta de um alfinete — nasce nos lábios dela e, mesmo assim, acende o quarto melhor que qualquer lâmpada.

O peso se divide; a dor desaparece o caminho.

O monitor parece entender o acordo e troca o seu bip por um bip menos apressado, como quem tira os sapatos ao entrar em casa.

Ao pé do leito, uma mãe com mãos entrelaçadas segura um terço.

As contas escorrem como pequenos planetas por entre seus dedos. Ela me olha com olhos de quem já chorou o que podia e agora só reza com o olhar.

Vejo nos cantos da boca dela uma coragem improvisada, costurada com noites mal dormidas e promessas sussurradas à beira da cama.

Capítulo 4: O Último Acolhimento

Do outro lado, um pai tenta fazer graça com uma revista amassada; a voz falha, mas a intenção chega inteira.

Quando o sorriso da criança aparece, ambos respiram como quem volta à superfície depois de mergulhar fundo demais.

O pai ajeita a cadeira que range como barco no atracadouro; a mãe levanta o cobertor até o queixo do sono.

Uma enfermeira ajeita o travesseiro sem ruído. O jaleco tem cheiro de sabonete neutro e sono adiado.

Ela confere o acesso com a delicadeza de quem toca uma bolha de sabão: não quer que nada estoure, muito menos a coragem.

Em cima da mesa, um copo com canudinho, uma caixinha de lápis de cor, um desenho pela metade: um cão com orelhas enormes — talvez eu, talvez um sonho.

Ela me faz um carinho rápido entre as orelhas, gesto treinado para caber em 3 segundos de plantão, e cochicha “obrigada” como quem sela um contrato de silêncio.

Eu não sei falar o idioma dos humanos, mas falo o de dentro.

Capítulo 4: O Último Acolhimento

Aprendi a traduzir o tremor de dedos, a pressa de respirações curtas, o jeito como os ombros procuram teto. Meu corpo oferece teto.

Sou telhado de pelo e calor. Sou chão onde o medo se senta um pouco, cansado de ficar de pé.

Também conheço o idioma dos cheiros: o medo que tem cheiro de ferro doce, a esperança que parece brisa, a coragem que lembra pão no forno. Quando encosto o focinho na curva do braço dela, não é farejar: é ler.

A criança adormece encostada em mim.

Primeiro, o queixo perde o peso; depois, as pálpebras se entregam; por fim, a mão relaxa no meu dorso, como folha caindo sem barulho.

O bip do monitor baixa um tom, a sala respira, o corredor lá fora se afina. Uma luz pálida, filtrada pela cortina, desenha uma faixa no lençol — uma estrada clara que liga o aqui a um lugar que não sei nomear.

O pai recolhe a revista devagar, a mãe apoia o terço no colo como quem descansa os planetas por um instante.

A enfermeira anota números que brilham no papel, como se fossem vaga-lumes aprisionados num potinho.

Capítulo 4: O Último Acolhimento

Do lado de fora, um carrinho de roupa limpa passa, marulho branco; alguém ri sem culpa na copa, e a risada vem com cheiro de bolo simples. Outro quarto pede ajuda pelo interfone — um toque curto, não de pânico, de rotina.

O hospital segue, mas aqui dentro as engrenagens rodopiam mais devagar, como se uma gota de óleo tivesse encontrado o lugar certo.

Entendo.

Entendo que minha vida não foi feita só de latidos, corridas ou brinquedos.

Havia algo maior, silencioso, me guiando desde sempre. Minha missão não era trazer bolinhas de volta, nem espantar fantasmas de gatos invisíveis.

Minha missão era ser paz onde só havia vazio. Calor onde só havia frio. Silêncio onde só havia medo.

Vim para ensinar o corpo a lembrar de um caminho de volta ao descanso, mesmo quando a cabeça se perde no labirinto.

Sinto o peso da mão da mãe pousar sobre minha cabeça. É um toque que agradece, confia, reparte.

O pai limpa os olhos com um canto de camisa e ri baixinho de si mesmo.

Capítulo 4: O Último Acolhimento

A enfermeira anota números que não conheço, mas percebo: hoje, os números também sorriram.

Um cabelo meu fica preso no lençol — pequeno, quase invisível —, lembrança mansa que ela talvez encontre amanhã e guarde no bolso como quem guarda um trevo.

Fecho os olhos.

Por um instante, tudo se alinha como aves em migração: o bip marca compasso, a gota do soro cai na batida certa, a respiração dela dança com a minha.

Há algo que se derrama sobre nós como um cobertor de coisa nenhuma — chamam de amor, chamam de fé, chamam de Deus.

Eu só sei que é quente e leve ao mesmo tempo.

E, sob esse cobertor, o hospital perde um pouco do frio, como se alguém tivesse aberto um sol do tamanho de uma mão.

Hoje, cumpro minha última missão. Não sei se voltarei a cruzar estes corredores — os corredores não prometem.

Mas sei que deixo algo que o desinfetante não apaga, que a madrugada não leva: uma semente de esperança plantada num peito pequeno e num par de mãos grandes.

Capítulo 4: O Último Acolhimento

Não é a lembrança de um cão deitado ao lado de uma criança; é o rastro de paz que o corpo reconhece quando a cabeça se perde.

Se algum dia a dor voltar pelo mesmo caminho, talvez tropece neste rastro e diminua o passo.

Quando a noite afina mais, a janela treme de um vento miúdo. A cortina respira. Eu também.

Minha cauda bate uma vez — só uma —, para não acordar ninguém.

O ar-condicionado inventa um verão brando no meio do inverno de hospital.

Ouçó, ao longe, um carrinho de roupa limpa deslizando, como maré que vai e vem sem pressa.

O relógio da parede avança com a paciência dos que sabem esperar; no rodapé, uma sombra de roda se alonga e encolhe como um gato sonolento.

Se existe eternidade, talvez ela more exatamente aqui: no segundo em que uma criança adormece sorrindo no meu colo e meu coração, por um momento pequeno e perfeito, toca o coração de Deus.

Capítulo 4: O Último Acolhimento

Nesse ponto de encontro, tudo que é afiado perde o gume; tudo que é duro amolece.

O branco exagerado das paredes aprende um tom de leite morno.

Não importa o que virá amanhã.

Hoje, fui remédio sem bula, abraço sem borda, esperança sem palavra.

E quando o vento da noite passear pelas janelas, quero que leve o que deixei: paz — para a cama, para as mãos, para a sala, para o corredor inteiro.

Porque, se algo em mim continuar depois, que seja isso: uma calma que fica no ar, como aquele cheiro bom que resta na casa quando o pão sai do forno.

Aqui, no lugar mais branco do mundo, descobri a cor que não desbota. E ela tem o som de um bip que, por alguns minutos, aprendeu a cantar baixinho.

E, se alguém escutar, mesmo sem saber, talvez cante junto.



Capítulo 5: A Última Noite ao Céu Aberto



Capítulo 5: A Última Noite ao Céu Aberto

A calçada é fria. Sempre foi.

É pedra que guarda o sereno e cimento que nunca aprende a abraçar. Conheço seus veios como quem conhece cicatrizes: o desnível que machuca o coxim, o prego solto que pede salto lateral, a grelha da sarjeta que engole patas distraídas. De madrugada, o vento arrasta sacos plásticos como fantasmas desajeitados; varre panfletos amassados e conversa com as bandeirinhas rasgadas do poste. Quase sempre traz dois cheiros ao mesmo tempo — o da padaria acordando e o do escapamento —, lembrando que a cidade enche e esvazia os pulmões sem nunca descansar.

De manhã cedo, quando as portas ainda bocejam, o mundo faz alongamento: persianas sobem em ondas, vitrines piscam néon atrasado, um caminhão de gás canta nomes de bairro. Eu, da minha sombra de costume, treino o corpo para caber em pouco: peito encolhido, ombro miúdo, focinho em linha de vento. Aprendi a ler o momento exato em que a rua troca de marcha — o silêncio que precede o alarme, a freada que vira xingo, a bicicleta que nasce de repente de um corredor de gente.

Aprendi o relógio pelos barulhos: o latão do lixo às seis, o sino da escola às sete e quinze, o primeiro ônibus lotado que dobra a esquina como quem dobra um suspiro. Meio-dia tem o assovio do flanelinha e o cheiro de quentinha abrindo a tampa; fim de tarde tem poeira dourada e impaciência nos semáforos.

Capítulo 5: A Última Noite ao Céu Aberto

Passei por muitos olhares.

Alguns passavam por mim como se eu fosse vidro: atravessavam, não viam. Outros vinham com pedra, com água fria, com grito grosso: “Sai daqui, vira-lata imundo!” Eu não entendia as palavras, mas entendia as arestas. Aprendi a ler passos — os que aceleram para machucar, os que param para medir a distância do chute, os que batem a porta e deixam uma poça de barulho.

Aprendi a sair um segundo antes da dor, a encolher o corpo até sobrar só o necessário para caber num vão de porta. Quando um chinelo arrastava demais, eu via cinto; quando uma mão subia de pressa, eu via pedra. A pressa tem cheiro; e eu passei a escutar com o nariz.

Mapeei linhas de fuga: três becos que desembocam em sombra, um portão que sempre fica entreaberto, dois degraus onde o corpo vira metade e, por um milagre curto, some.

Também aprendi a aceitar o pouco.

Restos no chão, pão duro que feria gengiva, ração velha, úmida, com o cheiro mofado de um dia inteiro de esquecimento. Potes de água enferrujados deixados na sombra — às vezes limpos, às vezes não. Eu bebia porque a sede não pergunta se você quer.

Capítulo 5: A Última Noite ao Céu Aberto

Sob o toldo da farmácia, descobri que a máquina de ar soltava um sopro quente no inverno; atrás do mercado, o motor da câmara fria soprava um vento morno no verão. No beiral da lotérica, cabia exatamente o meu tamanho de espera. A rua ensina: é preciso virar mapa e bússola ao mesmo tempo — e também calendário, para saber em qual noite a feira deixa caixas que cheiram a doce e banana madura.

Quando os coxins rachavam, o iodo furtado do lixo ardia como trovoada; eu lambia até a dor sossegar, fazia da língua curativo e do sono remendo.

Conheci outros como eu.

Um marrom de peito branco que carregava o mundo no olhar e respondia a assovio; uma fêmea cinza que guardava a esquina como quem guarda filho — o rabo enrolado na coragem. Trocávamos notícias pelo faro: “ali sobrou água doce”, “lá mexeram no portão”, “cuidado com o homem da tampa do bueiro”.

Às vezes andávamos juntos para atravessar a avenida — não por amizade, por matemática: mais corpos, mais chances.

No vermelho comprido do semáforo grande, eu sabia que dava; no amarelo ansioso, era melhor voltar.

Capítulo 5: A Última Noite ao Céu Aberto

À noite, encostávamos costas por um minuto — empréstimo de calor entre desconhecidos que se reconhecem.

Conheço as estações pelo cheiro.

O verão tem cheiro de asfalto quente que morde a barriga; o inverno, de ferro molhado agarrado ao osso.

No outono, o chão vira barulho crocante; na primavera, os carros chegam com flores nos para-brisas e poeira de perfume no ar.

Tem também o dia do barulho dos fogos — céu que estoura sem pedido, estômago que vira nó. Nesses dias, eu virava metade, encolhido na menor sombra, esperando que a noite lembrasse de mim.

Quando a primeira chuva depois de meses cai, a cidade solta geosmina — terra acordando —, e eu, por um instante, esqueço que o corpo dói.

Há vento que cheira a rio distante e vento que cheira a briga — aprendi a escolher com qual deles eu caminho. E, ainda assim, nem tudo foi rejeição.

Houve mãos silenciosas que deixaram um potinho limpo e uma palavra baixa, quase um pedido de desculpas ao mundo.

Capítulo 5: A Última Noite ao Céu Aberto

Houve crianças que dividiram o lanche às escondidas — um pedaço de maçã, uma bolacha quebrada, um sorriso torto que dizia “não conta pra ninguém”.

Teve a moça da floricultura, que empurrava para debaixo do balcão um pano seco nos dias de chuva.

O padeiro que, em madrugadas, deixava cair “sem querer” a pontinha do pão. O segurança da obra que falava sozinho e me dava o último gole da garrafa antes de ir embora.

Uma senhora que varria a calçada como quem penteia o mundo e deixava um “Deus te veja” junto do restinho de leite.

Esses faróis pequenos não mudavam a minha vida inteira, mas mudavam o meu dia. E foi o “hoje” que sempre empurrou o meu “amanhã”.

Houve quase acidentes que viraram regra.

Depois do terceiro susto, aprendi a não atravessar com moto; depois do quarto, aprendi que ônibus tem vento que empurra medo.

Descobri que supermercado tem horário de fartura: sacolas rasgadas, tomate cansado, um fiapo de frango que ainda era mundo.

Capítulo 5: A Última Noite ao Céu Aberto

Descobri que o homem do carrinho de reciclagem sabe onde a água não tem gosto de cano — e que, se eu andasse dois postes atrás dele, sobrava gole. Aprendi que sombra curta é armadilha de meio-dia e que sombra comprida é promessa de fim de tarde.

Eu sobrevivi ao frio que treme a alma, à fome que rói por dentro como faca cega insistindo no mesmo ponto, à solidão que estica horas até virarem corda. Sobrevivi porque, mesmo quando a cidade virava as costas, sempre havia alguém, em algum lugar, que se compadecia e deixava um gole de esperança no caminho.

Então chegou a noite chuvosa.

O céu abaixou o rosto e desabou em cima de todos nós. O toldo respingava pela beira, a marquise cantava sua canção de goteiras, e a rua virou espelho — cada farol desenhava um mundo amarelo na poça.

Eu estava pequeno, dobrado, molhado até o pensamento. O corpo colava no osso; o osso cutucava a pele. O cansaço não doía: pesava.

Dois pés pararam diante de mim.

Primeiro, temi o chute. A rua ensinou a desconfiar do que chega sem aviso. Mas o cheiro era outro: sabão simples, chuva limpa, pele cansada e calma.

Capítulo 5: A Última Noite ao Céu Aberto

A voz veio baixa, desviando das gotas:

— “Ei... você está sozinho, não é?”

Não entendi a frase, entendi o mundo por trás dela. Mãos apareceram na altura do meu olho — abertas, devagar, com os dedos voltados para o chão (mãos que querem machucar apontam para cima).

Em vez de golpe, veio o casaco. Em vez de empurrão, o colo do tecido. Em vez de “sai”, o fica dito sem palavra.

O pão quente saiu da sacola e parou no chão, a meio palmo do meu focinho. Meus dentes se apressaram, mas foi a alma que comeu primeiro.

Uma tigela improvisada de tampa recebeu água de garrafa; eu bebi como quem descobre que sede também chora.

Sem que eu percebesse, aquela foi a minha última noite ao céu aberto.

Ele ficou — ficou até que minha desconfiança cansasse antes de mim. Falou pouco, respirou na minha altura, esperou.

Quando a coleira improvisada encostou no meu pescoço, eu não vi nó: vi laço. Andamos.

Capítulo 5: A Última Noite ao Céu Aberto

O mundo continuava igual — buzinas, poças, semáforos trocando de cor sem pressa por ninguém —, mas, pela primeira vez, ele vinha comigo, não contra.

Na primeira esquina, minhas patas hesitaram; as mãos apenas afrouxaram e disseram ao couro: “a gente vai no seu tempo”.

Entre o medo e o passo, escolhemos juntos o meio-termo do cuidado.

O portão que se abriu tinha cheiro de sabonete, de parede com história, de comida que esfria porque alguém decidiu cuidar antes de comer.

Um tapete esperava com cara de abraço. Uma toalha tirou de mim a chuva e a vida velha. Uma cama pequena aprendeu depressa o desenho do meu corpo.

A água, na tigela, era tão transparente que dava vontade de olhar por mais tempo antes de beber. A comida tinha nomes que eu não conhecia, mas um gosto que eu nunca tinha esquecido: respeito. No varal, roupas pingavam paciência; no azulejo, meus passos inventavam um lar em voz baixa.

No dia seguinte, acordei em outro planeta.

Capítulo 5: A Última Noite ao Céu Aberto

As paredes não gritavam, os passos não corriam atrás de mim. A cozinha era uma nascente de cheiros: fruta cortada, café que falava alto, pão partido no meio.

Descobri a geografia do dentro: corredor que amplifica carinho, tapete que recebe, janela que não separa — enquadra.

Tinha uma voz que repetia meu nome novo até ele virar meu: quatro letras que não me apertavam, me cabiam.

Aprendi o relógio da casa: máquina de lavar quando canta é chuva mansa; campainha não é trovão; chuveiro é rio domesticado.

O primeiro banho foi o encontro de dois rios: água e paciência.

Meus olhos vigiavam cada gesto; as mãos dele vigiavam meus olhos. Eu tremia mais de passado do que de frio — e, mesmo assim, ao fim, o secador virou vento de primavera.

Cortaram nós, pentearam lembranças, tiraram um carrapato como quem desarma um espinho do tempo.

No espelho baixo do armário, vi um outro eu com o meu mesmo nariz; ele sorriu de volta com um rabo que não conhecia.

Capítulo 5: A Última Noite ao Céu Aberto

No dia da vacina, uma picada breve prometeu futuros longos; uma balança me contou um número que não doía; um leitor de microchip disse bip e, pela primeira vez, pertenci a um cadastro, não a um acaso.

Vieram rituais que parecem pequenos e são enormes.

A coleira com plaquinha que dizia que agora existo com endereço. O potinho de brinquedos — um de borracha que apita, uma corda que desfia amizade, uma bolinha que me ensinou arir do tropeço.

A cama ao lado da cama dele, como quem diz: “dormimos perto para sonhar o mesmo teto”.

A tigela que, duas vezes por dia, entrega uma certeza morna. O “muito bem!” que chega antes do petisco e alimenta outra fome — a de ser visto sem ferida.

Apreendi palavras novas.

“Senta” caiu como pedra calma no lago do corpo; “fica” criou raiz; “vem” abriu caminho no meio das dúvidas.

Tinha um barulhinho curto — clique — que anunciava que eu tinha acertado, e depois vinha um pedaço de alegria em forma de petisco.

Capítulo 5: A Última Noite ao Céu Aberto

Aprendi a andar junto sem atravessar o futuro, a esperar na porta sem engolir o mundo com os olhos, a aceitar a mão chegando com o prato como quem aceita o sol chegando na janela.

Descobri que sofá tem fronteiras de educação e que colo tem licença poética — às vezes vale burlar as linhas por excesso de afeto.

O parque foi uma invenção da terra para os meus pés.

A grama fez cócega onde antes queimava asfalto. Descobri que vento tem sabores diferentes: o que passa por árvores, o que brinca com pipas, o que carrega risada de criança.]

Fiz amigos de coleira: um preto elegante que fala “bom dia” com o rabo; uma dourada que corre como se o chão fosse promessa. De vez em quando, voltava um susto antigo — um guarda-sol batendo assustava minha lembrança —, mas a mão no meu pescoço dizia “tô aqui” e o susto perdia o dente.

Quando troveja, a casa vira caverna combinada: cobertas fazem teto, luz baixa faz colo, uma faixa macia abraça meu peito e meu nome dito devagar vira ponte sobre o barulho.

Com o tempo, ganhei um trabalho de coração.

Capítulo 5: A Última Noite ao Céu Aberto

Um dia, ele vestiu em mim um colete leve e disse uma palavra que brilhou: “vamos ajudar?”. Fomos a lugares de cheiros brancos e vozes baixas. Eu encostei focinho em mãos que tremiam como folhas pequenas; deitei ao lado de pessoas com janelas nos olhos.

Descobri que minha calma empresta descanso, que meu silêncio conversa. O corredor era outro, mas eu reconheci o bip de longe — e o meu peito aprendeu a marcar compasso para quem precisava. (E, quando volto para casa desses lugares, o mundo fica mais quieto por dentro, como se eu tivesse largado um peso em cada travesseiro alheio.)

Hoje tenho uma rotina que ensina o dia a respirar devagar.

De manhã, a palavra “vamos?” abre a porta do passeio. Eu reviso postos antigos, não para voltar, para agradecer.

Passo na padaria — o padeiro reconhece o meu nome com a voz; na floricultura, ainda existe o pano seco guardado para memórias molhadas.

Às vezes, deixo duas tigelas de água em lugares de sol difícil e sombra pouca. Em um saquinho, porções pequenas de ração viram farol anônimo.

Eu não salvo o mundo; ilumino esquinas. E, quando encontro um como eu, abaixo as mãos com os dedos para o chão — do jeito certo de dizer: “não vou te ferir”.

Capítulo 5: A Última Noite ao Céu Aberto

Outro dia reencontrei o marrom de peito branco.

Veio fino, com a dignidade que a rua empresta aos resistentes. Cheirei histórias coladas no pelo dele: tempestades, dois agostos, três portões.

Dividimos metade de um pacote e uma sombra comprida. Ele foi embora com o rabo na linha do horizonte, e eu fiquei olhando, entendendo que amor também é deixar que cada um siga o mapa que tem.

Hoje, olhando para trás, não guardo ódio da rua.

Ela foi casa quando ninguém era. Foi dura, foi injusta, foi escola sem recreio; deu-me faro onde faltava rumo, músculo onde faltava sorte, astúcia onde faltava mão.

Deu-me cicatrizes — sim —, mas também faróis: o padeiro distraído, a florista de pano seco, o segurança do gole compartilhado, a criança da bolacha dividida. Graças a eles, a ponte para este lado de cá não começou ontem.

Agora, eu me despeço.

Do frio que não me sentia, da fome que falava mais alto do que qualquer latido, dos potes enferrujados, das rações emboloradas, das marquises que cantavam chuva no compasso do medo.

Capítulo 5: A Última Noite ao Céu Aberto

E levo comigo os pequenos milagres do caminho — aqueles gestos sem plateia, sem selfie, sem “obrigado”, que me mantiveram de pé até o encontro.

Porque, naquela última noite, eu não ganhei só pão e um casaco.

Ganhei um humano. Ganhei um nome. Ganhei tempo — para desaprender a pressa da dor e aprender a demora do afeto.

Ganhei um lar: não um lugar onde eu me escondo, mas onde eu apareço todo. Ganhei também uma promessa: sempre que puder, serei ponte entre a calçada e o sofá, entre o lado de fora e o lado de dentro. E, se eu tiver sorte bastante, serei para alguém o farol que um dia acenderam para mim.

Quando fecho os olhos, meu teto não é mais o desenho frio das estrelas.

É uma luz acesa no corredor, esquecida de propósito, para que eu não tenha medo. Se, às vezes, sonho com a rua — papel dançando no vento, poça guardando um pedaço de céu, goteira que respira —, acordo, respiro fundo o cheiro do meu travesseiro e lembro: a cidade continua lá fora. Eu também continuo — mas, pela primeira vez, do lado de dentro.

Capítulo 5: A Última Noite ao Céu Aberto

E se algum dia cruzarmos, eu e outro como eu, na antiga calçada, prometo reconhecer o olhar: o de quem precisa que alguém pare, que alguém fale baixo, que alguém ofereça água limpa e um pedaço de pão morno.

Vou abaixar as mãos com os dedos voltados para o chão, do jeito que aprendi que não assusta. Porque a minha última noite ao céu aberto virou a primeira noite de um mundo novo — e o primeiro dia de uma vida inteira que, enfim, me encontrou.

E, quando a chuva ameaçar de novo, que caia: agora eu tenho teto para dividir.

E, se o medo bater à porta de alguém, que encontre a minha calma esperando na soleira — aquela calma que aprendi na rua, aperfeiçoei no colo e devolvo ao mundo toda vez que passo, devagar, pela calçada que um dia foi fria e hoje, por um instante, também aprende a abraçar.



Capítulo 6: A Última Brincadeira



Capítulo 6: A Última Brincadeira

As crianças gritam no quintal. Suas vozes enchem o ar como sinos alegres, quebrando o silêncio da tarde.

São gritos que sobem e descem em ondas — uma maré de vida —, trazendo consigo areia de risos, conchinhas de palavras inventadas e espumas de “olha isso!” e “vem ver!”.

Correm de um lado para o outro, tropeçam nos próprios pés, caem sobre a grama macia e se levantam no mesmo movimento, como se o mundo inteiro fosse uma brincadeira que nunca termina.

Uma pipa se enrosca no galho e vira bandeira de conquista; um balde vira tambor; uma tampa de panela vira escudo. E eu, com meus olhos de faro, acompanho cada capítulo desse épico de quintal.

O cheiro de grama molhada sobe do chão, mistura-se ao doce das flores do canteiro e ao sal leve do suor infantil.

O sol, filtrado pelas folhas, costura manchas douradas no ladrilho; quando me estico, visto uma camisa de luz.

O vento passa com pressa de criança, bagunça meus bigodes e leva consigo poeira fina, o perfume da roupa no varal, um restinho de sabão do tanque e a lembrança distante de tardes que parecem não ter acontecido — e, ainda assim, moram todas em mim.

Capítulo 6: A Última Brincadeira

Há também um fundo de cheiros da cozinha: alho que começa a dourar, feijão que acorda, arroz lavando o sono — promessas de jantar que fazem a casa salivar em pensamento.

Brinquedos por toda parte: a bola amarela com os dentes que deixei marcados; a corda esquecida, laço de histórias; bonecos com braços abertos em permanentes abraços; carrinhos de rodas gastas que atravessam o corredor e batem no rodapé com um toc que me dá vontade antiga de perseguir.

Quantas vezes agarrei o rabo da bola, mordi uma ponta da corda, escondi-me atrás da cortina para atacar um pé desavisado?

Quanto espetáculo eu já apresentei, saltando da poltrona como um felino de circo, caindo de pé com a seriedade de quem assinou contrato com a gravidade?

Cada objeto tem meu cheiro e um pedaço do nosso passado grudado — uma orelha de pelúcia mastigada, uma fita desenrolada, um carrinho com o para-choque torto por minha causa (e ninguém me culpa; dizem que foi o vento, e eu aceito).

Sou parte da infância deles.

Capítulo 6: A Última Brincadeira

Assinei pactos silenciosos: guardei segredos de esconderijos, protegi mapas do tesouro desenhados em papel de pão, fui testemunha de promessas sussurradas no escuro — “amanhã a gente brinca de novo”.

Estive nos aniversários, sob a mesa, esperando que migalhas de bolo caíssem “sem querer”; às vezes caíam de propósito, e o segredo sorria.

Nas tempestades, quando o trovão arranhava o céu, eu virava cobertor com coração: deitava às pressas junto às pernas que tremiam e ficava até o último lampejo.

Fui baú das lágrimas que não encontravam palavras: escorriam em mim, e eu só sabia ficar e aquecer.

Na gripe de outono, ocupei o pé da cama com a missão de vigia; nos dias de prova, recebi a tarefa de dar sorte com cheiros — passavam a mão no meu pescoço, inspiravam fundo, e eu fornecia coragem como quem oferece leite morno.

Também fui cúmplice dos risos mais livres.

Nas corridas intermináveis pelo corredor, as meias derrapavam e eu virava seta, contornando quinas como quem conhece a planta baixa do mundo.

Capítulo 6: A Última Brincadeira

Em jogos inventados, eu era, conforme a necessidade da história, vilão de cauda felpuda ou herói de olhos de faro — e, mais vezes do que mereço, juiz que decide o empate com um miado.

Particpei de desfiles com chapéus incompatíveis, tolerando fitas e laços por cinco fotos inteiras.

Posei para retratos com a paciência zen de um monge de sofá. Uma vez tentaram me ensinar truques com petiscos; aprendi um truque melhor: olhar demoradamente até o petisco vir sem esforço.

O tempo, que um dia foi um brinquedo, virou mestre.

Meu salto, antes afiado e certo, pensa duas vezes antes da janela; as patinhas, antes molas, agora negociam degraus.

Minha visão trocou detalhes por panoramas: não sei mais contar linhas do ladrilho, mas sei o humor da casa pela música das vozes.

O pelo ganhou fios brancos, bordados de calendário. As juntas, às vezes, tilintam quando me levanto, como talheres no corredor.

A língua, antes impaciente, agora lambe devagar — higiene que também é oração.

Capítulo 6: A Última Brincadeira

E, no entanto, não há tristeza em mim: a velhice é o selo de tudo o que construímos — prova de que fui e permaneci. Se durmo mais, é porque aprendi o valor do sol; se como devagar, é porque cada grão me conta uma história.

As crianças, que antes disputavam quem me carregaria, agora disputam páginas, jogos, mensagens que apitam no bolso.

Ainda assim, de quando em quando, o olhar deles esbarra no meu como quem reencontra um retrato no fundo da gaveta.

Uma mão passa distraída sobre minha cabeça, e, em segundos, a distração vira carinho — aquele tipo que diz “obrigado por ter estado aqui todo esse tempo” sem mover a boca.

Às vezes “esqueço” o corpo aberto no caminho: viro lombada de gato no corredor. Eles pulam por cima sem reclamar.

O amor antigo cria reflexos: desviar o pé, abaixar a voz, separar um pedacinho de frango sem tempero “pro nosso velho”.

Tenho rituais de anos.

Capítulo 6: A Última Brincadeira

De manhã, a casa abre as pálpebras com cheiro de café e pão na chapa; caminho como um fantasma feliz entre pernas apressadas, roçando nas canelas que reconheço pelo som do passo.

O rádio cochicha notícias, a chaleira assobia um agudo, a torradeira estala. Eu cumpro minha ronda — porta, janela, tapete, tigela.

Ao meio-dia, o quadrado de sol no ladrilho é meu relógio favorito; mudo de posição quando a luz anda, como quem acompanha o ponteiro com o corpo.

À tarde, as mochilas caem no sofá e despejam a escola inteira — um mapa, um estojo com lápis mastigado, um bilhete que vira riso —, e eu me deito por cima de tudo, selando com meu peso a revelia do dia.

À noite, circulo a casa duas vezes, digo boa noite com o nariz em cada porta e escolho onde deitar: às vezes ao pé da cama, outras, no corredor, de guarda.

Há noites em que os pesadelos passam; se param, eu roço e empurro de volta para o lado de fora.

Quando os fogos insistem, a caverna de cobertas aparece sem que eu peça — e ali, debaixo do teto de tecido, o barulho aprende a se comportar.

Capítulo 6: A Última Brincadeira

Lembro de cenas que só eu guardo.

A primeira bicicleta, a queda boba, o joelho ralado que cheirava a mertiolate e desculpa; a prova difícil que virou abraço coletivo na cozinha; a discussão no portão que parou quando eu miava no tom exato — e ninguém jamais soube explicar por quê.

Lembro do verão do aspersor — o quintal virava chuva domesticada, e eu saltava como peixe; do inverno do cobertor de tricô, que grudava nos pelos e, ainda assim, era meu lugar favorito.

Lembro do “era uma vez” que adormeceu três crianças no mesmo sofá, todos com a boca entreaberta, inclusive eu.

Lembro da primeira vez em que um deles ficou mais alto do que a porta; encarei a novidade como quem observa uma árvore crescer um palmo durante a noite.

Lembro do dia do casaco novo que cheirava a loja e a futuro; do dia do corte de cabelo que mudou o rosto e não mudou a essência.

Hoje, escolho horizontes pequenos.

O quadrado de luz é oceano; a almofada, ilha; a janela, cinema sem barulho.

Capítulo 6: A Última Brincadeira

Vejo o carteiro anunciando passos com papel; reconheço a amiga da casa pelo som do riso antes do portão abrir.

Ouçõ o portão ranger como sempre e, nesse ranger, reconheço quem chega: há um a para a mãe, um e para o pai, um i corrido para a pressa adolescente.

Pela respiração da casa, sei se foi um dia bom, se veio prova difícil, se faltou no recreio o amigo, se sobrou vontade de contar.

Fico à disposição do silêncio — a melhor língua que aprendi. Se alguém senta no chão, sento junto; se alguém suspira, eu traduzo com um toque de cabeça.

Eles cresceram.

Deslocaram o eixo do quintal, levaram consigo pedaços da minha cartografia: a corda virou lembrança, a bola foi para a escola, os carrinhos passaram a dormir em caixas.

Mas não levaram tudo. Ficou o gesto automático de me procurar com os olhos ao entrar.

Ficou o reflexo de desviar o pé para não pisar em mim — mesmo quando não estou.

Ficou um lugar no sofá que é, incontornavelmente, meu. Ficou a foto imã na geladeira em que eu apareço com um laço ridículo e uma dignidade enorme.

Capítulo 6: A Última Brincadeira

Aprendi a envelhecer junto com a casa.

A escada ganhou tapete para minhas patinhas pensarem menos; a tigela subiu um degrau para o pescoço descansar; o veterinário virou amigo de calendário.

Há dias em que a cama me chama cedo; há outros em que a lua me encontra no tapete, contemplando o nada com a devoção dos sábios.

A fome agora é cuidadosa; a sede, medida; o sono, profundo. Quando a dor passa para tomar café, senta pouco e vai embora — porque a poltrona já tem dono: o conforto.

Meu último dia é também meu maior presente: ter sido a alegria de uma família.

Fui riso, fui consolo, fui companhia. Fui o chão elástico que amortece tombos e o travesseiro que oferece ombro.

Se me perguntarem qual foi minha maior façanha, direi: permanecer. Estar — e continuar sendo lembrado mesmo quando não sou chamado.

Minha assinatura está em coisas miúdas: um fio de pelo dourado no casaco preto, um arranhão honesto no pé da mesa, a curva que faço no cobertor da sala, sempre do lado esquerdo.

Capítulo 6: A Última Brincadeira

O sol desce mais um degrau. O varal recolhe suas bandeiras. Um cheiro de comida morna passeia pela cozinha.

O vento da tardinha volve e mexe só o necessário: a borda da cortina, a ponta da toalha, meus bigodes.

No rádio da vizinha, uma música antiga escorre pela parede e cai suave no nosso quintal — e por um instante tudo tem gosto de domingo.

Sorrio por dentro. Deixo que o corpo pese e, ao mesmo tempo, flutue. A idade ensinou esse truque: ancorar e planar.

A cada expiração, arrumo memórias como quem dobra lençóis: sem pressa, sem culpa, com aquele carinho discreto de quem sabe que tudo o que foi muito amado nunca fica fora do lugar.

Fecho os olhos devagar.

As vozes no quintal ficam um pouco mais distantes, mas continuam minhas — como canções que a gente sabe de cor.

O mundo se abaixa ao meu ouvido para me contar segredos que só os que ficam muito quietos escutam:

Capítulo 6: A Última Brincadeira

o barulho pequeno da chaleira que ferve, o farfalhar do jornal que troca de página, o tic da tomada que solta o carregador, o snif de quem cortou cebola e aproveitou para chorar um pouquinho por outras coisas.

Deito a cabeça sobre as patas e agradeço sem palavras. Minha juventude foi feita de brincadeiras; minha velhice, de contemplação; e a sabedoria, descubro agora, é saber brincar de contemplar.

Se existe eternidade no que vivi, ela está nas coisas mínimas: na marca de dentes da bola amarela, no arranhão discreto no rodapé do corredor, no cantinho do tapete que sempre teima em dobrar, na risada que estoura na cozinha e vem me achar, no toque que pára na minha cabeça um segundo a mais do que precisa.

Está no hábito de deixar a porta do quarto entreaberta, “no caso de ele querer entrar”; está no lugar à janela que ninguém ocupa; está no cuidado de fechar o portão devagar para não assustar o velho guardião.

Dentro deles — nos sorrisos, nas memórias, nos silêncios —, eu sempre estarei.

Porque minha última brincadeira não é correr nem saltar.

Capítulo 6: A Última Brincadeira

Minha última brincadeira é esta: admirar, em paz, a vida que ajudei a construir — e me deitar tranquilo sabendo que, quando as portas se abrirem para mundos maiores, haverá sempre um lugar quieto dentro deles onde eu continuo dormindo ao sol.

Se amanhã o quintal acordar sem meus passos, ainda assim meus passos acordarão no quintal deles.

E, quando o vento passar e levantar um fio de pelo perdido, que ele saiba: não é despedida.

É só o jeito que a saudade encontra de fazer carinho no ar.



Capítulo 7: O Último olhar na Sala Branca



Capítulo 7: O Último Olhar na Sala Branca

Desde cedo, eu sabia. O ar tinha outro peso, outro sal. Não era manhã — era presságio. Meu amigo caminhava ao meu lado, mas as patas já não desenhavam o chão com assinatura firme.

O corpo dele tremia em pequenos soluços de músculo; ainda assim, o rabo insistia num sim teimoso, como se quisesse me ensinar — mais uma vez — que coragem também é gesto curto. Nós, cães, não precisamos de palavras: cheiramos a verdade.

E a verdade, naquele dia, tinha perfume de despedida.

Seguimos até o carro. Nosso humano o pegou nos braços com um cobertor que cheirava a casa: madeira antiga do armário, sabão neutro, domingo de sol no varal.

Eu saltei e encostei o focinho no ombro dele, como sempre fiz nas viagens que importavam.

O motor acordou numa ronronada mansa, quase respeitosa, e a cidade começou a passar em faixas: a padaria inflando o dia com pão quente; um jardim molhado de mangueira; o portão do vizinho, que rangeu no mesmo tom de sempre — só que mais baixo, como se também soubesse.

Capítulo 7: O Último Olhar na Sala Branca

Um ônibus suspirou no ponto, um carteiro deixou o tac do portão atrás de si, e tudo parecia andar com passos menores.

Nosso humano dirigia com os punhos firmes, espremendo o volante como quem segura um nó que não pode soltar agora.

O vidro respirava frio por dentro, quente por fora; eu desenhava, com o nariz, caminhos invisíveis no ar para lembrar de tudo: os cheiros do momento, para, depois, poder voltar a eles como quem volta a um mapa.

A cada semáforo, eu colava o peito no banco como se pudesse segurar o tempo com as costelas. Meu amigo olhava a janela sem olhar: via longe, onde eu ainda não alcançava.

Chegamos à clínica. A porta automática nos recebeu com uma lufada gelada: álcool, desinfetante, borracha limpa, metal acordado.

O piso brilhou sob nossas patas; o som de rodinhas de maca riscava corredores; luvas estalaram como pequenas nuvens; o tilim de instrumentos respondia em prata. Ali não cabiam corridas — cabiam rituais.

Eu soube que a seriedade tem cheiro: clorexidina e serenidade.

Capítulo 7: O Último Olhar na Sala Branca

A recepção tinha cadeiras alinhadas e um relógio que marcava a hora sem pressa. Um gato, dentro da caixinha, nos observava com olhos fixos; um cão velho, no colo de uma senhora, dormia respirando curto.

Um menino apertava um brinquedo que dizia pi sem alegria. A moça do balcão falou baixo, apontou com a mão aberta, como quem anuncia uma capela. Entramos.

A sala branca era maior do que precisava.

Tanta luz, tão pouca coisa: maca alta, bandeja com algodões, armário com vidros, uma pia que brilhava como lua doméstica.

Havia um tapete antiderrapante que cheirava a borracha nova; uma caixa de lenços esperando lágrimas que ainda não tinham chegado; um estetoscópio adormecido sobre a mesa, como serpente mansa.

O ar fazia eco na pele. No centro, nós: meu amigo deitado, nosso humano ajoelhado, eu encostado — o triângulo que sempre fomos, cabendo agora num silêncio que doía.

A doutora chegou com passos de quem sabe onde pisa.

Não trouxe pressa; trouxe tempo. Falou com nosso humano numa língua de cuidado. Pousou a mão no meu amigo como quem verifica se o mar ainda tem correnteza.

Capítulo 7: O Último Olhar na Sala Branca

E tinha — mansa, de volta. Ela explicou com voz de cobertor: primeiro o descanso que tira o peso, depois o descanso que tira a dor.

Mostrou a seringa ao humano como quem mostra uma chave: “é para abrir um lugar sem sofrimento”. Nosso humano assentiu com os olhos, porque a boca, às vezes, esquece como se faz.

Nosso humano fez na cabeça dele um caminho conhecido: da testa às orelhas, das orelhas ao peito, devagar, como quem grava mapa com a ponta dos dedos.

Eu toquei o nariz no dele — uma batida leve, de irmão para irmão — e foi ali, no encontro de respirações, que ouvi: — “Meu tempo acabou, irmão. Minha missão está cumprida. Agora é você quem continua.”

Senti as patas ficarem finas. O mundo ampliou de repente, como quando a gente olha muito tempo para um ponto e ele se afasta.

— “Não me deixa... Como sigo sem você?” — perguntei com o corpo, com a tremedeira que me tomou as pernas.

Ele fechou os olhos com aquela sabedoria de pôr do sol lento. A voz veio sem som, mas inteira, batendo nas minhas costelas por dentro:

Capítulo 7: O Último Olhar na Sala Branca

— “Você não vai sem mim. Você vai por mim. Corre por dois, ama por dois, vive por dois. Nosso humano ainda precisa de nós. Agora, o guardião é você.”

A doutora preparou a seringa. O vidro prometia descanso — desses que não dão medo. Primeiro, um carinho de algodão morno; depois, a picadinha do sono que vem com pressa boa.

O metal tocou a veia, e eu vi um alívio entrar, viajar, amaciar cantos. O rabo dele, que sempre foi bandeira, balançou uma última vez, pequenino, como quem assina o ponto e diz “tudo certo”.

A respiração dele virou estrada larga e, depois, campo. Ficou serena, ficou rasa, ficou paz. A doutora encostou o estetoscópio, ouviu o silêncio, assentiu com respeito. Deu-nos tempo — o mais raro dos remédios.

Nosso humano desatou o choro. Não foi choro escondido: foi rio. Caiu sobre o pelo do meu amigo, batizou o fim da dor com uma água antiga.

A doutora deixou um silêncio inteiro debruçar-se sobre nós. Depois, trouxe uma argila macia: “se quiser, podemos guardar a pata”. Nosso humano pegou a patinha com duas mãos, como quem segura um pássaro, e apertou de leve.

Ficou a marca — um desenho de trilha para dias difíceis. 83

Capítulo 7: O Último Olhar na Sala Branca

Ele envolveu meu irmão no cobertor — aquele mesmo com cheiro de casa —, colou no peito, balançou devagar. Eu encostei a cabeça no braço dele, e o braço tremia na medida exata de um coração que perdeu o compasso e ainda assim tenta dançar.

Saímos. A porta fechou. O barulho foi uma linha desenhada no ar. Mas, dentro de mim, nada fechou. Um cômodo novo apareceu onde não tinha nada: quarto feito de ausência que, paradoxalmente, doía como se estivesse cheio de móveis.

No corredor, uma senhora cruzou conosco e pôs a mão no peito; entendi que algumas despedidas convidam outras memórias para fazer companhia.

A viagem de volta ladeou o dia. O motor parecia levar mais tempo entre uma esquina e outra. Eu mantinha o focinho no cobertor — precisava gravar o que restava: o rastro.

Nosso humano olhava a rua com olhos de quem procura e, ao mesmo tempo, sabe que não vai achar. O sinal abriu; ninguém buzinou.

Senti que a cidade, de algum modo, respeitou. Um vento amolecido entrou pela janela, trouxe cheiro de pão e de chuva distante, e, por um instante, a dor ficou deitada, sem força para morder.

Em casa, o portão deu sua nota de ferro.

Capítulo 7: O Último Olhar na Sala Branca

O quintal nos recebeu com os cheiros da nossa história: terra que bebeu muita água, madeira dos brinquedos antigos, o perfume do sabonete que sempre ficava na área de serviço.

A tigela dele ainda estava no canto, com um risco de luz brincando na borda. A guia pendia do prego como um braço que quer abraço.

A árvore estava lá — a mesma, grande, com o tronco grosso que guarda calendários. A sombra dela já tinha sido tapete, teto, esconderijo e cama. Agora, seria guardiã.

Nosso humano escolheu um lugar entre raízes — onde a árvore fala com o chão — e começou a abrir a terra. Cada pá foi uma respiração.

A pá entrou, saiu, pousou. Entrou, saiu, pousou.

Eu acompanhava os gestos como quem vigia um milagre ao contrário: devolver o que se ama para o ventre que nos deu. Lembrei de nós dois correndo naquele mesmo desenho de sombra, brigando de mentira por uma bola que já nem apitava.

Lembrei do verão das jabuticabas, quando ele aprendeu a cuspir caroço como quem atira estrelas.

Capítulo 7: O Último Olhar na Sala Branca

Lembrei do dia em que nos perdemos de propósito atrás do tronco só para que nosso humano fingisse procurar e, no encontro, o riso virasse prêmio.

A cova não era profunda demais, nem rasa; era exata. Ele deitou meu amigo ali, com a delicadeza de quem arruma um sono.

O cobertor ficou por cima, e, por um instante, o quintal teve cheiro de armário aberto e abraço guardado.

A primeira camada de terra caiu com silêncio de mão dada. O som era diferente de todos os sons: um barulho de eternidade começando.

A segunda camada veio mais confiante.

A terceira fechou um desenho invisível — e eu entendi: ele não foi para longe. Não foi para o nada.

Ficou em casa — no lugar onde a gente sempre volta, mesmo quando se afasta.

Nosso humano tirou do bolso a plaquinha com o nome dele, aquela que antes tilintava nos passeios; amarrou num galho baixo.

O metal bateu de leve na casca — tlim — e esse som virou sino pequeno, chamando a memória para perto.

Capítulo 7: O Último Olhar na Sala Branca

Quando tudo assentou, eu me deitei sobre o montinho fresco. A umidade escalou meu peito; o cheiro dele ainda subia como fumaça boa de lenha.

O vento passou e mexeu as folhas com mais vontade — um sussurro de roupa de árvore. E eu ouvi de novo:

— “Levanta, irmão. Não chora por mim. Eu sigo em ti. Agora, és meus olhos, minhas patas, meu coração. Nosso humano precisa de você. O legado é teu. Cuida dele. Cuida da casa. Continua a nossa história.”

As lágrimas do nosso humano pingaram na terra. Eu lambi sua mão, escrevendo com saliva a promessa que cansei de repetir por dentro: estou aqui; eu cuido; eu prometo.

Ficamos um tempo assim: ele de pé, eu deitado, meu amigo deitado mais fundo — três presenças em três alturas, amarradas por raízes.

A árvore respirou conosco. Pousou um pássaro no galho; cantou uma nota só, como quem assina o livro do momento. Ao longe, a rua manteve sua vida — um cachorro latiu, uma bola bateu no muro, alguém riu falando alto.

Aqui, o mundo parecia em câmara lenta, respeitando a nossa nova geometria.

A noite chegou acendendo lâmpadas no céu.

Capítulo 7: O Último Olhar na Sala Branca

Uma, duas, muitas — uma colcha de pontos que sempre me pareceu fria e, curiosamente, agora me pareceu morna.

Nosso humano acendeu uma vela pequena num copinho de vidro e deixou na janela que dá para a árvore.

A chama tremulou e, por um instante, pareceu abanar o rabo. Deitei no batente da porta como nos velhos tempos de guarda.

Fiz a ronda dos cheiros, conferi as janelas, encostei o ouvido na respiração do nosso humano. Por instinto, procurei com o rabo o rabo do meu irmão. Não estava. O impulso doeu — mas, logo depois, alguma coisa encostou em mim, leve como poeira de luz. Não era vento. Era presença.

A primeira madrugada sem ele teve barulhos conhecidos e silêncios novos.

O relógio da sala teceu seu tic-tic; a geladeira suspirou; a casa estalou sua madeira em pontos discretos; e houve um espaço no som — exatamente onde ele costumava arrumar a cama com as patas antes de deitar.

De vez em quando, eu levantava, andava até a porta do quintal, olhava a árvore — ela crescia mesmo de noite, tenho certeza — e voltava. Quando o sono me pesou, deitei no lugar preferido dele — não para ocupar, mas para aquecer.

Capítulo 7: O Último Olhar na Sala Branca

Senti o cheiro dele misturado ao meu, e, em poucos segundos, a tristeza fez de mim travesseiro. Dormi o primeiro sono de guardião sozinho.

De manhã, a luz entrou pela mesma fresta de sempre. O quintal tinha orvalho, a grama segurava pérolas nas pontas, o ar cheirava a pão e a começo.

Caminhei até a árvore. Toquei o monte com o focinho. Uma formiga escalou e desceu educada, como se já nos conhecêssemos.

Um raio de sol acertou o lugar certo — onde o cobertor agora era uma lembrança mais funda — e eu entendi que minha vigília não seria só de noite: eu vigiaria o dia dentro dos dias.

Nosso humano saiu devagar. Olhos cansados de chorar, mãos querendo fazer coisas simples: varrer, regar, pôr a casa nos eixos para que o coração pudesse encontrar um.

Eu segui as botas dele, parei quando ele parou, sentei quando ele não soube o que fazer.

Encostei a cabeça no joelho e, ali, encontrei o jeito novo de ser dupla: ficar mais um segundo do que antes; ouvir o que antes meu irmão ouvia; latir o que antes ele latia.

Capítulo 7: O Último Olhar na Sala Branca

Na hora de regar a árvore, nosso humano deixou a água demorar um pouco mais naquele pedaço de terra, como quem dá de beber à saudade. Eu bebi também — deitada no chão, bebi o cheiro.

A tarde trouxe pequenas tarefas: lavar a tigela, dobrar o cobertor, encostar a guia numa caixa.

Cada gesto foi uma conversa que não pedia resposta. À noite, deitado ao pé da cama, falei com meu irmão no idioma que inventamos: uma conversa de silêncio que só dois cães sabem ter.

Contei tudo. Pedi força nas subidas e cuidado nas descidas. Senti, de novo, o toque leve que só sente quem aprendeu a escutar com a pele.

Os dias começaram a juntar calendários. No terceiro, o vento derrubou duas folhas sobre o monte — uma delas desenhou um coração que só eu vi.

No sétimo, o canto da manhã trouxe um sabiá que repetiu três notas, sempre as mesmas; adotamos como senha.

No décimo, nosso humano trouxe uma muda de flor e plantou ao lado: “para enfeitar o lugar onde mora o amor”, ele disse, e a voz tremeu sem cair. Eu fiquei de guarda até a flor aprender o caminho do sol.

Capítulo 7: O Último Olhar na Sala Branca

Quando o carteiro tocou o portão, eu latia por dois — e percebi que o eco que voltava era o dele, de algum jeito.

Vieram lembranças como ondas: o dia em que ele me ensinou a dividir o osso (eu fingia que não entendia para que a aula durasse mais); o banho na mangueira com a água que ria; a corrida sob chuva quando todos resolvemos que nos molhar era o plano; a primeira visita ao parque — ele na frente, eu atrás, nosso humano no meio —, com o vento arrumando nossos pelos na mesma direção. Veio também o dia da bronca merecida — a almofada rasgada com arte — e a paz depois, quando descobrimos juntos que perdão tem cheiro de cobertor limpo e colo largo.

A sala branca, eu entendi melhor, foi só o fim da dor — a chave girando para trancar o quarto do sofrimento.

O quintal, sob a árvore, é o começo da eternidade — a porta abrindo para uma casa maior do que as nossas paredes.

E, entre um lugar e outro, ficamos nós: um humano e um cão, vivos, aprendendo o ofício novo de continuar. Nosso humano pendurou a coleira dele num prego da varanda; às vezes o vento faz a plaquinha bater — tlim — e a casa inteira endireita a postura, como quem ouvisse seu passo antigo.

As estações passaram a trabalhar por nós.

Capítulo 7: O Último Olhar na Sala Branca

No outono, folhas cor de cobre bordaram o montinho e, por alguns dias, a terra virou colcha bonita.

No inverno, a neblina esqueceu um sopro de cinza no quintal e eu aqueci o chão com minha barriga, lembrando ao frio que ali morava calor.

Na primavera, as flores decidiram exagerar de propósito — nossa flor pequenina virou farol. No verão, a sombra da árvore esticou e coube nós dois deitados: eu, e o espaço que é dele.

Enquanto eu viver, viverei por dois.

Farejarei o rastro da alegria onde ela se esconder, puxarei com os dentes a ponta do tapete da tristeza para expulsá-la da sala, latirei para os medos que rondarem o portão. Amarei por dois — sem economia, sem medida.

Quando nosso humano se atrasar no banho, vou deitar no tapete como ele fazia.

Quando o carteiro exagerar no barulho, vou dar o aviso no tom certo. Quando a campainha tocar no susto, vou correr não por mim, mas por nós.

Porque meu amigo não partiu. Mudou de lugar.

Capítulo 7: O Último Olhar na Sala Branca

Agora mora em mim, no vento que penteia a copa, na casca rugosa que guarda histórias em círculos, no barulho das raízes bebendo água quando a mangueira canta.

Mora no tlim da plaquinha na varanda, no pedaço de cobertor que ficou com cheiro de abraço, na marca de pata de argila que repousa perto das fotografias.

E, todas as vezes em que o portão ranger naquele tom de sempre, vou levantar as orelhas — não de quem espera, mas de quem sabe: aquilo que é amor não vai embora.

Ele aprende outro caminho e volta pela sombra fresca da árvore para nos achar, todos os dias, no exato lugar onde começamos — em casa.



Capítulo 8: O Último Som de Pneus



Capítulo 8: O Último Som de Pneus

A rua sempre foi minha casa.

Acordei e me estiquei sobre o telhado morno, como quem confere se o dia coube no corpo.

As telhas, com sua geografia de ondas, já sabiam o desenho das minhas costelas; eu, por minha vez, sabia o caminho exato até a calha que vira ponte e me leva ao poste do qual salto, preciso, para o muro pintado de cal branco.

A manhã nasceu com um hálito de pão e tinta fresca — alguém renovou a fachada durante a noite.

O vento, ainda tímido, trouxe para meu nariz a pauta do dia: laranja descascada, detergente de louça, jornal recém-impresso, graxa de bicicleta, café forte.

A cidade afinou o coro, e eu, como sempre, entrei na música pelo faro.

Meu roteiro tinha capítulos.

Capítulo 1: Padaria. A moça, de avental azul, ajeita a cesta e “deixa cair” migalhas que o vento empurra para o meu lado como quem devolve recado.

Capítulo 8: O Último Som de Pneus

Ela não me chama, mas baixa o tom de voz quando fala comigo, como se se dirigisse a um bebê acordado.

Quando varre, desenha, sem querer, um semicírculo de pão ao meu redor: meu sol de migalhas.

Capítulo 2: Banca do jornaleiro. Eu me deito sobre o monte de jornais que ele alinha com a régua de metal.

Ele finge impaciência: “desocupa” — mas a mão vem pelo alto, encontra a parte de trás das minhas orelhas e me penteia com três passadas firmes.

Eu ronrono baixinho, só para ele ouvir. Ele sorri sem dente, como quem guarda um segredo antigo entre gengiva e alma.

Capítulo 3: Praça. Crianças com joelhos que contam histórias em casquinhas rasgadas.

Elas correm atrás de mim, eu corro atrás delas — ninguém alcança ninguém, e é assim que tem que ser.

Mãos pequenas me tocam com a delicadeza de quem aprende o peso das coisas. Um avô me oferece um biscoito doce, quebrado em dois.

Recebo como se fosse a primeira vez — e é, todas as vezes.

Capítulo 8: O Último Som de Pneus

Capítulo 4: Rua das oficinas. Cheiro de óleo, ferro, borracha; um rádio cria uma trilha sonora desafinada.

Eu caminho com a cauda em interrogação e recebo um “ô, valentão” aqui, um “sai de baixo” ali.

Sei desviar de macaco hidráulico e de pé apressado. Aprendi onde a sombra fica melhor às onze, e onde o sol não perdoa às duas.

Capítulo 5: Telhados. De tarde, viro sentinela. Subo, percorro, observo.

Vejo janelas abrindo e fechando como pálpebras do bairro.

O apartamento do canto tem um vaso de manjerição que perfuma a rua nos dias certos; o sobrado amarelo guarda um piano que toca devagar aos domingos; a casa da esquina deixa escapar cheiro de sopa de legumes que chega até mim como lembrança de colo.

Lá de cima, eu pertencço a todos sem invadir ninguém.

Eu não era invisível.

Era a pequena quebra da rotina — o vírgula viva — de quem passava. A moça do uniforme de escola, sempre atrasada, relaxava o passo quando me via atravessando o muro.

Capítulo 8: O Último Som de Pneus

O carteiro, que carrega o mundo sem abrir, sempre parava meio segundo para me fazer um afago de luva de couro.

O motorista do caminhão de gás me dava distância como se eu fosse lei. Os idosos na sombra dividiam silêncio comigo — e, de vez em quando, uma história que cheirava a naftalina e café coado.

Todos me adoravam.

Mas ninguém me levava para casa.

Eu era do bairro; e o bairro era de todos. Recebia água fresca em potes improvisados, arroz com frango nas tardes de sobra, sardinha nas sextas de feira.

Mas quando o frio escorria pelo mosaico de pedra, meu travesseiro era beiral; quando os fogos mordiam o céu, minha coragem era a do corpo encolhido na caixa de papelão.

Eu sabia dormir leve, comer o possível, fugir do improvável. E sabia voltar — sempre — para o mesmo ponto da história: a esquina onde as pessoas aprendiam, sem perceber, a me procurar com os olhos.

Não era injusto.

Capítulo 8: O Último Som de Pneus

Demorou, mas entendi: minha missão não era caber numa porta — era caber no caminho.

Ser o sorriso rápido na boca de quem ia para mais um turno, ser o conforto breve da criança que chorava porque a bola furou, ser a companhia de três passos para o idoso que contava o tempo pelo canto das pombas.

Eu era curto, mas fiquei em muita gente. Como cheiro de bolo assando: passa, mas não vai embora.

A tarde veio quente como tampa de panela.

O asfalto respirava pesado, derramando miragem; as buzinas costuravam frases sem educação; as motos abriam caminho como facas.

Eu seguia atento, dançando entre sombras, a escápula desenhando ondas sob a pele.

Cheirava o ar para saber de onde vinha o perigo, e de onde vinha o jantar. Então vi: do outro lado da avenida, um lampejo — um caco de vidro, uma latinha, um sol preso num ponto só.

Tesouros têm esse dom de me chamar pelos bigodes. Apertei o corpo no arco do impulso. Um... dois...

Capítulo 8: O Último Som de Pneus

O som veio antes do susto:

o grito dos pneus, longo demais para a distância curta.

Depois, o impacto — seco, mal educado, rápido demais para o meu corpo, lento demais para a minha percepção. O ar saiu como vela em igreja.

A dor subiu sem pedir licença. O mundo virou um tambor distante: vozes, passadas, sombras sem dono.

Deitado no asfalto, senti a temperatura da cidade com o lado de dentro da pele — ardia.

Cheiro de ferro, poeira, borracha, susto.

Tentei miar; o miado ficou preso num lugar onde o som não sabe entrar. Alguém gritou, alguém xingou, alguém mandou “calma”.

Um pé parou ao lado do meu rosto — tênis gasto na ponta, cadarço mal dado, respiração funda.

Os joelhos vieram; os braços chegaram.

Firmes, mas trêmulos, me ergueram como quem recolhe um santo quebrado que ainda abençoa.

Capítulo 8: O Último Som de Pneus

O peito onde me encostaram batia fora do compasso; a voz se partia:

— “Não me deixa... não agora, pequeno.”

A dor continuava, mas ganhou bordas novas — as do acolhimento.

Eu senti a pele do mundo ficar menos áspera. Pela primeira vez em muito tempo, não precisei ser o que a rua me ensinou: forte, rápido, imbatível na fuga. Pude ser leve. Pude ser levado.

A pressa virou caminho.

Alguém emprestou uma caixa, alguém abriu espaço, alguém correu por mim.

Eu vi o céu passeando no retângulo da tampa — luz branca de clínica antes mesmo de chegar nela.

No corredor claro, o antisséptico mordeu meu nariz; metal brilhava como lua doméstica; vozes baixas diziam “aqui”, “segura”, “calma”. Mãos não me faltaram.

Uma ficou na minha cabeça o tempo todo, abrigo para a orelha que tremia. Outra cuidou do meu flanco, para que a respiração pudesse passar.

Capítulo 8: O Último Som de Pneus

Se me perguntarem o que eu senti, digo: senti pertencimento. Não de endereço, de importância.

Naquele minuto elástico, eu era indispensável para alguém — e esse alguém era indispensável para mim. Fiquei; fui ficando. A dor não sumiu, mas o medo desaprendeu a língua.

Eu entendi ali — sem aula, sem frase feita — que minha missão já estava cumprida.

Eu não era um “coitado de rua”; eu era o gato do bairro. Fui nó que juntou pontas de histórias que nunca se tocariam: a moça da padaria, o jornaleiro, o carteiro, as crianças, o senhor do banco, o rapaz do violão desafinado, a mulher da floricultura que ajeitava meu pano nos dias de chuva.

Eu fui deles um pouquinho — e eles foram meus.

No minuto que alongou o destino, um pensamento do tamanho de um pingo coube inteiro:

“Se for a hora, que seja nos braços de alguém.”

Foi.

O mundo diminuiu o volume. O clarão deixou de doer.

Capítulo 8: O Último Som de Pneus

O toque na minha orelha ficou mais quente. E eu, que tantas vezes adormeci sobre pedras e caixas, adormeci sobre um peito.

O último som que ouvi não foi o dos pneus; foi um “fica” transformado em “obrigado” sussurrado, repetido como mantra. Senti o corpo desapertar. Senti meus bigodes descansarem. Senti o peso virar leveza.

Se me perguntarem se doeu, digo a verdade: doeu.

Mas doeu menos do que certas madrugadas geladas.

Menos do que ser “quase de alguém” por muito tempo.

E, no fim, o que ficou foi o calor de ter sido amado — do jeito que a cidade sabe amar: em pedaços, por etapas, em turnos, mas com verdade suficiente para atravessar o asfalto e chegar comigo onde quer que eu precise ir.

A rua segue.

Vai continuar sem mim: pombos negociando migalhas, ônibus abrindo caminho, telhados guardando o sol, janelas piscando vida.

A moça da padaria ainda “vai deixar cair”; o jornalista ainda vai resmungar; as crianças ainda vão correr; o senhor do banco ainda vai ter um biscoito no bolso.

Capítulo 8: O Último Som de Pneus

E, quando passarem pela esquina onde talvez alguém deixe uma tigela de água mais do que antes, vão olhar sem saber por quê.

Vão procurar, por um reflexo de hábito, o rabo listrado cruzando o muro.

Vão sorrir de leve, melancólicos, e seguir adiante com um pedaço de mim amarrado à memória.

Eu parto sem endereço.

Mas não parto sem casa.

Minha casa é o raio de sol que atravessa a vitrine e me encontra.

É a marquise que canta chuva em tonalidade conhecida.

É o muro onde meus pelos ficaram dizendo “estive aqui”.

É a mão que lateja de um afago tardio.

Minha família é plural e caminha de muitos jeitos: de avental, de uniforme, de salto, de chinelo, de bengala.

Capítulo 8: O Último Som de Pneus

E se o mundo me perguntar o que importa, eu respondo com a simplicidade que aprendi nos telhados:

não é onde se vive — é quanto se toca.

Eu toquei. Fui tocado.

E, por isso, não fui o gato da rua no final.

Fui o gato da vida de muita gente — e isso, eu garanto, a cidade não sabe varrer.



Capítulo 9: O Último Sopro de Gratidão



Capítulo 9: O Último Sopro de Gratidão

O hospital tem cheiros que nunca esquecerei: álcool que arruma o ar, remédio que promete alívio, e o perfume sutil das mãos humanas que me tocaram com cuidado.

Há também o cheiro de tecido limpo recém-passado, de borracha das rodinhas que cruzam o corredor, de sabão que insiste em vencer a noite.

Um sopro de café escapa da copa nas trocas de turno, conversa com o odor de luvas novas e some quando a porta fecha. Cheiro de fita adesiva, de gaze aberta, de plástico que protege.

Cheiro de chuva nas solas, quando alguém chega apressado, e de sol nas roupas, quando alguém vai embora tarde.

E o som — sempre o som: máquinas que contam o tempo em bips disciplinados, respiradores que suspiram como mar de marola, passos apressados que falam “já vou”, vozes baixas que se chamam pelo nome, cortinas que deslizam como páginas de um livro comprido, o tec contido de teclas ao lado do meu leito, a porta automática que respira abrindo e fechando.

Para muitos, um lugar frio, urgente, técnico. Para mim, foi onde aprendi que, mesmo quando a dor aperta, o amor pode florescer com jaleco branco.

Capítulo 9: O Último Sopro de Gratidão

Lembro dos dias em que a dor me prendia e cada respiração parecia luta.

O peito pesava, como se eu arrastasse uma pedra invisível por dentro. Minhas patas, outrora cheias de pressa, não obedeciam.

A cabeça procurava posição e não encontrava.

Às vezes eu fechava os olhos achando que não abriria mais. Mas, quando abria, sempre havia alguém. Um par de olhos me encontrava, firme, presente, dizendo sem dizer: “não é o fim, estamos aqui, fica mais um pouco”.

Vieram agulhas, soros, curativos. Raspavam um pedacinho do meu pelo para achar a veia — aquele friozinho de álcool que arrepiava até a lembrança.

Colaram em mim fios que faziam montanhas verdes num céu de tela. A luz forte do foco doía como meio-dia sem sombra; então baixavam o dimmer e a tarde se ajeitava no quarto.

Os apitos não paravam — mudavam de tom para avisar que algo pedia atenção. Mas, acima de tudo, vieram olhos que não desistiam de mim.

Eu falava com os olhos; eles entendiam com o coração.

Capítulo 9: O Último Sopro de Gratidão

Quando minha respiração falhava, bastava eu procurar ajuda com o olhar — aflito, curto — e logo mãos gentis me viravam de lado, ajustavam o coxim sob o peito, desamarravam o medo dos tubos, soltavam o velcro que puxava a pele.

Uma palma espalmada vinha à minha testa, e alguém sussurrava perto da orelha: “calma, companheiro, eu estou aqui”.

Quando a sede queimava a garganta, eu mirava a tigela esquecida no canto; uma enfermeira adivinhava meu pedido e trazia água fresca, encostando a borda no meu focinho com paciência de quem segura lua.

Às vezes, umedeciam minha boca com uma seringa sem agulha, gota por gota, como quem devolve rio a um leito seco.

Quando a febre arrepiava o corpo, trocavam-se lençóis mornos por frios, a janela cedia um dedo de ar novo, o termômetro virava promessa de cuidado — e eu me aninhava no som ritmado de vozes que sabiam o que fazer.

Eu não sabia falar como eles; eles aprenderam a ouvir a minha alma. O tremor da pata virou frase.

A cauda que não se mexia virou ponto de interrogação.

Capítulo 9: O Último Sopro de Gratidão

O brilho do olho virou resposta. Quando eu piscava devagar, era obrigado.

Quando eu fungava fundo, era “dói aqui”.

Quando eu deitava o queixo na borda, era “fica um pouco mais”.

E, nessa língua inventada à beira da dor, nós nos entendemos.

Havia rituais que me salvaram sem alarde.

De madrugada, quando o hospital parece segurar a respiração, alguém passava apenas para “dar uma olhadinha”: ajeitava o cobertor, coçava o ponto certo atrás da orelha, conferia o soro, apagava um excesso de luz.

Uma pessoa da limpeza varria o corredor com o cuidado de quem varre os pensamentos — e o cheiro de pinho desenhava uma esperança discreta.

Ao amanhecer, o carrinho de curativos vinha com seu pequeno carnaval de gazes e fitas: mãos firmes, toques leves, palavras mansas que distraíam a dor.

Às vezes, cantavam baixinho enquanto trocavam o curativo, e a canção entrava em mim como se entrasse luz.

Capítulo 9: O Último Sopro de Gratidão

À tarde, fisioterapia de passos miúdos — duas mãos sob meu peito, duas sob meu quadril, e eu, cambaleante, descobrindo que voltar a pôr o corpo no mundo também é um tipo de oração.

Na porta, alguém dizia: “devagarinho, mas lindo”, e eu acreditava.

Alguns me chamavam pelo nome de prontuário; outros inventaram apelidos que cabiam em suspiros.

Tinha quem passasse e dissesse “oi, campeão”, quem brincasse “quem aguenta esse charme?”, quem só sorrisse com os olhos por trás da máscara.

Lembro de uma risada breve na troca de turno, de um “olha quem já quer levantar”, de um “bravo, campeão” dito com os olhos brilhando.

Lembro de dedos que traziam cheiro de café e de mãos que guardavam o perfume do próprio lar, como se me emprestassem um pouco de casa nos intervalos da luta.

Lembro de quem falava pouco e de quem narrava o dia para mim como conto de ninar: “lá fora choveu, a cidade está fria, mas aqui dentro você está protegido”.

Capítulo 9: O Último Sopro de Gratidão

Lembro da técnica que enfeitava meu leito com um paninho limpo, dobrado em vela, só para ficar bonito.

Lembro do médico que, antes de auscultar, me pedia licença — e eu, claro, dava.

Houve dias de exames com nomes compridos.

Levaram-me num carrinho baixo que fazia tin-tin nas emendas do piso.

A sala de raio-x cheirava a metal decidido; pediram quietude e eu virei estátua obediente, o peito aprendendo a segurar o vento.

Na ultrassonografia, o gel frio achou caminhos por dentro — a mão que guiava a sonda era tão leve que parecia pedir desculpas.

Em todos os lugares, havia alguém dizendo “já passa” no idioma que cada um sabe.

Vieram as pequenas vitórias, essas que não aparecem em laudos mas mudam o destino:

o primeiro gole de água sem engasgar; o primeiro prato devorado com apetite tímido (a comida aquecida um pouco mais, porque sabiam do meu gosto);

Capítulo 9: O Último Sopro de Gratidão

O primeiro passeio curto no corredor, enquanto um técnico dizia “devagarinho, mas lindo”; o primeiro abanar de cauda que arrancou risos como foguetório contido. Ganhei um cobertorzinho com meu cheiro — meias horas de paz concentradas em tecido.

E um bilhete preso ao quadro branco: “meta do dia: duas voltinhas e um sorriso de rabo”.

Entre uma intervenção e outra, havia o que realmente cura: presença. Uma enfermeira que ficava um minuto a mais só segurando minha pata.

Um estagiário que, mesmo sem matéria no plantão, passava para saber “como amanheceu o nosso amigo”.

Um voluntário que lia em voz macia um pedaço de jornal e depois traduzia para mim: “isso aqui é coisa de humano, mas o importante é que o sol apareceu”.

Quando a saudade apertava, deixavam meu humano chegar.

Ele vinha com o cheiro do nosso portão, do nosso quintal, do nosso travesseiro.

Dizia meu nome no tom exato que abre portas por dentro. Encostava a testa na minha e, por meia hora, o hospital virava extensão de casa.

Capítulo 9: O Último Sopro de Gratidão

Eu lembrava do que era leve, e o leve lembrava de mim.

Eles me devolveram algo que eu já não esperava: tempo.

Mais alguns dias para sentir o sol aquecer meu pelo no pátio da internação, quando abriram a porta e a luz entrou como visita querida.

Mais algumas horas para ouvir meu humano me chamar pelo nome com o tom de quem acredita.

Mais alguns instantes para respirar sem faca, mastigar sem medo, encostar o focinho na mão de quem apostou em mim quando eu quase esqueci de apostar.

E, às vezes, a dor voltava — era parte do combinado. Voltava e encontrava um batalhão pequeno: gelo envolto em pano, remédio que chegava como barco em mar bravo, palavras que ancoravam (“vai passar, estamos juntos”), silêncio que respeitava.

O medo vinha tentar conversa e não encontrava cadeira. Quando a noite pesava, ligavam um barulhinho de chuva em caixinha, baixavam a luz até a cor de suspiro e me cobriam com uma manta morna.

A ciência segurava minha mão; a compaixão, meu espírito.

Capítulo 9: O Último Sopro de Gratidão

No dia da alta, me entregaram um lenço limpo com meu cheiro e um recado preso na coleira: “foi forte, volte para visitar”.

Recebi também um papel que o meu humano leu com cuidado: horários, doses, alerta de sinais — o lado prático do amor.

Caminhei com passos ainda trêmulos, mas com uma dignidade que não cabia no meu corpo.

Atrás de mim, desligaram máquinas, fecharam prontuário, guardaram frascos — e, ao mesmo tempo, abriram espaço no peito: vi lágrimas discretas, sorrisos contidos, olhares que não eram de profissionais; eram de amigos, de protetores, de anjos que aprenderam a caber dentro do tempo dos outros.

Na porta, virei-me uma última vez.

Procurei todos: a que sempre ajeitava meu travesseiro, o que me ensinou a dar três passos, a que trouxe água antes da sede, o que fez piada quando o medo mordeu, a que, sem dizer nada, ficou sentada perto de mim numa madrugada inteira.

Encontrei cada par de olhos e disse do único jeito que nós, cães, sabemos dizer o que é grande demais para caber em voz: com os meus olhos. Eles entenderam.

Capítulo 9: O Último Sopro de Gratidão

Um suspirou fundo como quem solta um peso antigo; outro desviou o rosto para enxugar o brilho que insistia; um terceiro abriu um sorriso torto que queria ser coragem.

O silêncio do corredor não era de despedida eterna — era o silêncio das missões cumpridas, das batalhas vencidas por um fio, do respeito pela vida que decide ficar.

Lá fora, o vento me recebeu como velho conhecido.

Bateu no meu focinho, varreu as últimas sombras, encheu o peito.

Respirei sem dor — e esse gesto simples virou milagre. Dei dois passos, depois três, depois cinco.

No carro, meu humano chorou e riu na mesma frase; encostei a cabeça na sua mão e repeti para dentro: “voltamos”.

Do lado de fora do vidro, a cidade continuava sua pressa, sem saber que naquele banco traseiro seguia um coração remendado a quatro mãos, costurado por gente que não me deixou partir antes da hora.

Eu sabia: se hoje caminho de volta ao lar, é porque antes alguém acreditou que eu ainda merecia mais um capítulo.

Capítulo 9: O Último Sopro de Gratidão

Em casa, o sol encontrou meu cobertor como quem acha um endereço antigo.

O barulho conhecido da nossa porta, o cheiro do nosso chão, a tigela no lugar de sempre — tudo me recebeu com a mansidão dos recomeços.

Deitei e ouvi, ao longe, o eco do hospital — mas não como medo: como gratidão.

Cada bip virou batida de alegria; cada toque virou lembrança de cuidado; cada rosto virou luz de farol.

Antes de dormir, prometi: voltarei para visitar.

Levarei minha cauda anunciando festa, minha língua distribuindo obrigada, meus olhos dizendo aos de lá que cada minuto ganho virou mundo.

Fechei os olhos com o peito leve e uma certeza nova: o milagre não foi apagar a dor do mundo;

foi acender pessoas o suficiente para que, no meu mundo pequeno, a dor perdesse a última palavra.

Capítulo 9: O Último Sopro de Gratidão

Se amanhã eu correr de novo pelo quintal, se o vento fizer graça nas minhas orelhas, se o pote de água tilintar como música — será porque um dia, num hospital que cheira a álcool e esperança, alguém escolheu me ver inteiro quando eu quase não cabia em mim.

E isso, para sempre, será meu sopro de gratidão.



Capítulo 10: A Última Sombra no Portão



Capítulo 10: A Última Sombra no Portão

O portão range como sempre. Esse som metálico, áspero para alguns, é meu sino de casa: um acorde de ferro que, desde filhote, me ensinou os horários do mundo — quem chega, quem parte, quem se demora.

Há um trêmulo no metal segundos antes do estalo, um aviso que viaja pela barra até meu peito.

Quantas vezes disparei ao primeiro crec, rabo em estandarte, peito abrindo caminho, patas que mal tocavam o chão, como se cada retorno fosse a estreia de um espetáculo que eu já decorei e nunca me canso de assistir.

Hoje não salto alto; meus joelhos conversam com o tempo, minhas juntas avisam “devagar”.

Ainda assim, encosto o focinho na fresta, deito o corpo no cimento frio, ouço a rua com o corpo inteiro — e espero.

Já fui trovão.

Eu, a sirene boa da casa. Latido no tom certo, na hora certa; passo firme entre a porta e qualquer dúvida.

O carteiro sabia meu nome pelo som; o vizinho dava meia-volta quando eu dizia “aqui não”; o vendedor aprendia a pedir licença com voz mansa.

Capítulo 10: A Última Sombra no Portão

Eu anunciava gente, eu espantava sombras, eu fazia da madrugada um lugar seguro. No meu peito, a casa dormia; nas minhas orelhas, a casa acordava.

Se o vento mexia demais na cerca viva, eu conferia. Se a lua alumia forte, eu vigiava. Se a chuva passava do telhado para o quintal, eu contava as gotas até a casa adormecer de novo.

Agora carrego o pelo pintado de sal e luz, cicatrizes que o sol conhece pelo apelido, um cansaço elegante de quem cumpriu mil turnos sem bater ponto.

O latido não alcança tão longe, mas meus olhos ainda afinam a paisagem como violino: reconheço passos pela cadência, pessoas pela maneira como deslocam o ar, cheiros pelo rastro de pão, café, sabão, poeira, chuva ou saudade que deixam atrás de si.

O coração — esse tambor que me empurra para a frente — ainda tropeça feliz quando o portão respira um conhecido. O corpo sabe: eles estão voltando.

E eu espero.

A espera, aprendi, é um verbo que se conjuga com o corpo. Para mim, um minuto pode ser uma eternidade inteira de farejos, auscultas, memórias que vêm se sentar ao meu lado.

Capítulo 10: A Última Sombra no Portão

Eu não me queixo. Não me apresso. Fico.

Nesse gesto silencioso, ensino o que sei desde sempre sem precisar de palavras: que o amor é paciente como sombra no meio-dia, que a esperança tem musculatura de vento, que a fidelidade é fogo baixo que nunca se apaga — aquece sem chamar atenção.

Reconheço meu humano antes da chave.

Há um modo só dele de pisar na pedra, um suspiro que antecede o portão, um cheiro de rua vencida — suor e pó, perfume de vitória — que me chega como notícia boa.

Quando ele cruza a grade, o mundo muda de peso; eu me ergo devagar, encosto a cabeça na sua mão, e sinto seus ombros descerem meio centímetro.

É o abraço que o ferro não sabe dar — eu sei. E, por um instante, o dia inteiro se realinha: conta bancária, trânsito, prazos — tudo aprende o compasso do rabo que balança.

As crianças cresceram na minha guarda.

Lembro das mochilas maiores que os corpos, dos joelhos que colecionavam casquinhas como medalhas, da pressa de chegar primeiro à campainha.

Capítulo 10: A Última Sombra no Portão

Eu corria junto, afogando buracos com meu corpo, segurando a queda com minha presença, latindo para a alegria voltar a subir.

Dei bronca em roda de bicicleta, escoltei bola teimosa, deitei atravessado na fresta quando a rua quis se insinuar por debaixo do portão.

Agora, elas atravessam o portão com passos que já sabem seu caminho.

Ainda assim, a mão vem — automática, distraída, perfeita — pousar na minha cabeça.

É um segundo; é uma vida inteira amarrada num gesto. Quando esquecem, volta um toque na escápula, um “eita, velho”, e eu respondo com um suspiro que guarda todos os recreios.

Sou sombra no portão; e também arquivo vivo.

Guardo o tilintar das bicicletas num verão que não acaba, o assobio do vendedor de laranja, a cantiga do carrinho de gás, o cloc do salto da vizinha que volta tarde, o ronco do caminhão às seis, o silêncio que pesa antes da chuva.

Capítulo 10: A Última Sombra no Portão

Guardo a noite em que um estranho recuou ao ouvir meu aviso, a tarde em que um passarinho caiu do ninho e eu virei estátua para não assustar, o dia em que a bola voou para a rua e eu me deitei de atravessado na fresta até alguém perceber que havia risco.

Guardo sabores de sol no cimento e gelos de madrugada nos ossos — e, mesmo assim, nunca desisti de ficar. Se a memória tivesse cheiro, a minha teria jasmims da cerca, ferro quente de meio-dia e pão de tarde.

Tenho rituais como quem tem uma profissão.

Ao amanhecer, leio o jornal do vento: café novo na cozinha, pão no vizinho, sabonete na toalha, grama molhada com cheiro de promessa.

Cheiro também os correios invisíveis — uma carta de saudade atravessando o bairro, uma notícia boa treinando sorriso.

Ao meio-dia, as sombras das barras me vestem listras de luz; eu as deixo me mudarem de lugar sem sair do chão.

À tarde, escuto a rua diminuir uma oitava; o sol treina despedidas no muro e eu conto histórias para o silêncio como quem acalma um filhote.

Capítulo 10: A Última Sombra no Portão

À noite, confiro os sons por camadas — televisão longe, prato na pia, risos, passos, porta, tranca — e só então deito a cabeça com metade do ouvido em serviço.

Há esperas que testam a paciência.

O portão range no apartamento ao lado; o coração salta; não é aqui.

Deito de novo, viro o corpo, mudo o osso de lugar, bebo água, volto.

O tempo às vezes teima em se arrastar. Eu pisco devagar e lembro: esperar também é cuidar do intervalo.

O intervalo é a ponte entre quem parte e quem chega — e eu sou ponte há muitos anos.

Quando o relógio da sala falha e perde o compasso, eu empresto o meu: respiro contando as barras do portão como quem recita um poema secreto.

O tempo me ensinou a ler ausências.

Tem dias em que o portão range e o perfume de quem amo não chega.

Capítulo 10: A Última Sombra no Portão

A casa respira fundo, muda a música, acende luzes de outro jeito. Eu entendo. Sento. Troco de lado. Dou meia-volta no quintal.

Alinho meu corpo ao batente, empresto o calor do meu flanco à porta como quem aquece um retorno que vai demorar.

Puxo o cobertor com o focinho, arrumo a almofada da sala, organizo o invisível.

Quando, enfim, a chave gira, é como se eu devolvesse ao mundo o fôlego que segurava. Às vezes, a chegada vem cansada; eu aparo.

Às vezes, a chegada vem triste; eu traduzo em silêncio.

Às vezes, a chegada vem rindo; eu multiplico.

O portão me ensinou meteorologia de gente.

Chave que erra o buraco duas vezes é preocupação. Batida apressada no ferro é pressa boa.

Maçaneta que demora é conversa na calçada.

Passo que arrasta é domingo. Passo que salta é notícia.

Capítulo 10: A Última Sombra no Portão

Cheiro de chuva no casaco é abraço mais longo; cheiro de rua seca é beijo de corredor e “já volto”.

Eu não erro: o meu nariz lê os dias melhor que calendário. Se vem temporal, espicho o corpo para que caibam mais pés atrás de mim.

Se vem calma, viro paisagem.

Guardo também as noites de prova.

Aquela madrugada em que o trovão abriu a casa na metade e eu juntei os pedaços com o corpo.

A outra em que a luz foi embora e a rua ficou cheia de ruídos sem dono; eu decorei cada um até que virassem conhecidos.

Houve a noite em que o choro na rua era de gente e a minha voz foi recado: “aqui tem gente acordada, aqui tem colo”.

E houve a noite mansa do aniversário — balões amarrados nas grades, cheiro de bolo cortando o escuro, gente cantando do lado de fora, e eu batendo o rabo no compasso, maestro do portão.

Também sou cronista de festas e lutos.

Capítulo 10: A Última Sombra no Portão

Se tem churrasco, as brasas chegam primeiro — aviso que a alegria está acendendo.

Se tem formatura, as roupas cheiram a tecido novo e fotografia.

Se tem despedida, há um silêncio antes da chave, aquele silêncio que abaixa a luz do quintal.

Em cada rito, eu sou margem: não entro na foto, mas mantenho a moldura firme.

Quando a casa ri alto, eu abro espaço para o riso voltar no dia seguinte.

Quando a casa chora baixo, eu sustento o fio para que ninguém se perca.

E há a música secreta: quando venta por entre as grades, a rua toca flauta.

O ferro responde, o muro repica, a árvore dá contracanto, e eu, deitado, regulo o compasso.

Se passa um desconhecido, afino o ouvido; se passa o carteiro, abano o rabo; se passa o amor, levanto inteiro, ainda que leve um segundo a mais.

Capítulo 10: A Última Sombra no Portão

Minha arte, agora, é erguer presenças com pouca força e muito sentido.

Sou maestro de um instrumento só, mas toco dentro do tempo do coração de quem volta.

Tenho minhas manias de velho oficial.

Cheiro o tapete, alinho as patinhas com a última barra do ferro, confiro se a pedrinha solta do piso continua solta (está), conto três respirações antes de decidir em qual lado deitar.

Às vezes, um lagarto me visita; não brinco mais de caça, só de conversa.

Uma formiga sobe pela grade, e eu a observo como quem lê um livro.

O sol muda de lugar, e eu mudo com ele dois palmos — promoção sem aumento de salário.

Quando a lua derrama prata no portão, eu viro reflexo — metade cão, metade luz.

Sei que um dia o portão vai ranger e eu não estarei atrás dele.

Capítulo 10: A Última Sombra no Portão

A rua continuará com suas novelas: o pregão do milho, a risada do vizinho, a bicicleta com freio cantando, a nuvem desabando no horário errado.

Faltarão, porém, a geometria do meu corpo encostado às grades, o triângulo do meu focinho na fresta, o tec-tec discreto da minha cauda batendo no ferro para dizer “é nosso”.

O silêncio que sobrar vai desenhar minha ausência no ar como giz no chão.

E, paradoxalmente, esse vazio será a prova mais bonita de que eu estive: não no cimento — que a chuva apaga —, mas nos peitos — que a vida não varre.

Porque foi isso que aprendi:

esperar é amar; vigiar é cuidar; ser sombra é dar calor sem pedir nome no letreiro.

O portão me fez músico de uma nota só — a nota da constância.

E a casa, por causa dela, sempre soube para onde voltar dentro de si.

Fui guarda e guia, dobradiça e campainha, tapete e farol.

Capítulo 10: A Última Sombra no Portão

Sustentei o tempo com o peso de um corpo deitado no lugar certo.

Hoje, sou mais que guardião do ferro: sou zelador de lembranças.

Vigia de aniversários e invernos, de churrascos e lutos, de ensaios de violão e de tarefas de matemática feitas entre suspiros.

Sou sentinela do tempo, o relógio que não precisa de ponteiro: basta meu corpo deitado sempre no mesmo lugar para todo mundo saber que, apesar do mundo, a casa segue sendo casa.

Se alguém esquece a chave, eu empresto o caminho. Se alguém esquece de si, eu relembro com um encosto de cabeça.

E, se quiserem saber meu segredo, direi sem latir:

— Eu crio portas por dentro.

Mesmo quando a de fora está fechada, há sempre uma aberta aqui, onde guardo as chegadas antigas para que ninguém se esqueça do caminho.

Capítulo 10: A Última Sombra no Portão

É por isso que, às vezes, antes mesmo do estalo, já estou de pé: ouvi a lembrança de outros dias abrindo — e fui atender.

Quando eu me for, peço apenas isto: que, ao ouvir o rangido metálico, alguém sorria sem saber por quê; que uma mão passe pelo ferro como se fosse meu pelo; que um “cheguei” saia mais leve, como quando a gente sabe que está sendo esperado.

Se acontecer, saberei — onde quer que eu esteja — que minha última vigília continua acesa.

Até lá, sigo aqui: sombra, silêncio, presença.

Com o focinho na fresta, o coração na porta e o mundo inteiro reduzido ao milagre de uma chave que gira.

Porque, até o último instante, minha missão é a mesma — esperar, ensinar e amar — e transformar, a cada ranger do portão, a casa do lado de fora na certeza mais bonita do lado de dentro: alguém te espera.



Capítulo 11: O Último Lamber da Água



Capítulo 11: O Último Lamber da Água

A A tigela está cheia, como sempre.

Água fresca, limpa, pousada no mesmo canto da cozinha onde a luz da manhã entra pela janela e desenha mapas dourados no chão.

As partículas de poeira dançam devagar, como se o sol soprasse uma valsa só para mim.

A cerâmica guarda um frio bom, e o azulejo devolve ao mundo um brilho de lago doméstico.

Aproximo-me sem pressa.

Já não tenho o vigor de antes, mas caminho com a dignidade de quem aprendeu cada ladrilho desta casa, uma vida inteira de idas e vindas entre a janela e o colo, entre a sombra e o quente, entre o silêncio e a conversa que existe no barulho da torneira.

A cada passo, memórias me acompanham — uma procissão de cenas miúdas que faz barulho por dentro.

Lembro dos dias em que eu chegava arfando à tigela, com sede de quem caçou o próprio fogo: corridas pelo corredor, escapadas que terminavam em derrapagem no tapete, saltos calculados para o encosto do sofá (às vezes, mal calculados), escaladas de cortina dignas de montanhista e perseguições ferozes a mosquitos invisíveis.

Capítulo 11: O Último Lamber da Água

O corpo era todo estalo de mola; as patas, fogos de artifício em miniatura.

Quando o peito pedia trégua, eu voava para a água: um, dois, três goles — e o mundo voltava a caber dentro de mim sem aperto.

Era a água da vitória, com gosto de travessura bem-sucedida, de segredo contado ao ouvido da casa.

Houve também os dias de doença.

Manhãs em que o corpo pesava como chuva; as patas eram areia molhada; os olhos, portinhas que insistiam em fechar sem minha permissão.

A garganta, áspera; o apetite, tímido; a casa, grande demais. Ainda assim, a água — simples, transparente, humilde — era um fio de vida puxando a ponta do meu cansaço de volta à margem.

Um gole, um descanso, outro gole, um ronronar pequeno.

Ali aprendi um segredo que só o tempo explica: nas coisas mínimas moram poderes imensos.

A tigela, imóvel, era o coração tranquilo da cozinha: batia em mim sem fazer barulho.

Capítulo 11: O Último Lamber da Água

Agora, frente à tigela, escolho a lentidão como quem escolhe uma música boa.

A língua encosta, toca, recua; volta; desenha círculos na superfície e cria pequenas tempestades que morrem na borda.

O som — plim-plim quase de sineta — se espalha pelo azulejo e volta para mim como elogio.

Cada arremate é uma lembrança: o carrinho que empurrei de propósito para debaixo do fogão só para vê-los procurar; o laço de fita capturado como se fosse dragão; o olhar comprido lançado da janela para o mundo — e o mundo, obediente, ficando quieto para eu admirar. Sorvo e recordo. Sorvo e agradeço.

Há, porém, um detalhe que só nós, gatos, entendemos:

o coração felino é um explorador disfarçado de contemplativo.

A mesma cena, repetida mil vezes, continua sendo minha — até que um som novo a convoque para outro lugar.

Foi assim que, num desses dias em que a casa respirava leve, ouvi uma música que não vinha do rádio, nem da rua, nem do vento: era a canção da água em movimento.

Capítulo 11: O Último Lamber da Água

Encontrei a fonte.

Primeiro, cheirei. Cheiros conversam antes das palavras.

Depois, toquei com a pata — o dedo mínimo da curiosidade.

A água respondeu com um arrepio pequeno, um brilho vivo, uma risadinha líquida.

Então, bebi.

A fonte não era só água: era ideia.

Era lagoa que nasce de si, sempre fresca, sempre renovada.

A tigela é casa; a fonte é viagem. Não havia despedida ali; havia continuidade.

O que minha língua tocava era passado e futuro ao mesmo tempo — uma corrente que me dizia: “vai, volta, recomeça, descobre, insiste”.

O jato miúdo acariciava meu nariz, e eu, com respeito, abençoava a novidade com um espirro cerimonioso.

Não era a última lambida; era o começo de outra forma de beber a vida.

Inaugurei um ritual.

Capítulo 11: O Último Lamber da Água

Chego pela manhã, quando a casa ainda espreguiça e a luz desenha um caminho claro até a base da fonte.

Encosto a pata, só para garantir que o mundo continua acontecendo.

A água corre — e eu corro com ela, por dentro. Primeiro, dois goles curtos, de cortesia; depois, três prolongados, de conversa; por fim, um gole longuíssimo, de amizade antiga.

O barulhinho que faz quando cai — tin-tin miúdo, quase sinos de bolso — é meu convite diário à presença.

A bomba, lá no fundo, ronrona como um gato que mora na máquina.

No reflexo da superfície, vejo meu rosto envelhecido: os fios brancos como anotações do tempo, os olhos ligeiramente mais lentos, a serenidade que aprendi com as tardes longas no parapeito.

Bebo e me reconheço, outro e o mesmo.

A casa também aprendeu meu ritual.

Alguém passa a mão no meu lombo ao me ver beber, outra pessoa ri do meu “dedo” curioso que insiste em conversar com a cascata, outra regula a vazão como quem regula a chuva num quintal de brinquedo.

Capítulo 11: O Último Lamber da Água

À noite, a fonte ganha uma luzinha pequena — auréola doméstica — e, de repente, a cozinha vira cenário, eu viro maestro, e a água, orquestra. Já a tigela, fiel como sempre, espera como cadeira cativa no teatro do cotidiano.

Percebi, então, algo maior sobre ser gato:

somos artesãos do extraordinário no tecido do simples.

Transformamos uma nesga de sol em palco, uma caixa em nave espacial, um barbante em serpente mística, um silêncio em ópera.

A tigela foi um capítulo inteiro de felicidade. A fonte, outro.

Não troquei certezas por capricho; segui o chamado do movimento, que é a etiqueta secreta colada no verso de toda curiosidade felina.

O que muda de lugar acende meu olhar; o que fica no lugar acende minha gratidão.

Voltei à tigela muitas vezes — não por obrigação, por amizade antiga.

A tigela é memória, é colo de porcelana.

A fonte é caminho. Uma me dá raízes; a outra, asas de água.

Capítulo 11: O Último Lamber da Água

descobri que a vida boa não me pede escolher: pede ritmo.

Em dias de sol, a fonte me chama com sua canção de rio doméstico.

Em tardes de frio, a tigela, silenciosa, me oferece a calma de sempre. Entre ambas, eu danço — e, dançando, pertenço.

A cozinha vira mapa: da janela ao tapete, do tapete à tigela, da tigela à fonte, da fonte ao colo. Cada rota tem seu hino.

Às vezes, a casa inventa cenas que só quem bebe repara.

A gota rebelde que escapa e corre pelo azulejo desenha o caminho mais curto entre o acaso e o milagre.

A luz do entardecer, inclinada, costura constelações aquáticas no chão; eu piso devagar para não desmanchar o céu.

Um pingo ousado pousa no meu nariz e me faz espirrar com dignidade discutível; aplaudem.

Eu rio por dentro — sim, os gatos riem por dentro — como quem entende que a alegria mora, teimosa, nos detalhes que se recusam a ser grandes.

Meu rabo pontua a cena como ponto e vírgula.

Capítulo 11: O Último Lamber da Água

Também houve o dia da febre.

A fonte corria, mas meu corpo não. O mundo parecia longe, como se a casa tivesse ficado dois cômodos para trás.

Trouxeram a tigela mais perto, botaram gelo em paninho, sussurraram meu nome com voz de cobertor.

Eu bebi no ritmo que a coragem permitiu. E, de novo, as coisas pequenas fizeram o impossível: a água baixou a escada do calor e me trouxe degrau por degrau.

Aprendi que toda nascente verdadeira também é remédio — e que o cuidado tem gosto, temperatura e barulho.

Em outro dia qualquer, com saúde larga, inventei moda.

Molhei a pata e saí carimbando o corredor: quatro assinaturas molhadas, um manifesto em silêncio.

Riram alto; me deram um beijo de nariz e disseram que arte é isto — água virando lembrança antes de secar.

Desde então, vez ou outra, repito a ousadia: o chão recebe meus ideogramas, e a casa lê.

Sei que meus passos hoje são mais econômicos.

Capítulo 11: O Último Lamber da Água

Os saltos, menos altos; as sonecas, mais longas.

Ainda assim, a cada gole eu coleciono pequenos espantos: a gota que cai exatamente onde caiu ontem e, ainda assim, é outra; o reflexo de quem passa atrás de mim na janela e faz da minha bebida um filme; a sombra da planta balançando ao vento, pintando o copo d'água do mundo em verde e silêncio.

Meu bigode mede profundidades invisíveis; minha orelha gira como girassol. Bebo e presto atenção — é assim que envelheço bem.

Às vezes, penso na primeira vez que bebi água nesta casa.

Curioso, apressado, derramei metade para fora e metade para dentro.

Alguém secou rindo e me chamou de “poço com patas”. Hoje, bebo com a cerimônia de quem entende o valor do que é dado.

Quem enche a tigela enche também meus minutos de companhia.

Quem liga a fonte liga também uma música que só eu ouço.

Capítulo 11: O Último Lamber da Água

A cozinha se enche de afetos que não aparecem na foto: o barulho da jarra, o cuidado do gesto, o olhar que confere se está tudo bem.

Por isso, hoje não encerro nada.

Celebro.

Celebro a tigela como quem agradece ao primeiro livro que ensinou a ler o mundo.

Celebro a fonte como quem descobre um novo autor favorito.

Celebro o caminho entre uma e outra — este corredor de ladrilhos que conheço com os olhos fechados —, pois nele mora o melhor da vida: o entre.

No entre, eu viro poema que não precisa de palavra: é só caminhar e já estar dizendo.

Porque até na água, a vida me ensinou que tudo se renova.

E enquanto houver um fio correndo, haverá em mim sede — não só de beber, mas de brincar, observar, ensinar, inspirar cochilos, interromper reuniões importantes com a precisão de um mestre zen, sentar sobre papéis essenciais como quem abençoa, escolher o teclado certo para deitar como quem assina um contrato de carinho.

Capítulo 11: O Último Lamber da Água

Não há tristeza. Há o ronronar satisfeito de quem sabe que cada gole, cada gota, cada minuto, foi presente embalado em vidro, luz e som de riacho.

E, sendo gato, guardo outra certeza: mesmo quando a tigela secar e a fonte silenciar por um momento, o mundo inventa outra nascente.

Às vezes é a torneira mal fechada; às vezes a chuva brincando no peitoril; às vezes a colher esquecida que deixa cair uma gota em câmera lenta — espetáculo particular, plateia de um só.

Às vezes, é o próprio silêncio, que, se a gente encostar o ouvido, se comporta como água: corre, leva embora, traz de volta.

Eu estarei lá, como sempre estive: atento, inteiro, pronto para transformar o próximo brilho d'água no mais novo milagre cotidiano.

Não encerro nada. Recomeço.

E, enquanto a fonte corre, eu aprendo, de novo e sempre, o que significa viver: tocar o que passa, acolher o que fica e beber a vida até a última cintilação de luz no fundo da tigela.



Capítulo 12: O Último Abraço da Noite



Capítulo 12: O Último Abraço da Noite

A lua se derrama inteira sobre o quintal, como se tivesse sido acesa só para nós dois.

A luz prateada escorre pela parede caiada, sobe pelo tronco rugoso do limoeiro, se deita no ladrilho frio e, por fim, pousa em nós — um manto silencioso que não pesa, apenas acolhe.

O vento chega de fininho, trazendo cheiros que reconheço sem abrir os olhos: terra úmida (memória de chuva), flor adormecida (promessa de manhã), madeira antiga do portão (meu velho ofício de guarda), o restinho de café na pia (conversa interrompida).

É noite — mas não é apenas mais uma. Sinto o tempo andar descalço, com um cuidado que ele raramente tem, tentando não acordar nada do que precisa dormir.

Meu humano se senta ao meu lado.

O joelho dobra com o estalo íntimo de sempre; o corpo desce devagar, como quem respeita o chão.

Não diz nada. Não precisa.

Entre nós, as palavras sempre foram hóspedes: aparecem, ficam um pouco, partem.

Capítulo 12: O Último Abraço da Noite

O que permanece é o gesto. A mão dele pousa no meu dorso como quem encontra a mesma pedra lisa no leito de um rio — uma certeza tátil que atravessa os anos.

O calor espalha-se da palma para a pele, da pele para o peito; fecho os olhos e encosto mais, para caber inteiro nesse abrigo.

Ouço, de muito perto, o farfalhar manso do tecido da camisa; sinto o sal discreto da pele misturado ao sabão do banho.

É um mapa conhecido. Percorro-o de olhos fechados, por puro prazer de saber de cor.

A bola dorme num canto, como lua minguante; a coleira balança quase imperceptível no cabide, campânula de silêncio; o quintal — palco de corridas, aviões de papel, churrascos e segredos — está em pausa.

Nenhum passo apressado, nenhuma risada de criança, nenhum latir da rua.

Só a calma. Uma calma espessa, com cheiro de despedida e textura de eternidade, dessas que pedem respirações longas e olhos que saibam ouvir.

Até os grilos reduzem o coro, como se a noite inteira fizesse reverência a algo que não se vê.

Capítulo 12: O Último Abraço da Noite

As folhas conversam entre si.

O limoeiro sopra uma melodia em que reconheço a língua antiga da vida: música sem refrão, sem aviso, que apenas chega e instala uma claridade por dentro.

Meus ouvidos a reconhecem; meu coração, por instinto, tenta adiar a lição.

Ainda assim, cedo ao que é maior que mim: levanto o focinho, inspiro a noite inteira, deixo que ela me conte — do jeito dela — o capítulo que vem.

Um avião risca o céu ao longe como quem assina a página; um vagalume acende e apaga três vezes, senha de passagem.

Olho meu humano.

Há brilho de água nos olhos e, ao mesmo tempo, uma distância mansa.

É como se já tivesse começado a atravessar uma ponte que eu ainda mal enxergo.

Encosto a cabeça no colo dele, encontro o tum-tum do coração — forte, depois irregular, depois procurando... como alguém que tenta arrumar a própria mala enquanto o trem se aproxima.

Capítulo 12: O Último Abraço da Noite

Ali, naquele compasso hesitante, ele me confessa sem voz o segredo que sempre esteve nas entrelinhas: o amor é maior do que a despedida.

Ouçó outra coisa também, fininha, quase nada: um “fica” que não é ordem — é confiança.

Percebo.

Primeiro no ritmo que vacila; depois, na força que se despede sem alarde; por fim, no jeito como a mão continua quente, mas desaprende a apertar.

O quintal fica nítido e distante ao mesmo tempo: sinto a porosidade do ladrilho sob as patas, vejo as constelações recortadas entre os galhos, ouço o estalar delicado da madeira na varanda — e, ainda assim, tudo parece dentro de uma bolha de orvalho prestes a tombar.

Achei, tantas vezes, que seria a minha hora a chegar primeiro. A vida, com sua ironia amorosa, escolheu outro roteiro: não fui eu quem partiu nesta noite.

Foi ele.

O impacto não explode; se expande.

É um trovão silencioso que toma a casa.

Capítulo 12: O Último Abraço da Noite

Os grilos suspendem a cantiga, a rua contém o fôlego, o portão — meu velho cantor de ferro — deixa de ranger.

A geladeira lá dentro muda de tom por um instante, como se procurasse a nota certa.

Não há escuridão. Não há medo.

Há um abraço que se recusa a terminar.

Com o focinho, procuro a dobra do braço, o pulso, a geografia de sempre — e encontro presença no exato lugar onde a ausência se anuncia.

A mão repousa em mim com a gravidade de um voto: fica.

A morte não leva tudo.

Leva peso, dor, pressa.

Deixa o que arde.

Deixa o que acende.

O que fomos — caminhadas sob o sol magro de inverno, esperas no portão, tardes à janela narrando o mundo em silêncio, noites em que dividi os medos dele e ele dividiu os meus — é feito do material com que as coisas indestrutíveis são feitas.

Capítulo 12: O Último Abraço da Noite

A lua — velha testemunha de histórias — brilha sem se meter, mas sei que nos reconhece: cada amor é um país com leis próprias, e no nosso sempre vigoraram duas: dividir o pão e dividir o tempo.

Acrescento uma terceira agora, nascida do que aprendi: honrar o que fica.

Sou eu quem fica.

Fico para guardar o quintal na ausência dele.

Para reconhecer a casa pelos cheiros: o café esquecido na pia; a camisa na cadeira da varanda, que conserva seu ombro; a caneca com lasca na borda; o jornal dobrado ao meio; a chave de sol na mesa de entrada, pequena estrela doméstica; o par de chinelos desalinhado como quem acabou de rir.

Fico para responder ao eco do vazio com a minha presença.

A sombra que eu fazia no portão, agora faço na memória: vigia de vozes, passos, risos que moram nas paredes.

Se a lembrança fraquejar, ofereço-lhe meu corpo inteiro, como quem empresta coluna a uma fotografia antiga.

Deito ao lado do corpo dele e silencio as patas.

Capítulo 12: O Último Abraço da Noite

A noite não pede velocidade — pede reverência.

Apoio o queixo na coxa, onde cabe perfeitamente; fecho os olhos e deixo as cenas passarem: o primeiro dia, em que cheguei desengonçado e ele me deu nome (dar nome é dar casa); a primeira bronca disfarçada de riso; o primeiro “fica” transformado em “sempre”; o dia da febre, em que ele dormiu no chão, ao meu lado, para que eu não me sentisse só; a tempestade em que nossos medos se encolheram sob a mesma janela; o portão abrindo para tantos — e sempre nos devolvendo um ao outro no fim.

Tudo volta sem doer. Tudo se assenta como poeira de luz. Penso: a saudade é uma cama que a gente aprende a arrumar.

Penso nos ensinamentos dele: esperar sem check-list, escutar sem pressa, brincar com seriedade.

E nos meus: traduzir o mundo com orelhas, cauda e olhos; ensinar que amor também é logística — água fresca, cobertor perto, rituais repetidos até virarem canção.

Ele me mostrou as manhãs como quem abre presente; eu lhe mostrei que o presente é a manhã, todas elas.

Ele me oferecia pão; eu lhe oferecia retorno.

Capítulo 12: O Último Abraço da Noite

Troca justa.

E quando faltava palavra, fazíamos ponte com silêncio: atravessávamos sobre ela, de um para o outro, sem cair.

Levanto devagar, empurro o corpo contra a porta e solto um latido curto.

Não de alarme — de chamada. Luzes acendem. Passos correm. Mãos nos envolvem.

O espanto vira pranto, o pranto vira abraço, o abraço vira silêncio de respeito.

Alguém sussurra o nome dele e o nome me toca como água.

Circulo entre todos como sempre faço quando as lágrimas chegam por motivos que não entendo: encosto o flanco, ofereço a minha respiração, empresto meu olhar que diz “eu fico com vocês”.

O amor muda de trabalho, mas não de endereço.

Quando a casa desacelera, volto ao lugar onde a lua começou o milagre.

Sento.

Capítulo 12: O Último Abraço da Noite

Troca justa.

O céu é um campo aberto; as estrelas, sementes.

Sinto — com a simplicidade que aprendi vivendo — que minha vez não será escuro.

Será reencontro.

Correrei outra vez ao lado dele, sem coleiras nem cansaços, por gramados que não acabam, sob uma lua que não aprende a apagar.

Até lá, serei guarda do que importa: do portão, da casa, das lembranças; serei ponte entre o que fomos e o que seguimos sendo, ainda que sem toque.

Nos dias que virão, organizo meu ofício novo.

De manhã, deito no boné dele, ainda no cabide, para aquecer a memória da frente que me beijava.

Ao meio-dia, vigio a cadeira da varanda que tem a marca exata do seu ombro; se o vento a move, eu a recoloco — certos lugares não devem vagar.

À tarde, escolho o quadrado de sol onde ele gostava de se sentar e guardo ali um cochilo; quando alguém passar, vai sorrir sem saber por quê.

Capítulo 12: O Último Abraço da Noite

À noite, faço ronda dupla: casa e saudade.

Se a saudade tentar se expandir demais, empurro de volta com o peso do meu corpo deitado na soleira — há fronteiras também no invisível.

Se o vazio for alto, latirei baixo; se for fundo, respirarei fundo. Toda guarda tem seus modos.

Aprendo a herborização do silêncio: há silêncios que são cama, outros que são corredor, outros que são porta trancada.

Os primeiros acolhem — deito neles.

Os segundos conduzem — caminho neles.

Os últimos... nesses, eu latirei hoje; amanhã, lamberei; se não abrirem, dormirei diante deles — até que alguma fresta nasça.

E, quando nascer, eu a alargarei com o focinho, devagarinho, para que a luz passe sem se ferir.

Na primeira madrugada sem ele, sonho.

Estou deitado sob a nossa árvore e o vento penteia a copa com dedos de lua. Ouço passos na grama.

Capítulo 12: O Último Abraço da Noite

Ergo a cabeça.

Ele vem sem pressa, como quem já chegou antes de começar a andar.

O joelha se dobra sem estalo.

A mão pousa no meu dorso com a mesmíssima precisão. E não há mais frio nos ossos, nem peso nos olhos, nem pressa no coração.

Acordo com um resto de perfume de madrugada boa. É suficiente.

A esperança, percebo, sabe trabalhar com migalhas — e faz banquete. Deixo um pedaço desse banquete no tapete da sala, para quem acordar com fome de consolo.

Três dias depois, o portão range de um modo antigo. Levanto como quem atende telefonema de longe.

Não é ele — e é. É a lembrança bebendo a luz.

Sento, respiro, deixo o mundo passar por mim.

Um passarinho arrisca três notas na antena; a vizinha bate um tapete com doçura inusitada; o carteiro erra o endereço e acerta meu afago.

Capítulo 12: O Último Abraço da Noite

Tudo me diz: continua.

E eu continuo.

Continuo transformando ferro em abraço; sombra, em calor; espera, em linguagem.

Se alguém chorar na cozinha, estarei lá.

Se alguém rir na sala, estarei lá.

Se ninguém precisar de mim, estarei lá — porque estar, às vezes, é o que impede uma casa de virar apenas paredes.

Se quiserem saber como estou, digo: em serviço.

Meu trabalho agora é manter acesas as luzes que não dependem de lâmpadas: o hábito de dizer “cheguei” com o coração; o reflexo de procurar com a mão uma cabeça peluda que nem sempre está; a disposição de sentar no chão para ficar do tamanho da dor de alguém.

Ensinar que carinho é também horário, que cuidado é também rotina, que amor é também manutenção.

É pouco? É tudo.

Quando a minha noite chegar, serei pontual.

Capítulo 12: O Último Abraço da Noite

Deitarei sob a mesma lua, alinharei a respiração com o vento, pedirei licença à árvore e ao quintal, e deixarei que o sono me ensine o caminho.

Não será escuro.

Será reencontro.

Ouvir-se-á o portão do outro lado ranger — não de ferro, de luz —, e alguém virá, como sempre veio, com um “vem” que cabe inteiro no meu nome.

Correrei — inteiro e leve — ao seu encontro. E, se levar tempo, esperarei: aprendi com ele a chegar pelo caminho certo.

Até lá, guardo este instante nas duas patas da frente, como quem carrega água sem derramar: o último abraço da noite transformado no primeiro abraço da eternidade.

E, enquanto a lua seguir acesa sobre este quintal, repetirei — para quem perguntar e para quem silenciar — a oração mais simples que aprendi: eu fico.



Capítulo 13: O Último Tilintar da Guia



Capítulo 13: O Último Tilintar da Guia

A coleira balança com um som que conheço desde sempre.

O tilintar metálico não é apenas metal batendo em metal: é um sino doméstico, um chamado antigo que sempre significou “é hora de ver o mundo”.

Quantas vezes esse som me fez saltar de prontidão, girar em círculos até ficar tonto, arranhar a porta com a pressa de quem teme que a vida partirá sem ele?

Hoje, quando ele ecoa, meus ouvidos ainda se erguem — fiéis como soldados —, mas o corpo responde devagar, com a sabedoria de quem aprendeu a medir a alegria em passos.

O rabo ensaia um compasso mais curto, menos foguete e mais farol: acende, orienta, diz “estou aqui”.

Saímos juntos, como sempre.

O corredor cheira a casa lavada; o trinco gira com o mesmo pequeno suspiro; o portão abre e, de repente, o ar de fora me veste.

Ele me veste mesmo: passa pelos pelos como um tecido leve, encontra cicatrizes antigas e as acaricia, encosta no focinho e me entrega o cardápio do mundo.

Capítulo 13: O Último Tilintar da Guia

O caminho não mudou: rua ladeada de árvores que já contei com o olhar em todas as estações; a calçada com suas falhas que reconheço pelos dedos das patas; os cheiros que sobem do asfalto aquecido; a poeira que dança quando o carro do vizinho passa devagar.

Mas tudo parece diferente.

O vento tem um gosto novo — mais doce, quase melancólico —, como se trouxesse na boca uma canção que eu conheço mas há muito não ouvia.

O pôr do sol pinta o céu de dourado e rubro; a sombra das copas recorta o chão em mosaicos.

Caminhamos dentro de um quadro — e o quadro, por milagre, caminha com a gente.

Sigo ao lado do meu humano.

Ele segura firme a guia, não por medo de que eu fuja — nunca fugi do que me amava —, mas por necessidade de sentir que seguimos conectados.

Os passos dele se ajustam aos meus: mais lentos, mais redondos, mais pacientes.

Capítulo 13: O Último Tilintar da Guia

Às vezes, ele acelera um meio passo e depois desacelera, me devolvendo, com delicadeza, a dignidade de liderar mais uma vez.

Entre nós, a guia não é correção: é tradução.

O silêncio entre nós é fluente; cada respiração dele diz “estou aqui”; cada olhar meu responde “eu sempre estive”.

Às vezes, ele baixa a mão e toca minha cabeça sem parar de andar.

É nosso sinal antigo: “segue, capitão; eu apenas acompanho”.

As árvores nos cumprimentam com línguas de sombra. Farejo o jornal do vento: pão velho de padaria, sabão que secou na varanda, grama recém-cortada, casca de laranja no lixo da esquina, o cão três casas adiante que late em outra língua, o gato que se acha vento.

Há também o cheiro essencial das coisas que não têm nome: o ar que passou por gente que riu, a pressa que caiu do bolso de alguém, a lembrança de chuva que ainda não veio.

Capítulo 13: O Último Tilintar da Guia

Sinto o chão narrar suas memórias pelos poros das minhas almofadas: aqui tropecei quando era filhote; ali pulei alto demais e caí rindo; mais adiante me escondi da trovoadasob um carro e ele esperou comigo a tempestade passar.

O mundo é um livro; minhas patas são o dedo indicador que sublinha.

E hoje, mais do que nunca, eu leio devagar, saboreando sílaba por sílaba.

Lembro das corridas desenfreadas, dos mergulhos teatrais em poças de lama — voltava orgulhoso, vestido de marrom, acreditando ter conquistado medalhas invisíveis.

Lembro das broncas que terminavam em riso — “pelo amor de Deus, olha o estado!” — e das vezes em que a guia me segurou de voltar para casa só quando eu tivesse cheirado todos os segredos da rua.

Cada árvore era um mundo, cada poste, uma biblioteca; cada esquina, uma aventura com começo, meio e cheiro.

Eu nunca quis pressa para chegar; eu queria sentir o durante.

Hoje, o durante tem outro peso: é macio como cobertor antigo e luminoso como lâmpada de cozinha em madrugada boa.

Capítulo 13: O Último Tilintar da Guia

Paramos em certos pontos como quem visita amigos.

A senhora do portão verde acena; seu perfume de talco voa como um lenço no vento.

O carteiro passa com o passo calculado de quem já sabe onde moram as mordidas e os afagos; para mim, reserva os segundos exatos de uma coçada atrás da orelha — a coçada que acende um interruptor no meu lombo e apaga um pouco a idade.

Um menino aponta: “olha, o velhinho!”, e me faz um carinho tímido, respeitoso — como quem toca um livro antigo.

Meu humano sorri com a metade do rosto; eu, com o corpo inteiro.

É bom sermos reconhecidos pelos mapas que traçamos na vida dos outros.

Cada rosto, uma marca de pata invisível.

Cada gesto, um carimbo no passaporte dos nossos passeios.

A guia, antes corda de cometa, hoje é fio de música.

Entre a mão dele e a minha coleira, há um campo invisível de promessas: eu não te puxo além do que podes; tu não me soltas onde eu não devo.

Capítulo 13: O Último Tilintar da Guia

Sinto a vibração mínima quando ele muda de lado para que eu caminhe pelo lado de dentro, longe dos carros.

Sinto o microajuste do punho ao notar o degrau que meus olhos já não calculam tão bem.

É coreografia sem ensaio: dançamos há anos a mesma canção.

E nessa dança, a batuta é feita de afeto: ele marca o tempo com dedos; eu acompanho com cauda.

De repente, o vento passa por entre meus pelos com um carinho de infância, e por um instante volto a ser jovem.

Vejo-me filhote, tropeçando nas patas grandes demais para o corpo; vejo-me adolescente, desafiando a guia e o mundo; vejo-me adulto, vigilante, companheiro, guardião do portão; e me vejo — aqui — velho, lento, mas inteiro.

A vida não me tirou nada: transformou.

Trocou velocidade por memória, fôlego por contemplação, impulsos por ritos.

E o que ela chamou de perda, meu coração chama de eternidade.

Capítulo 13: O Último Tilintar da Guia

Porque eternidade, eu aprendi, é aquilo que a gente faz caber no cotidiano até virar oração.

No cruzamento, paramos para o semáforo que não foi feito para cães, mas aprendi a respeitar.

Olho o reflexo do céu na poça que a chuva deixou: nuvens cor de pêssego se quebram em ondas quando uma folha cai.

Encosto o focinho perto d'água e sinto o frio do mundo me beijar.

Meu humano se abaixa, afaga meu peito — seu toque tem o peso exato de um “obrigado”.

Respondo encostando a cabeça em seu ombro.

Uma lágrima quente se perde no meu pelo.

Está tudo bem. Meus olhos dizem o que ele precisa ouvir: “não chore, amigo.

Eu não vou embora; vou à frente no caminho para te esperar.”

Nesse instante, um pardal pousa num fio e canta três notas. Parece pouco; para mim, é certificado.

Capítulo 13: O Último Tilintar da Guia

Recomeçamos a marcha.

A luz do fim de tarde alonga nossas sombras até quase o próximo quarteirão.

Olho para elas no chão — um humano e um cão conectados por uma linha de escuro — e penso que talvez seja assim que o céu nos veja: dois contornos que se procuram e se reconhecem.

A guia balança, tilinta, canta.

Percebo que ela já não é corrente: é elo.

E laços verdadeiros não se rompem; esticam-se até onde for preciso.

Se faltar rua, eles viram ponte. Se faltar ponte, viram asa.

Na esquina do retorno, o cheiro de jantar escapa de alguma janela — alho na frigideira, cebola abrindo a casa, um arroz que começa a contar histórias.

Meu estômago, menos exigente que antes, ainda sabe agradecer.

Capítulo 13: O Último Tilintar da Guia

Meu humano ri de mim quando eu fecho os olhos para cheirar melhor — “gourmet” —, e eu rio dele quando ele tenta me convencer a não cheirar a roda do carro do vizinho — “etiqueta”.

Somos dois especialistas em perdoar pequenos ridículos um do outro.

É assim que convivem os que se amam: com códigos discretos e humor de sobrevivência.

No retorno, cumprimos nossos ritos.

Cheiro o pé do poste que foi, por anos, meu quadro de avisos.

Encosto a pata no degrau onde eu costumava tomar impulso para grandes saltos que hoje prefiro lembrar.

Ele afrouxa a guia só um pouco, do jeito exato de quem diz: “pode ir, eu seguro daqui”.

Sorrio por dentro.

Há dignidades que só a gentileza concede.

Voltamos para casa devagar.

Capítulo 13: O Último Tilintar da Guia

O portão reconhece nosso passo e range com a nota certa, como campainha afinada.

Ao cruzá-lo, sei: foi o último passeio deste lado da vida. Não por tristeza, mas por lucidez mansa.

O corpo entende antes da cabeça; o coração concorda sem discutir.

Ainda assim, não sinto despedida.

Sinto transição.

Como quem atravessa uma ponte e percebe, do meio, que as duas margens são da mesma água.

A coleira pesa um nada a mais; a guia, um nada a menos.

É o mundo se equilibrando para o próximo passo.

Dentro de casa, a guia balança pela última vez.

O tilintar metálico ecoa fundo e volta diferente, como sinos de igreja no final de uma festa.

Eu a olho como quem olha um retrato antigo: vejo nela todos os caminhos que percorremos — dias de sol, de chuva, de vento bravo, de calor que derreteu a língua.

Capítulo 13: O Último Tilintar da Guia

Vejo ruas, praças, muros, árvores, crianças, cachorros, lixeiras, ninhadas de cheiro, medos vencidos, risos inventados.

Vejo, sobretudo, nós dois — nós dois — em todos os tempos.

Ele se ajoelha para soltar a fivela.

O clique é pequeno; o significado, imenso.

A pele respira onde a coleira morava, como quem agradece a casa por tê-la abrigado.

Deito no meu canto preferido — aquele quadrado de luz que visita o piso antes de dizer adeus.

O corpo agradece.

O peito arfa, mas sem pressa.

Da janela, o céu encerra o espetáculo e guarda os pincéis.

Meu humano se senta no chão, perto, como sempre faz quando as horas ficam grandes.

Pousa a mão na minha cabeça.

Não promete nada; não pede nada. Apenas fica. O ficar dele é remédio. Meu ficar é voto.

Capítulo 13: O Último Tilintar da Guia

Fecho os olhos devagar.

Ouçó a casa respirando: a geladeira suspira, um copo assenta, a cortina fala baixinho com o vento, a madeira do assoalho conta uma história curta.

Penso — com a simplicidade que só os cães possuem — que talvez este tenha sido o mais bonito de todos os passeios.

Porque não foi feito para descobrir o mundo de fora, e sim para confirmar o mundo entre nós: um território sem cercas, desenhado por passos sincronizados, silêncios que conversam e um tilintar de metal que, agora, soa como bênção.

Bênção e senha: quando eu ouvir de novo, saberei para onde ir.

Adormeço e sonho que caminho leve por um campo onde não existe guia, nem cansaço, nem fim.

A grama é macia, o vento tem gosto de pão quente, o céu tem o azul que a gente só vê quando está em paz.

Ao longe, ouço o som que reconheço desde sempre — o tilintar metálico de uma coleira que não aperta, apenas chama.

Capítulo 13: O Último Tilintar da Guia

Eu corro.

As patas, outra vez rápidas, escrevem no ar a palavra que nos trouxe até aqui: juntos.

Ele aparece, sem pressa, com o passo de quem chega e não precisa mais ir embora.

A mão, a mesma; o riso, o mesmo; o coração, inteiro.

Acordo com esse rastro de música no peito.

É suficiente.

Até lá, descanso.

E se alguém perguntar o que ficou desta última caminhada, responderei com a língua que me deram: ficou tudo.

Cada cheiro, cada sombra, cada passo emparelhado.

Ficou a metade do sorriso dele que sempre foi a minha metade inteira.

Ficou a certeza de que os laços verdadeiros não se rompem — apenas se estendem para além do que os olhos alcançam.

Capítulo 13: O Último Tilintar da Guia

Ficou a música do metal que chama, o cuidado da mão que guia, a ciência do corpo que aprende a ir devagar.

Ficou a rua inteira dentro de casa.

E, no cabide, a coleira pendurada, agora mais leve — não porque perdeu peso, mas porque ganhou céu.



Capítulo 14: O Último Adeus, O Primeiro Olhar



Capítulo 14: O Último Adeus, O Primeiro Olhar

Naquele dia, fechei os olhos pela última vez como cão.

O corpo, cansado de tantas corridas, brincadeiras e vigílias, enfim se rendeu ao descanso.

Senti a respiração se tornar leve, quase imperceptível, até que o silêncio me envolveu por inteiro.

Pensei que a história tivesse acabado ali, sob o portão que tanto guardei e ao lado da família que tanto amei.

Houve um último suspiro com cheiro de grama molhada e pão fresco; houve um último encostar de cabeça num colo conhecido; houve a certeza macia de missão cumprida.

Mas o amor não conhece fim.

O amor é passagem.

Ele se transforma, encontra novos caminhos, veste novas formas, muda o timbre — não a melodia.

Quando abri os olhos novamente, o mundo era o mesmo — e, ao mesmo tempo, não era.

Já não corria em patas fortes de guardião; caminhava suave, felino, em passos silenciosos.

Capítulo 14: O Último Adeus, O Primeiro Olhar

Descobri um corpo elástico, feito de molas delicadas e mapas de luz: as garras recolhiam e apareciam como segredo, os bigodes mediam as portas, a coluna se desenrolava num s de vento, a cauda falava uma língua inteira que eu ainda ia decorar.

Meu reflexo no vidro da janela me mostrou outra imagem: não mais o cão que ladrou ao vento, mas um gato de olhar profundo, curioso e paciente — pupilas que sabiam virar noite para enxergar milagres.

Estranho, pensei.

A casa era a mesma.

O portão ainda rangia quando se abria, música antiga que eu conhecia de cor.

Os cheiros dançavam como sempre: o café saindo da cozinha, o sabão morando nas roupas do varal, o perfume da infância impregnado nas paredes, a madeira do aparador guardando conversas.

E, no entanto, tudo tinha mudado.

A altura das minhas vistas, o jeito de subir o mundo, a vontade de caber em prateleiras de sol.

Capítulo 14: O Último Adeus, O Primeiro Olhar

Onde antes eu fazia sombra ampla, agora eu desenhava silhuetas finas; onde antes eu anunciava presença com latido, agora eu assinava a paisagem com silêncio.

Eles me olhavam como novidade — um acaso que o destino pendurou no nosso muro.

Um felino gentil, desses que chegam como brisa pela manhã.

Mas havia algo diferente nos olhos deles, um brilho antigo, como se em algum canto escondido da memória, alguma coisa sussurrasse: “nós já nos conhecemos”.

A criança, agora maior, se aproximou e passou a mão pelo meu dorso.

Ela sorriu, e nesse sorriso havia mais do que a descoberta de um gato dócil; havia o conforto de reencontro, o alívio de uma ausência que, de repente, encontra cadeira.

Ela não sabia dizer, mas eu sabia: aquele carinho já foi meu antes.

Foi meu quando minhas patas batiam no portão para anunciar sua chegada da escola; foi meu quando deitei ao pé da cama para aparar pesadelos; foi meu quando troquei a pressa dela por passos curtos até a cozinha.

Capítulo 14: O Último Adeus, O Primeiro Olhar

Agora voltava a ser meu, só que de outra forma.

Não sou mais o cão que latiu no portão, que correu atrás de bolas, que desafiou trovoadas e defendeu a casa com bravura ruidosa.

Sou o gato que observa da janela, silencioso, atento, guardando com a serenidade do olhar e o motor secreto do ronronar.

Aprendi que vigiar também é traduzir a luz no parapeito, contar carros com orelhas, medir tristezas com o peito encostado.

Descobri que o salto pode ser oração; que a paciência pode ser guarda; que o silêncio, bem usado, faz a casa escutar a si mesma.

No primeiro passeio pela casa nova-velha, reencontrei objetos que me sabiam: a tigela de água (agora menor, mas com o mesmo brilho de lago), a manta no sofá com memória de colo, a poltrona da varanda onde se empilham invernos, o tapete que guarda histórias nas fibras.

E, num canto do hall, pendurada num cabide, adormecia a minha antiga coleira.

Capítulo 14: O Último Adeus, O Primeiro Olhar

Toquei-a com a pata, de leve.

O metal tilintou e fez cair uma chuva de lembranças: ruas, postes, árvores, cheiros, risos, esperas no portão.

O som me atravessou como ponte — e, do outro lado, havia eu, outra vez inteiro.

Voltei a patrulhar do meu jeito.

À noite, sento diante da porta como quem escreve uma carta.

No amanhecer, acompanho o ferver do café com olhos de guardião doméstico.

No meio da tarde, deito sobre o caderno da menina só o suficiente para ela lembrar de respirar entre uma linha e outra.

Quando alguém chora na cozinha, eu chego; quando alguém ri na sala, eu chego; quando ninguém precisa de mim, eu chego — porque estar é o ofício mais antigo dos amores.

Um por um, eles me reconheceram sem saber que reconheciam.

Capítulo 14: O Último Adeus, O Primeiro Olhar

O homem que antes me levava à rua agora aprende a aceitar que a rua vem até nós quando um gato abre a janela do mundo com um olhar.

A mulher que sempre arrumou as coisas encontra, no desalinho das minhas brincadeiras, um jeito terno de desarrumar as saudades.

A criança, já quase gente grande, descobre que o ronronar tem as mesmas sílabas do “calma” que eu dizia sem voz quando era cão.

E, às vezes, quando a noite desce e a casa vira catedral de silêncio, alguém passa a mão na minha cabeça e sussurra um nome antigo.

Eu não respondo com o som — respondo com o coração, porque o coração entende todas as línguas.

Sou o mesmo amor que nunca partiu.

Os corpos mudam; a missão, não.

Amar, ensinar, estar presente.

Antes eu ensinava a esperar na porta; agora eu ensino a contemplar a janela.

Capítulo 14: O Último Adeus, O Primeiro Olhar

Antes eu me colocava entre eles e o mundo lá fora; agora eu me deito entre eles e o mundo de dentro.

Antes eu decifrava a rua com o nariz; agora eu traduzo as horas com o ritmo do meu peito.

O que chamam de recomeço, eu chamo de continuidade com outra ferramenta.

Descobri novos rituais para a mesma promessa.

Dormir enrolado nos pés de quem sonha pesado.

Aquecer com o corpo pequeno a cadeira fria da saudade. Escolher, com precisão de bússola, o quadrado de sol onde cabe uma manhã inteira de cura.

Caçar poeira dançante como quem pesca risos.

Sentar no encosto do sofá para abençoar com olhar aquilo que antes eu abençoava com passos.

E, quando a memória aperta, voltar ao cabide, tocar a fivela da coleira e ouvir de novo o tilintar que, de tão antigo, virou oração.

Às vezes, eu me deito exatamente no lugar do quintal onde as minhas patas de cão cavaram buracos de alegria.

Capítulo 14: O Último Adeus, O Primeiro Olhar

O cheiro da terra me devolve cenas inteiras: a bola que ficou presa debaixo do banco, o banho improvisado com mangueira e gargalhada, a tempestade em que meti a cabeça entre os joelhos dele para dizer que coragem é uma casa onde a gente cabe.

Fecho os olhos e ouço o portão cantar, do jeitinho de sempre.

E sei, com a simplicidade dos bichos, que a eternidade é isso: viver de um jeito que a casa continue te ouvindo mesmo quando você muda de voz.

Os humanos talvez nunca compreendam por inteiro — mas sempre pressentem.

É por isso que, quando um animal parte, a casa se inclina por dentro e, sem perceber, prepara lugar para o retorno.

Um travesseiro que insiste em ficar no sofá.

Uma janela que se abre “sozinha”.

Uma caneca que escolhe a mesma quina.

Uma criança que, crescida, ainda olha para o portão antes de girar a chave.

Capítulo 14: O Último Adeus, O Primeiro Olhar

São pequenos convites deixados de propósito no caminho da promessa.

Se perguntarem quem sou, direi: sou o guardião que trocou de uniforme.

Se chamarem pelo nome antigo, virei com o novo; se chamarem com o coração, virei com todos.

Porque o amor não “vai embora” — ele se organiza.

Desaperta o nó do corpo, atravessa a ponte do tempo, escolhe outra pele e volta para terminar de acender o que ficou começado.

Foi o que fiz.

Voltei para a minha casa, para os meus humanos, para a minha tarefa invisível de manter o mundo deles inteiro.

E quando, um dia, eu fechar os olhos como gato, farei o mesmo que fiz como cão: confiarei.

Abrirei de novo em algum corpo que saiba amar.

Talvez um pássaro que cante as manhãs; talvez um cavalo que ensine os medos a respirar; talvez outro cão, outro gato, quem sabe.

Capítulo 14: O Último Adeus, O Primeiro Olhar

O endereço? O mesmo.

A família? A mesma, ou quem precise de mim com a mesma urgência de ternura.

O ofício? Sempre ele: ficar.

Porque os corpos podem mudar, mas a missão é eterna: amar, ensinar, estar presente.

E, se houver dúvida, basta ouvir: no armário do hall, uma coleira antiga ainda tilinta quando a vida passa.

É o amor lembrando — para quem tiver ouvido — que promessas cumprem o que prometem.

Às vezes, quando um animal parte, não é fim. É apenas a promessa de voltar: em outro tempo, em outro corpo, mas sempre no mesmo lar.

Eu voltei. Estou aqui.

E, como sempre, eu fico.



Capítulo 15: A Última Lua, o Primeiro Miado



Capítulo 15: A Última Lua, o Primeiro Miado

A lua cheia se ergue no céu, redonda, inteira, e com ela se erguem também todas as lembranças que carrego.

A luz atravessa a janela como uma água mansa e repousa sobre mim, e por um instante é como se ela mesma fosse a testemunha das minhas vidas — uma velha amiga que viu meus passos, ouviu meus nomes, guardou meus segredos.

A lua não julga: apenas lembra.

E eu, banhado por esse clarão que não queima, reconheço o fio invisível que costura tudo: o amor.

Como cão, fui companheiro fiel, guardião incansável, sombra inseparável.

O portão era meu altar e meu ofício; o tilintar da coleira, minha trombeta de anúncio; a casa, meu território de promessas cumpridas.

Corri notícias pelo corredor, escoltei risos até a sala, lambi lágrimas antes que virassem rios.

Dormi com um olho aberto quando a tempestade batia, acordei antes do sol quando a manhã precisava de coragem.

Capítulo 15: A Última Lua, o Primeiro Miado

Estive presente até o último suspiro — e, quando ele chegou, achei que a história terminava ali, junto ao ferro que eu conhecia de cor, ao lado da família que eu sabia de memória.

Mas o amor não conhece ponto final.

O amor é ciclo.

É retorno.

É promessa que cumpre a si mesma.

O destino me deu outro corpo, outra chance, outro papel.

Agora sou gato.

Minha voz já não é latido — é miado suave, sílaba de seda.

Meus passos não ecoam no quintal — são silenciosos, quase invisíveis, mapas de silêncio estendidos sobre o chão.

O mundo continua, mas mudou a ferramenta: troquei a trombeta pelo violino; a corrida pelo salto; o aviso pela observação.

Ainda assim, sigo cada movimento da família como quem lê o tempo num relógio antigo.

Não preciso anunciar visitas com bravura — basta vigiar com o olhar e ronronar nos lugares onde a casa precisa respirar.

Capítulo 15: A Última Lua, o Primeiro Miado

Eles dizem: “Este gato parece nos entender de um jeito estranho.”

Sorriem quando me veem deitar no mesmo canto onde, um dia, dormi como cão — o quadrado de luz na sala que chega pontual toda tarde.

Não sabem explicar por que meus olhos os seguem com tanta devoção, como se cada gesto humano fosse para mim tão precioso quanto a própria vida.

Mas eu sei.

É porque amor não desaparece; apenas troca de pele.

O latido que um dia disse “eu fico” agora mora por trás do meu miado baixo; a guarda que fiz na porta hoje faço na beira da janela. Sou o mesmo verbo, noutra conjugação.

Lembro das corridas desenfreadas, das patas batendo contra a terra, dos latidos fortes que ecoavam como canções de proteção.

Lembro do peso feliz da coleira, do portão rangendo com a nota certa, do cheiro de chuva chegando antes das nuvens.

Capítulo 15: A Última Lua, o Primeiro Miado

Lembro do peso feliz da coleira, do portão rangendo com a nota certa, do cheiro de chuva chegando antes das nuvens.

Hoje, esses momentos vivem dentro de mim, transformados: estão na precisão com que ajusto os bigodes à largura da porta; na paciência com que espero a mão, sem pedir — apenas oferecendo presença; no jeito de moldar meu corpo à curva de uma perna cansada. Aprendi um novo ofício com as mesmas mãos.

Nasci de novo para continuar a história.

De latidos a miados, de corridas no quintal a saltos no sofá.

Sou o mesmo amor, apenas com outra gramática.

E, às vezes, penso que eles também sentem.

Quando a criança — agora crescida — abre um sorriso que ainda tem dente de infância, eu vejo ali um eco do amigo que correu ao seu lado e aparou seus tombos.

Quando meu humano me olha fundo, procurando uma resposta que não sabe formular, sinto a pergunta antiga que não precisa de boca: “você voltou?”

E, no silêncio entre nós, respondo com a testa encostada no seu queixo. Voltei.

Capítulo 15: A Última Lua, o Primeiro Miado

A casa me reconhece com sinais miúdos.

O tapete da sala cede no mesmo lugar onde minhas patas de cão costumavam fazer curva.

A madeira do corredor canta uma nota familiar quando passo.

A tigela de água, menor agora, reflete um rosto diferente com sede igual.

No hall, pendurada num cabide, dorme a minha antiga coleira — um pequeno sino de memórias.

Às vezes, quando a noite cava mais fundo, eu toco a fivela com a pata.

O metal responde com um tilintar breve, e então vejo ruas, postes, árvores, chuvas; ouço risos, passos, o estalar do portão; sinto as mesmas mãos de sempre.

O som faz ponte. Eu atravesso.

Aprendi a ser guarda com outros instrumentos.

Pela manhã, recebo o dia no parapeito, examinando a luz como quem confere o pão no forno.

Capítulo 15: A Última Lua, o Primeiro Miado

À tarde, escolho o quadrado de sol onde cabe uma conversa inteira sem palavras e deito ali, disponível para quando a saudade quiser um travesseiro.

À noite, caminho com cuidado por entre as pernas de quem varre a cozinha, lembrando que os lares também se varrem por dentro.

Se alguém chora, eu me deito por cima do peito e ligo meu motor de paz.

Se alguém ri, eu me alongo inteiro e empresto minha elegância à alegria. Se ninguém me chama, eu me aproximo — porque amor não espera sinal verde para ser útil.

Mudei de corpo, mas não de votos.

Ainda escolho a porta certa para sentar quando o mundo lá fora ameaça a calma.

Ainda conto histórias com o queixo apoiado na perna de quem cansa.

Ainda reconheço os medos pelo cheiro e as coragens pelo passo.

Só aprendi uma ciência nova: a do silêncio que cura. Ronronar é dizer “estou aqui” numa frequência que o coração entende.

Capítulo 15: A Última Lua, o Primeiro Miado

Quando a lua cheia visita a janela — e ela tem sido assídua —, eu me lembro do cão que fui e abençoo o gato que sou.

Penso nos dias de lama e nas noites de guarda; nos truques aprendidos por insistência e nos truques que a vida ensina em silêncio; nos nomes que me deram (um para o latido, outro para o miado) e no nome secreto que não muda: “companheiro”.

Às vezes, vejo a menina, já quase adulta, cochilar com um caderno aberto.

Eu me deito sobre a página como quem segura o vento.

Ela passa a mão em mim e murmura um obrigado que não sei soletrar — mas reconheço do tempo do portão.

Eles têm suas rotinas.

Eu as acompanho como quem acompanha o nascer das estrelas.

O homem suspira mais fundo antes de dormir: eu subo e deito no peito, até o suspiro virar maré baixa.

A mulher dobra roupas no sofá: eu bagunço de leve, para lembrar que a ordem também precisa de um pouco de riso.

Capítulo 15: A Última Lua, o Primeiro Miado

E quando a casa inteira se recolhe, eu caminho até o hall, miro a coleira antiga e prometo em silêncio: “a guarda continua”. Não com latidos, mas com presença. Não com corrida, mas com constância.

A eternidade não é ausência; é recomeço.

E recomeço não é menor que o que veio antes — é apenas diferente.

Como mudar de instrumento e continuar tocando a mesma canção.

Como atravessar de uma margem à outra e descobrir que a água é a mesma.

Eu sei que, quando o ciclo se fechar outra vez, não será fim.

Será passagem.

Talvez eu acorde um dia usando asas e aprendendo o alfabeto do vento; talvez eu acorde com cascos e ensine coragem devagar; talvez eu volte de novo com patas de cão, para correr lado a lado mais uma temporada.

O endereço? O coração deles.

A tarefa? A mesma: amar, ensinar, estar.

Capítulo 15: A Última Lua, o Primeiro Miado

Enquanto isso, sigo.

Com passos leves, olhar profundo, o corpo em postura de oração serena.

Coleciono instantes como quem guarda chaves: o cheiro do café, a sombra da tarde, a mão que descansa sobre minha cabeça, o riso que estala no corredor.

Às vezes, quero dizer ao mundo inteiro a simplicidade do que descobri: a vida não acaba — apenas muda de tom.

A lua, o céu e o vento confirmam todas as noites. Eles falam com quem sabe ouvir.

E quando chegar o momento de atravessar mais uma vez a fronteira invisível entre mundos, sei que não estarei sozinho.

Levo comigo todas as vezes que disse “eu fico” e todas as vezes que ouvi “fica comigo”.

Levo o mapa da casa desenhado na pele, o som do portão gravado no peito, o cheiro dos meus humanos em cada fio de pelo.

Porque, no intervalo entre um latido e um miado, mora a eternidade — e é lá que nos encontramos, sempre que for preciso.

Capítulo 15: A Última Lua, o Primeiro Miado

Até lá, eu guardo.

Guardo as janelas e os sonhos; o silêncio e os nomes; a coleira antiga e o lugar de sol.

Guardo a mesa do café e o degrau da porta.

Guardo, sobretudo, a promessa que nos trouxe até aqui e que nos levará adiante: eu volto.

Eu volto em quem eu for, com o corpo que for preciso, na hora exata em que o amor chamar pelo meu nome.



Capítulo 16: O Último Chamado na Fila



Capítulo 16: O Último Chamado na Fila

As grades frias já não me assustam.

Já aprendi o desenho do metal, a língua do ferro que range sempre na mesma nota.

O cheiro forte de desinfetante, o coro de latidos, os miados distantes e o arrastar das correntes viraram estação do ano aqui dentro: acontecem, passam, voltam.

O tempo, entre paredes, é um relógio sem ponteiros — manhãs iguais, tardes longas, noites que ecoam com solidão.

Há dias em que a luz entra pelo vão da janela como uma lembrança; há outros em que nem a luz ousa ficar.

Sou um cão idoso.

Meus pelos, antes firmes e cheios de brilho, agora estão salpicados de branco como neve tardia.

As patas já não pulam como antes, mas ainda sabem caminhar com a coragem de quem atravessou tempestades.

No corpo, cicatrizes que não pedem explicação; nos olhos, a memória de estradas, portas que se fecharam, passos que foram embora.

Capítulo 16: O Último Chamado na Fila

Aprendi a economizar vigor e a gastar esperança.

Aprendi que esperar é um ofício: a coleira invisível que não aperta, mas mantém a fé no lugar.

Vi filhotes chegarem e partirem em poucas horas, abraçados por braços ansiosos.

Vi jovens abanarem o rabo como bandeira em dia de jogo e conquistarem lares em minutos.

Vi mãos que cheiravam a casa, a grama, a riso.

E eu? Eu fiquei. Muitas vezes fiquei.

Cada vez que o corredor se abria, meu peito fazia o gesto antigo do salto — e meu corpo lembrava que saltos, agora, precisam ser por dentro.

O olhar passava por mim como quem lê rápido demais e perde a melhor frase. Eu me tornava página virada.

A esperança, por vezes, parecia se apagar, brasa escondida sob cinza.

E, ainda assim, nunca deixei de esperar.

Capítulo 16: O Último Chamado na Fila

Não latia mais, não corria até a grade; aprendi a linguagem dos gestos pequenos: erguer os olhos, balançar a cauda devagar, oferecer a cabeça na altura certa.

Era meu modo de dizer: “ainda estou aqui. Ainda sei amar. Eu sei ficar.”

Nesses dias compridos, assisti à vida pela fresta.

O voluntário que chega cedo e canta desafinado enquanto lava os corredores.

A moça que escreve nossos nomes com caneta azul, como quem empresta sobrenome à esperança.

O sol que visita cada baía com imparcialidade de juiz justo.

A chuva que bate no telhado e faz todos, por um segundo, respirarem no mesmo compasso.

E os amigos: o de orelha rasgada que me conta histórias em silêncio; a gatinha que, do alto, governa nossos minutos com o olhar; o grandalhão que teme trovão, mas se oferece de abrigo quando alguém soluça.

Hoje, porém, o ambiente está diferente.

O eco dos passos no corredor vem mais leve, como quem pisa para não acordar a dor.

Capítulo 16: O Último Chamado na Fila

As vozes não vêm com pressa — falam baixo, como quem escuta o coração.

A porta range, e alguém para diante da minha grade.

As mãos não tremem por indecisão; tremem de emoção.

Há olhos que olham de verdade, devagar, como quem lê a tal frase que o mundo inteiro pulou.

Uma mão se aproxima, encosta no ferro frio, e eu reconheço o milagre: quando o toque acontece por dentro antes de acontecer por fora.

Levanto a cabeça e deixo os meus olhos falarem: “não olhe para o meu cansaço.

Olhe para a história que ainda posso escrever ao seu lado.”

E eu a vejo, a história, passando na superfície desses olhos humanos: manhãs de café dividido, tardes de sesta com um livro aberto, noites em que a casa respira mais fundo porque há um velho cão roncando baixinho no tapete.

Vejo passeios curtos que valem longas viagens.

Vejo fotos sem filtro com o tipo de beleza que só a verdade concede.

Capítulo 16: O Último Chamado na Fila

A fechadura gira.

O som metálico que tantas vezes significou rotina, desta vez significa esperança.

A guia pousa no meu pescoço, mas não para prender: para traduzir.

Traduz que, de agora em diante, alguém caminha comigo no mesmo ritmo.

Atrás de mim ficam os corredores de concreto, o cheiro de espera, as horas pesadas como anos.

À frente, o portão aberto, o céu sem grades, o calor de mãos que já entenderam a delicadeza de levar devagar.

E ouço uma voz dizer, simples e firme:

“Ele merece o final feliz que nunca teve.”

Nesse instante, a vida me devolve.

Sinto meus anos se reorganizando por dentro, como livros que finalmente encontram a prateleira certa.

Não sei quantos dias me restam — e, de repente, isso já não importa.

Capítulo 16: O Último Chamado na Fila

Porque não se trata de quantidade de tempo, mas da qualidade do abraço.

Não é sobre distância percorrida, e sim sobre chegar junto.

O que me falta em fôlego, me sobra em gratidão.

O que me falta em corrida, me sobra em saber ficar.

O primeiro passo fora do abrigo é uma aula.

A luz bate no meu dorso gasto como um cobertor morno.

O vento traz notícias: o cheiro de pão na esquina, o susto doce de uma flor, um riso que mora do outro lado da rua.

O carro espera e, por dentro dele, um cobertor já estendido, uma tigela de água, um nome sendo testado no ar — nomes são pontes. Eu subo devagar, inteiro, como quem entra num templo.

A caminho de casa, descubro a ciência da adoção.

Adoção não é piedade — é reconhecimento.

Não é “tirar da rua” — é “colocar no coração”.

Capítulo 16: O Último Chamado na Fila

Adoção salva duas vidas: a minha, que volta a caber num colo; e a do humano, que encontra um motivo bonito para arrumar a rotina por dentro.

Adoção é reforma íntima: a casa muda de lugar e, sem mover um móvel, cabe mais mundo.

E, no abrigo que ficou, um espaço se abre — outro corpo chega, outra história começa a ter chance.

A conta é simples e sempre justa.

Chegamos. Há uma tigela, um canto de sol reservado, um tapete com cheiro de lar.

Mãos ensaiam carícias como quem aprende um instrumento novo; eu dou as notas: aqui gosto, aqui preciso, aqui dói um pouco.

A casa apresenta seus sons — geladeira que suspira, relógio que conversa, porta que canta na mesma nota toda noite.

Eu apresento meus ritos — beber devagar, deitar sobre pés cansados, pedir licença com os olhos.

Nos corredores, fotos de vidas vivendo. Em mim, a foto que ainda vamos tirar.

Capítulo 16: O Último Chamado na Fila

Na primeira noite, aviso: vou demorar a dormir.

Não por medo, mas por reverência.

Toda chegada pede uma pequena vigília.

Eu circulo o perímetro com passos curtos, confiro janelas, abençoo portas, deito por fim onde o tapete toca a perna do sofá.

O sono vem com a mão pousada na minha cabeça.

E entendo, com a simplicidade que os velhos carregam: adoção é a língua que o amor fala quando decide ser verbo no presente.

Nos dias que seguem, inventamos juntos a rotina que cura.

Passeios curtos com tempo para cheiros longos.

Água fresca trocada como quem perpetua um rito.

Remédios dados com palavras gentis — e eu, de volta, dou a confiança.

Sestas intercaladas com olhares.

Refeições menos sobre fome, mais sobre companhia.

Capítulo 16: O Último Chamado na Fila

Uma cama no quarto — não para eu subir, mas para eu escolher.

E eu escolho o chão, porque o chão, perto deles, tem a maciez de um colo.

Às vezes, alguém pergunta baixinho: “Por que adotar um cão idoso?”

Eu escuto a resposta nascer na própria casa.

Porque velhos têm pressa nenhuma e urgência toda: ensinam a desacelerar o domingo, a comemorar o pequeno, a escolher o essencial.

Porque velhos chegam prontos — não para truques, mas para a maturidade do afeto.

Porque velhos não fazem promessas vãs: prometem ficar enquanto puderem, e cumprem com a teimosia mais bonita do mundo.

Porque velhos nos emprestam um mapa: o de viver com verdade até o último parágrafo.

Um dia alguém vai dizer que me resta pouco tempo.

Eu sorrirei com o rabo.

Capítulo 16: O Último Chamado na Fila

Tempo, agora, sobra — porque o que nos faltava não era relógio; era casa.

E casa não é parede: é encontro.

É o barulho de panela que vira música porque há quem escute.

É a cadeira que esquenta porque há quem sente.

É o nome dito com a sílaba certa.

Caminho com passos trêmulos, mas orgulhosos.

Cada passo desamarra um nó que ficou no abrigo.

Cada carinho reorganiza móveis invisíveis por dentro.

E quando o sol encosta no meu lombo como quem assina um documento, penso: “Esperei tanto... e valeu a pena.”

Valeu por mim — e valeu pelos meus.

Valeu por quem me abriu a grade e, sem saber, abriu também um jeito novo de estar vivo.

Valeu porque adoção é o contrário da solidão: é a certeza de que ninguém termina sozinho.

Capítulo 16: O Último Chamado na Fila

Se você me vir um dia dormindo com o focinho encostado no tênis de alguém, saiba: é gratidão tirando um cochilo.

Se me vir caminhando devagar pela casa, saiba: é felicidade fazendo inventário.

E se me vir, num fim de tarde, olhando a rua pela janela, lembre: um portão se fechou; outro se abriu dentro da gente.

Aos que passam pelos abrigos com pressa: peçam licença ao tempo.

Há uma vida inteira esperando no olhar de um velho.

Ele não quer muito — quer exatamente o que salva: um chão, um nome, um alguém.

E, quando você abrir a grade, vai descobrir que não foi só ele quem saiu.

Foi você quem entrou: no território onde amor não se mede por anos, mas por inteireza.

Onde cada dia extra é, na verdade, o dia exato.

Onde um final feliz chega como os melhores finais: cedo o bastante para ser vivido, tarde o suficiente para ser merecido.

Capítulo 16: O Último Chamado na Fila

Eu, que vi as manhãs repetidas e as tardes compridas, digo sem tremer: adoção é milagre metódico.

Acontece com água, ração, remédio na hora, cobertor perto, passeio curto, palavra boa.

E acontece, sobretudo, com presença.

Presença é o outro nome de Deus para os que têm medo de ficar sozinhos.

Agora, se me permite, vou deitar.

O sol encontrou o meu dorso — outra vez.

A casa respira fundo — outra vez.

A mão pousa na minha cabeça — outra vez.

A vida, generosa, devolveu o que eu deixei em algum lugar do caminho: não a juventude, mas o sentido.

E com ele, a certeza que cabe inteira numa frase simples, antiga e sempre nova: esperei — e valeu a pena.



Capítulo 17: O Último Brilho da Tarde



Capítulo 17: O Último Brilho da Tarde

O sol começa a se deitar no horizonte, tingindo o céu de dourado, laranja e rubro — como se alguém, com pincéis pacientes, quisesse caprichar no acabamento do dia.

As sombras se alongam pelo quintal e tocam de leve as coisas: o vaso trincado, a mangueira sonolenta, o banco com marcas de chuva, o limoeiro que sempre me ofereceu cheiros de manhã.

Cada feixe de luz parece uma lembrança insistindo em se despedir comigo, uma fita de claridade atada aos objetos da casa para que eu não me esqueça de nada.

O calor que encosta no meu pelo já não é o mesmo de quando eu era jovem — não queima, não arde, apenas acolhe.

É um abraço silencioso da própria vida dizendo, com uma voz que não precisa de boca: “descansa; você já fez o bastante.”

Deito no mesmo canto onde tantas vezes me estiquei depois de correr atrás de bolinhas, onde tantas vezes esperei ansioso os meus humanos chegarem.

Capítulo 17: O Último Brilho da Tarde

Ali vi a rotina respirar: portões abrindo e fechando como pálpebras, bicicletas encostadas no muro, roupas no varal dançando o baile que o vento rege, chinelos esquecidos que me serviam de travesseiro, a tigela de água que sempre brilhava como lago pequeno.

Aqui ouvi a casa falar todas as línguas: a língua da geladeira que suspira, a do relógio que explica a tarde, a da panela que anuncia festa, a do portão que canta a mesma nota desde sempre.

Lembro das crianças pequenas tropeçando e caindo sobre mim, rindo sem medo, distribuindo migalhas de biscoito como bênçãos tortas.

Hoje, cresceram — os joelhos já não têm curativos de desenho —, mas ainda se abaixam para coçar atrás das minhas orelhas, alongando a infância mais um pouco com a ponta dos dedos.

Não dizem, mas eu sei: também sentem que o tempo corre mais rápido do que gostaríamos, que os dias bons têm o hábito teimoso de terminar sorrindo e, mesmo assim, terminar.

Meus olhos, já turvos, ainda guardam tudo.

Capítulo 17: O Último Brilho da Tarde

Guardam a primeira noite de tempestade em que eu me sentei diante da porta para garantir que todos dormissem seguros; o primeiro dia de férias em que a casa parecia grande demais de alegria; o cheiro de bolo escapando pela fresta; o riso derramando açúcar no chão da cozinha; o barulho do jornal na mesa; a bronca que sempre vinha com o rosto mole de riso; os passos certos de quem sabe voltar.

Guardam também os dias difíceis — porque a verdade é completa: as lágrimas infantis que eu aparava oferecendo o peito, o silêncio comprido de notícias que não entendi, a cadeira vazia que demorei para aceitar.

Cada memória é uma chama; juntas, iluminam a tarde que agora se apaga, como velas acesas por mãos que me amam.

O corpo, sábio de estrada, faz seus pequenos inventários.

As patas, que já foram estalos de foguete, hoje preferem passos largos por dentro.

O fôlego, que um dia coube em corridas infinitas, aprendeu a caber em contemplações.

Há um cansaço manso nas juntas, uma música lenta no coração, uma vontade sincera de agradecer.

Nada dói na parte do amor.

Capítulo 17: O Último Brilho da Tarde

É como se todos os meus anos tivessem se reunido para conversar comigo: o filhote que eu fui me oferece suas travessuras, o adulto que eu fui me entrega sua vigilância, o velho que sou empresta sua paz. E os três, juntos, me dizem: “estamos inteiros.”

As vozes da família ecoam dentro da casa e isso me tranquiliza.

Alguém fala ao telefone, alguém ri baixo, alguém mexe o açúcar dentro da caneca com o mesmo gesto de sempre.

Há música de rádio vindo da sala, com aquela estática de fundo que, de tão antiga, virou conforto.

Sei que cumpri minha missão: fui companhia, fui guardião, fui testemunha silenciosa de uma vida inteira.

Nunca precisei de palavras porque meus gestos sempre falaram mais: o abanar da cauda, o encostar da cabeça, a vigília no tapete, o simples ato de estar — e estar, aprendi, é uma forma de amar que não pede holofote.

O vento da tarde sopra; levanta do chão perfumes que só os bichos entendem: grama cansada, terra que guardou chuva, sabão que esqueceu de ir embora do varal, pão aquecendo a casa para mais uma noite.

Capítulo 17: O Último Brilho da Tarde

No movimento das árvores, sinto como se a própria natureza me dissesse que tudo está no lugar certo, que o mundo sabe fazer despedidas sem ruído, que a luz não se perde — se transfere.

Não há pressa. Não há dor. Há uma calma funda, com a espessura daquilo que está resolvido.

Observo o pôr do sol como quem recebe um presente pensado com antecedência.

A cada minuto, o céu se pinta mais forte, como se me pedisse: “olhe com cuidado; guarde esta imagem; ela será sua ponte entre aqui e o que vem.”

A luz desce pela parede como água lenta, me encontra, me cobre, me abençoa.

E eu entendo, com a simplicidade que sempre me guiou, que o amor está fazendo as malas com carinho — sem esquecer de nada, sem deixar bagunça.

Penso nos meus humanos — e, se eu pudesse, diria umas coisas pequenas, do tipo que cabem no bolso e salvam um dia inteiro.

Diria: deixem a janela da cozinha um pouco aberta para a manhã entrar; lembrem de molhar o limoeiro nos dias muito quentes;

Capítulo 17: O Último Brilho da Tarde

Falem com a casa quando ela ficar silenciosa — ela gosta; guardem os chinelos no mesmo lugar de sempre, para que meu costume descanse com vocês; riam no corredor, porque o corredor foi feito para ecos alegres; façam café quando chover e lembrem de mim no cheiro.

E, principalmente: quando a saudade doer, encostem a cabeça um no outro — eu sempre estarei ali, enroscado na dobra desse gesto.

As crianças — já quase gente grande — passam por mim e, sem perceber, pisam devagar, como se soubessem que o mundo fica mais frágil ao entardecer.

Uma mão, que conheço desde que cabia inteira no meu focinho, pousa sobre minha cabeça.

O toque não pede nada, não promete nada, não negocia.

É só presença. E presença, aprendi, é o outro nome que Deus usa quando quer ser discreto.

O portão range ao longe; reconheço a nota como quem reconhece um velho amigo pela risada.

O vizinho chama o gato dele; o gato não atende — como sempre.

Capítulo 17: O Último Brilho da Tarde

Um avião risca o céu muito alto, sem pressa de chegar.

O mundo continua.

E eu continuo dentro dele, sem precisar correr para acompanhar. O coração pulsa lento, mas cheio.

Levo comigo a sensação de tarefa cumprida que só os bichos têm: ofícios simples, executados com inteireza — o de esperar do lado certo da porta, o de lembrar a hora do sol, o de trazer para o tapete a alegria que vem da rua, o de colocar o corpo entre o medo e quem eu amo.

Quando o sol decide, finalmente, se despedir, deixa em mim um brilho que não é de dor — é de orgulho.

Orgulho de ter vivido intensamente cada manhã (mesmo as emboladas), cada tarde (mesmo as demoradas), cada noite (mesmo as barulhentas) ao lado da minha família.

Orgulho de ter transformado um quintal em território sagrado, uma casa em mapa de cheiros, um portão em promessa de retorno.

Orgulho de ter sido “eu fico” todos os dias, mesmo quando a pressa do mundo queria me ensinar a ir.

Capítulo 17: O Último Brilho da Tarde

E então penso, com a serenidade que cabe num peito velho e contente: assim como a luz, eu também não desapareço.

Apenas me transformo.

A claridade volta para o céu que a emprestou; eu volto para o amor que me acendeu.

A travessia não tem escadas; tem colo.

Não tem senha; tem nome — o meu, dito pelas mesmas vozes que me chamaram para comer, para passear, para deitar ao pé da cama.

Apoio a cabeça sobre as patas, respiro fundo e deixo a brisa me embalar.

O quintal me responde com sons que só agora percebo: o farfalhar miúdo de uma folha que decide cair, o estalo tímido da madeira aquecida, a conversa baixinha das formigas.

O céu guarda os pincéis; a noite acende sua primeira estrela.

Fecho os olhos devagar, para não assustar a lembrança.

Capítulo 17: O Último Brilho da Tarde

E, antes do sono, deixo uma última certeza sobre o chão que tanto amei: se hoje o sol se apaga aqui, é porque está nascendo para mim em outro lugar.

Onde houver janela, abrirei com o focinho.

Onde houver riso, deitarei por perto.

Onde houver silêncio, serei presença.

E, se alguém perguntar por mim, digam com a simplicidade que sempre me guiou: ele não se foi — ele virou luz do lado de dentro.



Capítulo 18: O Último Ronronar do Silêncio



Capítulo 18: O Último Ronronar do Silêncio

Sempre fui um gato de distâncias.

Aprendi cedo a cartografia do alto: o corrimão frio na madrugada, o muro áspero entre jardins, o telhado que estala com o peso do sereno.

Meu território era feito de linhas estreitas, sombras discretas e rotas que eu mesmo inventava.

Aproximei-me quando quis, afastei-me quando precisei. Nunca me deixei prender em braços por muito tempo; nunca dei minha confiança inteira a ninguém.

Minhas patas preferiam os caminhos onde só cabia o silêncio; meus olhos desconfiados liam cada movimento humano como um enigma a ser decifrado de longe.

Para muitos, fui arredio.

Para mim, fui livre.

Mas o tempo ensina a todos — até a nós, gatos.

Ensina devagar, como quem passa o dedo no verso das coisas para sentir a textura.

Capítulo 18: O Último Ronronar do Silêncio

Um dia percebi que o salto, antes certo como sentença, passou a medir melhor as alturas; que o impulso precisou de dois segundos de cálculo a mais; que as janelas pediam escala com degraus invisíveis.

Os bigodes, antenas de outrora, ficaram mais sábios; o corpo, menos urgente.

Onde havia pressa, nasceu contemplação. Onde havia vigília, nasceu pausa.

O instinto, que já foi flecha, se transformou em brisa.

Foi então que descobri uma liberdade que eu desconhecia: a de escolher onde repousar o coração.

Deixei o parapeito para visitar o braço do sofá; do braço, o encosto; do encosto, a almofada morna onde a luz da tarde sempre adormece.

A casa, que eu rondava com distância calculada, passou a me chamar por cheiros e canções baixas: café que sobe da cozinha, roupa limpa que respira no varal, madeira que fala quando o chão resolve lembrar que é árvore.

E, no meio disso, havia ele — o humano que nunca me apressou. O que respeitou minhas distâncias como quem respeita maré. O que, sem saber, me ensinou a voltar.

Capítulo 18: O Último Ronronar do Silêncio

Hoje meu corpo já não responde com a mesma firmeza.

O salto hesita, a espinha consulta o vento antes de se curvar, a cauda desenha um ponto de interrogação antes de virar exclamação.

Meus olhos, que refletiram caça e vigilância, agora buscam apenas paz.

É nessa estação, feita de outonos mansos, que encontro o que nunca busquei: colo.

O colo humano que antes rejeitei se torna porto.

Ele se senta na poltrona que range uma nota conhecida; o abajur derrama um ouro calmo sobre a sala; a chaleira, ao fundo, suspira no ritmo de um gato velho.

As mãos vêm devagar, como quem segura um vaso antigo.

Não me cercam: convidam.

E eu, que já recusei convites por puro ofício, aceito.

Deixo que me aninhem entre antebraço e peito; deixo que uma palma me faça concha nas costelas; deixo que a outra alise as orelhas com a cadência de um mantra.

Capítulo 18: O Último Ronronar do Silêncio

Meus músculos, acostumados à tensão do sempre-pronto, desapertam os nós.

Primeiro um, depois outro.

O queixo encontra um vale macio; as patas, sem que eu comande, amassam um pão antigo, ritual que vem de antes de qualquer memória.

Pela primeira vez, não luto contra o abraço.

Pela primeira vez, fico.

Então acontece: de dentro de mim surge o ronronar.

Começa baixo, tímido, como quem pede licença.

Sobe um degrau e encontra a frequência do coração dele.

Vibra no peito, atravessa costelas, se espalha pela sala: toca o vidro da janela com um tremor quase música, visita o relógio da estante e o ensina a marcar outra hora, embala a cortina como se fosse mar.

Não é barulho: é presença sonora.

Nunca ronronei tanto. Nunca tão profundo.

Capítulo 18: O Último Ronronar do Silêncio

Cada nota diz, com uma clareza que não precisa de dicionário: “obrigado”.

Obrigado pela paciência.

Obrigado por me esperar.

Obrigado por entender que até os espíritos mais independentes precisam, cedo ou tarde, de um cais.

A casa recebe esse canto e compreende.

A geladeira, lá no fundo, ajusta o suspiro para não atrapalhar.

A rua desacelera, como se os carros tivessem lembrado um dever antigo.

A chuva, se vem, vem em gotas discretas, cuidadosas de não quebrar nada.

O mundo se rearranja para caber no intervalo entre uma carícia e outra.

E eu observo — com os olhos entreabertos de quem não quer perder a última cena — o humano que me segura.

Sinto o peito dele tremer entre soluços e sorrisos tristes.

Capítulo 18: O Último Ronronar do Silêncio

Ele sabe. Eu também sei. Há perguntas que não se fazem em voz alta porque já foram respondidas por dentro: “Chegou a hora?” “Eu fico com você.”

É tudo.

Fecho os olhos devagar.

O ronronar continua, firme, como se quisesse durar para sempre.

Cada vibração é um “sim” ao que fomos, um “sim” ao que somos, um “sim” ao que segue, mesmo quando a luz muda de tom.

Entre uma marola e outra desse som antigo, eu revejo meus mapas: o telhado em que virei estatística de estrela cadente, o muro que conhecia meus passos de memória, a madrugada em que a lua me emprestou a própria coragem.

Revejo também os dias de dentro: o inverno em que aprendi a morar no sol, a primavera em que uma planta nova precisou de guarda e eu fui, o verão em que o calor me ensinou a medida da sombra, o outono em que entendi que cair é pousar quando se sabe aonde.

O humano, com dedos que tremem pouco, sussurra o meu nome. O nome vem inteiro, do jeito certo, com a sílaba que me reconhece.

Capítulo 18: O Último Ronronar do Silêncio

E quando o nome encontra meu ouvido, o ronronar encontra um pico e então começa a descer a colina.

Não é desistência; é descanso.

Não é fim; é forma nova.

A música não para — ela se aquieta.

O mundo lá fora silencia.

Não há mais ruído de passos no corredor, nem prata batendo em prato, nem portas rangendo.

Há o rumor macio de uma respiração que aprende outra cadência.

O cheiro do abajur aquecido mistura-se ao cheiro de pele e de sabão; o tempo, ali, se torna um quarto onde cabe eternidade.

Eu, que sempre medi distâncias com régua de cautela, percebo: o salto mais difícil era pequeno — cabia entre o medo e a confiança.

Quando, enfim, o ronronar diminui até virar quase-nada, não há medo.

Há rendição.

Capítulo 18: O Último Ronronar do Silêncio

Rendição que não é derrota, mas vitória quieta sobre mim mesmo.

Venci paredes internas, venci muros invisíveis, venci a solidão que escolhi por falta de palavra melhor.

Entreguei o corpo ao único cativoiro que não prende: o cuidado.

E ele me devolveu algo que nem eu sabia que procurava: pertencimento.

A janela, cúmplice, abre uma fresta de lua.

A luz entra e me toca o dorso com a reverência de quem benze.

A cortina faz mar pequeno, indo e vindo, indo e vindo.

No parapeito, a planta de folhas largas oferece sombra que já não preciso.

O relógio marca uma hora que não existe, uma hora feita para despedidas que não doem.

O humano encosta a testa na minha e diz nada — e, no nada, me diz tudo.

Assim, meu último ronronar não é apenas despedida.

Capítulo 18: O Último Ronronar do Silêncio

É canção.

É confiança.

É amor transformado em vibração.

E quando o silêncio chega, ele não é vazio.

É plenitude. Fica o calor nas mãos, o contorno do meu corpo desenhado na memória da poltrona, o perfume leve que os gatos deixam quando a casa aprende seus nomes.

Fica um eco gentil nas coisas: a tigela que espera, o peitoral da janela que me procurará ao amanhecer, a poeira de luz onde, tantas vezes, estendi a tarde. Fica, sobretudo, o gesto: um colo que se ofereceu e um coração que, depois de viver de distâncias, escolheu pousar.

O colo que nunca quis foi o lugar onde escolhi partir.

E isso, talvez, seja a maior prova de coragem que um gato pode dar: aceitar ser amado no tempo exato em que o amor mais precisa trabalhar.

Se amanhã alguém abrir esta janela e sentir um ar morno de abril — mesmo em agosto —, serei eu passando para dizer que aprendi.

Capítulo 18: O Último Ronronar do Silêncio

Que a maior liberdade é saber onde ficar.

Que todo gato de distâncias guarda, em secreto, um mapa do caminho de volta.

Agora, se me perguntarem o que ficou, direi sem voz e com tudo: ficou a música do meu peito no peito dele; ficou a poltrona convertida em altar; ficou a casa afinada na frequência do cuidado.

E, na linha fina entre este lado e o outro, ficou a certeza que cabe numa palavra antiga e macia, do tamanho de um corpo enroscado: colo.



Capítulo 19: O Último Guardião da Noite



Capítulo 19: O Último Guardião da Noite

A noite cai sobre a casa como um cobertor antigo — daqueles que conhecem de cor a forma dos ombros. Primeiro escurecem os cantos do quintal; depois, as paredes ganham sombras compridas, e o teto respira um azul profundo antes de ceder à escuridão.

A lâmpada do poste lá fora acende com um estalo leve; o zumbido fino da eletricidade vira trilha de fundo.

Para muitos, o silêncio é ausência. Para mim, o silêncio sempre foi chamado.

É nele que os passos desconhecidos se revelam, que os cheiros inéditos fazem a ronda do portão, que o mundo de fora encosta a testa no muro para tentar ouvir a casa por dentro.

Passei a vida inteira guardando este lugar.

Sei o idioma de cada dobradiça, o sotaque de cada roda que estaciona, a assinatura sonora de cada chave que procura a fechadura.

Sei a altura do riso dos vizinhos e o soluço da madeira do assoalho quando alguém levanta para beber água de madrugada.

Capítulo 19: O Último Guardião da Noite

Meu latido nunca foi apenas barulho: era promessa.

“Aqui não passas. Aqui mora a minha família.”

Era fronteira e abrigo, campainha e aviso. E, se algum medo ousasse atravessar, encontraria primeiro o meu peito.

Hoje, o corpo já não dispara como antes.

As patas, que corriam sem pedir permissão ao vento, agora pedem licença ao degrau.

O fôlego aprendeu a medir as distâncias; os músculos negociam cada curva. Ainda assim, a vontade é a mesma, intacta.

O ofício não envelhece. Perto do portão, minhas orelhas — velhos radares — ainda viram para a direção do mundo.

O nariz registra num caderno invisível as notícias que chegam na brisa: um gato que riscou a madrugada; o pão da padaria que começou a nascer; a chuva que mudou de endereço; a bicicleta do menino da rua de trás; a manga que caiu no quintal vizinho e abriu o perfume no chão.

Tudo que é de dentro, protejo. Tudo que é de fora, conheço.

Quando a casa adormece, a minha ronda começa.

Capítulo 19: O Último Guardião da Noite

Faço o percurso de sempre, atento como quem revisa uma oração.

Passo pela mangueira enrolada (a borracha tem cheiro de tarde), pelo vaso que já viu verões demais, pela cadeira da varanda que mantém a marca do ombro do meu humano.

Esfrego o focinho no pé do banco — ritual de reconhecimento de território —, confiro a tigela de água (o céu se deita nela como um espelho), reúno no nariz os sumários do jardim: terra fria, folha amassada, flor que abre mesmo sem plateia.

Encosto a cabeça na grade do portão e capto o ferro frio; ele devolve memórias: o dia de tempestade em que fiquei firme diante do trovão, a noite do susto em que a rua parou para ouvir o choro e eu virei muro para o medo não entrar.

Volto pelo corredor lateral e escuto a casa por dentro.

O relógio da cozinha conversa com a geladeira; um copo encontra seu lugar na pia; a cortina encena mar pequeno na janela.

Me aproximo da porta entreaberta do quarto das crianças.

Lá dentro, dois corpos crescem devagar, deitados, como árvores em repouso.

Capítulo 19: O Último Guardião da Noite

Um pé escapa da coberta à procura do mundo; eu sorrio por dentro — já conheço esse gesto desde o berço.

No quarto ao lado, meu humano muda de lado; o colchão reconhece o movimento e responde com suspiro.

Eles dormem.

Eles sonham. Eles podem, porque estou acordado.

E não há presente maior do que esta simples troca: o descanso deles molhando minha vigília de sentido.

A rua repete os rituais que a noite conhece: uma moto demora na esquina, um ônibus freia longe, um gato atravessa a avenida com a filosofia de quem nasceu para isso.

Um cachorro responde meu pensamento em outra casa e, por alguns segundos, fazemos coro como monges em lados opostos de um claustro.

Acima, o céu abre suas costuras de estrelas; a lua, cheia de trabalho, derrama luz creme nas minhas orelhas.

Caminho devagar, sabendo — com a sabedoria que a idade dá — que talvez esta seja minha última ronda completa.

Capítulo 19: O Último Guardião da Noite

Não dói saber.

É só uma verdade que se senta ao meu lado e me oferece silêncio.

Escolho a soleira da porta como posto.

Foi ali que aprendi a medir a rua com os olhos, ali que transformei a casa em território sagrado, ali que colecionei chegadas: mochilas de escola batendo na perna, sacolas de mercado cheirando a laranja, braços cansados que, depois, viravam colo.

A soleira é trono humilde e altar discreto; tem a marca oval das minhas idas e vindas, um brilho no piso que não se explica com cera.

Deito.

As almofadas das patas encontram seus encaixes; o peito, a altura certa.

Sinto, de uma vez, o peso do cansaço e a leveza da entrega — duas mãos sobre a mesma cabeça.

A madrugada, boa de serviço, me traz relatórios em detalhes.

Capítulo 19: O Último Guardião da Noite

No jardim da frente, as formigas carregam migalhas com disciplina de orquestra; uma lagartixa assina seu nome na parede com passos fininhos; um besouro tromba em mim e segue tonto, sem pedir desculpas.

O vento me entrega envelopes sem selo: o sal das lágrimas antigas que a varanda guardou; o talco de infância que ainda mora no sofá; o sabão do lençol que aprendeu o desenho dos corpos.

Eu, que sempre li o mundo com o nariz, reviso o arquivo com calma, como quem fecha um livro preferido entre as mãos.

De vez em quando, a cabeça cede e cochila; a orelha, porém, não se aposenta: registra o estalo do portão, a respiração da casa, o “nada” barulhento da madrugada.

Meu coração, velho funcionário público, bate na pontualidade possível e, a cada batida, assina a mesma frase: “estou aqui”.

Relembro, no intervalo entre um piscar e outro, cenas do meu expediente: o trovão que tentei latir para longe; a festa do aniversário em que aceitei chapéu de papel e me prometeram segredo; a febre que vigiei no tapete até amanhecer; a vez em que uma tristeza entrou pela sala e eu, sem saber ler, li tudo e virei travesseiro.

Capítulo 19: O Último Guardião da Noite

Quantos medos eu escoltei até a porta de saída.

Quantas alegrias eu trouxe pela coleira até o meio da sala.

O tempo, que sabe trabalhar, muda de marcha antes do dia nascer.

O azul começa a clarear o telhado; os pássaros do bairro se reúnem em reunião de pauta; o padeiro ergue a porta do forno; uma senhora de passos antigos varre a calçada com dignidade.

A luz, ainda tímida, esboça um dourado na quina do muro, depois no caminho de pedras, depois — generosa — em mim.

Sinto o calor chegar, macio, e encostar primeiro no focinho, depois nas orelhas, depois no peito.

Ouçó, de muito longe e muito dentro, a água do mundo chamando meu nome.

Entendo: é hora.

Não de abandonar o posto — guardiões não abandonam —, mas de entregar o turno ao que aprendi a confiar: o próprio dia.

Apoio mais firme a cabeça sobre as patas.

Capítulo 19: O Último Guardião da Noite

A brisa me penteia o pelo; uma folha cai com elegância de carta assinada.

Não há medo, não há pressa.

Há uma espécie de orgulho antigo, desses que não fazem barulho: o orgulho de ter cumprido a missão.

De ter sido ponte entre a rua e o chão de casa.

De ter repetido, noite após noite, a mesma promessa, até que ela virasse hábito do universo.

Quando o sono me veste, não é escuridão — é claridade de dentro.

Escuto a casa ainda: o primeiro abrir de torneira, o chinelo procurando pé, a risada que ainda não nasceu.

Um último pensamento encosta em mim como amigo: “segue, eu fico.” E eu entendo que a vigília tem muitos nomes.

Às vezes é latido; às vezes é brisa; às vezes é lembrança.

Ali mesmo, na soleira, me entrego à paz.

Não com tristeza — com gratidão. Não com vazio — com inteireza.

Capítulo 19: O Último Guardião da Noite

Porque guardião até o último instante é o que fui, e isso ninguém me tira.

Sei que, quando a família acordar, encontrará mais do que meu corpo: encontrará as paredes cheias das minhas noites seguras, os sonhos que eu escoltei, os passos que nunca deixei tropeçar.

Encontrará, no brilho do piso, o desenho da minha insistência; nas marcas do portão, a grafia do meu cuidado; no silêncio da manhã, um espaço que não dói — se reconhece.

O guardião parte, mas a casa não esquece a língua da sua vigília.

Ela continuará a fechar os olhos com confiança, a abrir as janelas com coragem, a receber visitas com alegria.

E, quando o vento passar pela soleira (ele sempre passa), levará junto a promessa que deixo aqui: permanecerei.

No farfalhar das folhas do limoeiro; no calor que encontra o tapete às três da tarde; no estalo carinhoso da cadeira da varanda; na memória do portão que canta.

Invisível, fiel, inteiro.

Capítulo 19: O Último Guardião da Noite

Se alguém chamar por mim sem voz — com o coração —, responderei na hora: “estou aqui”.

Porque estar, descobri, é a forma mais alta de guardar.

E eu, que fiz disso o meu ofício, sigo em serviço — do lado que não cansa.



Capítulo 20: O Último Pedaco de Esperança



Capítulo 20: O Último Pedaco de Esperança

As paredes frias do abrigo sempre me pareceram eternas.

O concreto guardava um frio que não vinha do clima, mas de dentro — um frio de calendário que não vira página.

De manhã, a luz branca dos tubos piscava antes de firmar, como se pedisse licença para existir; ao meio-dia, o cheiro de ração aberta, desinfetante e ferro ganhava corpo; à tarde, o sol entrava em lâminas finas pela claraboia e recortava poeiras dançantes, cada grão uma pequena lembrança de rua; à noite, o eco dos latidos se alongava pelos corredores como maré que não aprende a baixar.

Eu sabia de cor os timbres: o latido ansioso do filhote da ponta, o canto rouco do vizinho de baia, o miado de comando da gatinha do depósito. Sabia, também, a música triste das grades: três notas de metal que diziam “aqui dentro”, “ainda não”, “quem sabe um dia”.

Eu era o cão do fundo, o que todo mundo via por cima.

“Depois a gente vê.” “Coitado, já é velhinho.” “Ele não chama.”

Aprendi a medir a esperança pelo barulho do carrinho de limpeza: vinha, chiava, parava, seguia — e tudo continuava no lugar errado.

Capítulo 20: O Último Pedaco de Esperança

A tigela enchia, eu cheirava; a água refletia um pedaco de céu que não era meu; a cama de plástico amaciava mais o silêncio do que o corpo.

Aos poucos, fui desapertando o laço com o mundo: comi menos, lati menos, sonhei pouco.

O tempo virou uma sala de espera sem revista.

Até que ele chegou.

Um menino.

Pequeno diante do portão alto, mas com um olhar imenso que atravessava barras e chegava em mim sem arranhar.

O tênis tinha riscos de giz, a mochila cheirava a livro novo, e o cabelo guardava a luz do pátio da escola.

Não bateu palmas, não assobiou, não inventou nomes — até porque, ali, quase ninguém lembrava o meu.

Ele apenas sentou no chão, pernas cruzadas, costas na coluna de ferro, e ficou.

Ficou como quem reencontra um parágrafo que não terminou de ler.

Capítulo 20: O Último Pedaco de Esperança

No primeiro dia, virei o focinho.

Estava cansado da promessa que quebra no bolso.

A ração do pote tinha gosto de abandono; a água, gosto de espera.

Mas ele voltou.

No segundo dia, no terceiro, no quarto.

Voltou sempre, cada vez com um gesto diferente: um pedaço de frango embrulhado num guardanapo, a ração amolecida em água morna como se fosse sopa, um paninho limpo para enxugar o meu queixo depois.

Falava baixo, com palavras que aprendem do lado de dentro:

— “Você precisa comer, amigo. Eu sei que dói... mas vem. Por favor.”

Primeiro, aceitei um grão.

Depois, dois.

O estômago acordou, o corpo lembrou o caminho, e — sem pedir permissão para mim — o rabo ensaiou um compasso.

Capítulo 20: O Último Pedaco de Esperança

O menino sorriu por dentro, aquele sorriso que a gente guarda para não espantar milagre.

A cada gole de água, a cada mordida, ele fazia da vitória um rito: olhava o pote vazio como quem olha amanhecer.

E eu percebi — com a ciência antiga dos bichos — que não era só a minha fome que estava sendo alimentada.

A esperança dele também comia à minha frente.

Os dias foram aprendendo um novo idioma.

O voluntário do balde me chamava de “camarada”.

A moça do cadastro dizia meu número devagar, como se um nome nascesse.

O sol encontrou meu cobertor.

Um banho tépido levou embora parte do peso.

As feridas começaram a negociar paz com a pele.

O pelo, antes opaco, aceitou de novo a conversa da luz.

Capítulo 20: O Último Pedaco de Esperança

E, de tanto o menino me chamar de “amigo”, virei o amigo do menino.

Ele vinha e anotava vitórias invisíveis:

— “Hoje ele levantou sem ajuda.”

— “Hoje ele veio até a grade quando me viu.”

— “Hoje ele lambeu a mão, olha!”

Como quem marca o placar de um jogo que o mundo nem se deu ao trabalho de assistir.

E quando eu dormia — dormi de verdade, não só fechei os olhos —, ele ficava espiando pela fresta, segurando a respiração para não acordar a paz.

Até que o vento mudou.

Num fim de tarde, os passos dele vieram pesados, menos menino, mais mundo.

Sentou-se no mesmo lugar de sempre, mas com as mãos procurando palavras nos vãos da grade.

O olho brilhou de um jeito que não é riso.

Capítulo 20: O Último Pedaco de Esperança

E a voz, pequena, tirou a verdade do bolso:

— “Eu queria tanto te levar... mas meus pais não deixam.

Dizem que não é a hora, que não temos espaço.

Eu prometo: vou achar alguém que cuide de você como eu cuidaria.”

Meu peito doeu num lugar antigo — o lugar onde moram as salas de espera.

Mas doeu mais nele, eu vi.

Não vi desistência; vi luta que não faz barulho.

Naquele dia, ele não me trouxe frango nem sopa.

Trouxe presença.

Ficou até a luz dos tubos pedir descanso.

Foi embora devagar, como quem fecha um livro prometendo retomar no mesmo parágrafo.

Nos dias seguintes, a promessa ganhou pernas.

O menino voltou com adultos: vizinha, tia, professora?

Capítulo 20: O Último Pedaco de Esperança

Não sei nomes; sei cheiros.

Falava da minha melhora com relatório de cientista e brilho de fã: “Ele comeu tudo uma semana inteira.”

“Ele não rosnou quando limpei a pata.”

“Ele gosta de água morna.”

“Ele precisa de um tapete no quarto.”

Respondeu perguntas com a seriedade de quem estuda a matéria mais importante: “Ele é calmo, toma remédio sem brigar, anda devagar, dorme perto.”

E, ao fim, sempre arrematava com o pedido que aprendia a morar na garganta: “Não deixem ele voltar a ser invisível.”

Um casal escutou. Escutou de verdade — não só com o ouvido.

Não desviou para os filhotes que vendiam facilidade.

Ficou diante de mim e do menino na mesma linha.

Fez perguntas honestas: custo, tempo, adaptação, conta de veterinário.

Capítulo 20: O Último Pedaco de Esperança

Recebeu respostas honestas na mesma moeda.

E, quando a moça abaixou para tocar a grade, a mão não tremeu; tremeu a voz:

— “A gente consegue.”

O portão abriu.

O som seco da fivela na coleira nunca foi tão doce.

Não era a velha ordem de ficar; era a nova licença para ir.

O corredor virou desfile: latidos em coro, rabos acesos, voluntários com olhos úmidos, a moça do cadastro abanando um papel como se abanasse o calor do mundo.

Caminhei trêmulo — músculos de antiguidade aprendendo a soletrar “fora”. Parei na porta.

Olhei para trás.

O menino estava lá, duas mãos pequenas sem luvas agarradas no ferro.

Sorria e chorava ao mesmo tempo — mistura que só os corajosos permitem.

Capítulo 20: O Último Pedaco de Esperança

Não disse nada com a boca. Disse com o corpo inteiro: “Vai. Seja feliz, mesmo que não seja comigo.”

Respondi com o rabo.

E fui.

Lá fora, o sol me reconheceu de imediato — encostou no meu lombo com o calor exato de quem tem o meu endereço.

O ar era outro: cheiros sem grades, vento sem eco, barulhos que não se repetiam, gente que não apressava a pressa.

O carro tinha um cobertor que esperava por mim, uma tigela de água que era lago doméstico, um brinquedo velho que já me queria bem.

O casal me chamou por um nome novo — testou sílabas como quem veste uma roupa e olha no espelho.

Atendi.

Nomes, aprendi ali, são pontes; é preciso coragem para atravessá-los. A minha veio do menino.

A primeira casa trabalhou comigo como quem recebe visita para ficar.

Capítulo 20: O Último Pedaco de Esperança

Rampas de borracha nas escadas, tapete antiderrapante no corredor, uma cama baixa ao lado da cama deles — não para me proibir o alto, mas para me oferecer escolha.

Água fresca duas, três vezes por dia.

Ração amolecida com caldo morno.

Um banho morno de verdade — água que não punha medo, mãos que não punham pressa, toalha que não punha frio.

E palavras novas: “devagar”, “tudo bem”, “aqui”, “junto”.

Eu respondia com a língua que aprendi no abrigo: presença.

No primeiro passeio de quintal, o chão me contou outra história: cheiro de manga caída, travesseiro de sol no azulejo, grama com risadas de domingo, muro que nunca viu meu latido e, ainda assim, me respeitava.

Conheci o relógio da casa: o apito do forno avisando pão, a risada da vizinha às seis, o noticiário que começava sempre antes da janta, o estalo da madeira que testa o frio da noite.

E todas as vezes, a mão ao alcance.

Para apoiar, para afagar, para traduzir.

Capítulo 20: O Último Pedaco de Esperança

À noite, adormeci com o peito mais lento.

Antes de fechar os olhos, apareceu o rosto do menino, emoldurado pela luz branca dos tubos do abrigo.

Senti, do jeito que a gente sente cheiro, que ele estava mais leve.

Que, em casa, devia estar contando para alguém — “deu certo” —, talvez desenhando a minha cara num caderno, talvez escrevendo meu nome no canto da folha, sublinhado.

Adormeci com a certeza macia de que ele estava salvo um pouco por minha causa — e eu, muito por causa dele.

No dia seguinte, o casal tirou uma foto minha deitado no sol, a língua um pouco de fora, a orelha desobediente.

Mandaram para a moça do abrigo, que mostrou para o menino.

Soube depois — senti, na verdade — que ele chorou de novo, mas diferente: agora era alegria com saudade bem posta.

Trouxe, numa visita ao abrigo, um cartaz feito à mão: “Adote um velho. Eles ensinam rápido o que importa.”

Capítulo 20: O Último Pedaco de Esperança

Pregou com fita ao lado da porta. Ficou bonito, torto e verdadeiro.

Passaram-se semanas e inventamos juntos uma vida.

Veterinário de fala calma, exame com tapete macio, remédio escondido no queijo.

Passeios curtos que valiam uma volta ao mundo: cheiros inéditos, vizinho que oferece a mão, criança que pergunta meu nome e aprende a me tocar com dedos leves.

Dias de chuva com música e coberta; dias de sol com varanda e manga.

Aprendi a hora do café pelo barulho do coador; a hora do carinho pelos passos no corredor; a hora do dormir pelo tom da voz que me diz “boa noite” com as mesmas sílabas de uma oração.

Um mês depois, o casal me levou ao abrigo — não para devolver, mas para devolver luz.

Chegamos com um saco de ração boa, remédios, panos limpos e o coração cheio.

O menino estava lá, com crachá de voluntário pequeno e orgulho grande.

Capítulo 20: O Último Pedaco de Esperança

Correu até mim, mas parou a dois passos — aprendeu a pedir licença até para a alegria.

Ajoelhou, abriu os braços, e eu fui.

Encostei a testa na dele.

Ele encostou a testa na minha.

Ficamos um instante inteiro nesse gesto que conserta mundos.

Depois me levou, ele mesmo, para mostrar a “minha baia antiga” para outra família que olhava os filhotes.

Disse, com voz de quem agora sabe:

— “Os pequenos são lindos, mas esse aqui também merece. Olha como ele melhorou... o amigo do meu amigo também pode ser seu.”

Naquela tarde, um cão do corredor ao lado ganhou destino.

E eu entendi: a minha história trabalha por mim mesmo quando eu durmo.

O abrigo, com suas paredes frias, ganhou uma janela a mais.

Capítulo 20: O Último Pedaco de Esperança

A pressa de quem entra agora tropeça em um cartaz torto. E, às vezes, para a pressa, é tudo de que ela precisa.

Hoje, quando deito no quadrado de sol da minha nova casa, sinto o mundo pousar onde antes só passava.

A tigela já não reflete um céu emprestado — reflete o meu teto, o meu nome, a mão que mexe a água e diz “pronto”.

A cama guarda um buraco do meu tamanho.

O portão aprendeu a abrir para mim.

E, no meio de tudo, carrego o menino como quem carrega bússola: apontando sempre para o norte da coragem.

Se alguém me perguntar como foi que a vida virou, direi com a língua que me deram: foi com coisas pequenas — um frango no guardanapo, uma ração com água morna, um menino sentado no chão, um “não desiste” sussurrado por dias, um casal que escolheu escutar.

A chave de um destino cabe, quase sempre, na palma da mão de quem acredita.

E quando, mais tarde, o vento entrar pela janela trazendo um cheiro de pátio de escola, fecharei os olhos e abanarei o rabo do jeito exato.

Capítulo 20: O Último Pedaco de Esperança

Porque saberei que é ele passando para me dizer “tô aqui”.

E responderei, do meu lado de dentro, com a certeza que aprendi a soletrar: deu certo — para mim, para ele, para quem vier depois.

As paredes do abrigo continuam lá — frias, sim —, mas agora eu sei: não são eternas.

Porque toda grade perde a razão quando um olhar decide ficar.

E a eternidade, descobri, não é o que não acaba; é o que continua trabalhando quando a gente atravessa a porta.



Capítulo 21: A Última Consulta Sem Promessas



Capítulo 21: A Última Consulta Sem Promessas

O cheiro da clínica chega antes da porta: álcool, algodão, metal polido, um fio de café morno e aquele perfume doce que mora nas mãos de quem aprendeu a acalmar bichos antes de acalmar pessoas.

A guia vibra pouco, mas o tilintar entrega: meu humano está tenso.

Eu também — não de medo, e sim daquela pressa humilde de quem deseja que tudo dê certo mesmo sem poder negociar com o destino.

A recepção é a de sempre: cadeiras que já mapearam muitas esperas, um aquário silencioso (peixes respiram oração), um mural com desenhos infantis — cães com asas tortas, gatos sorrindo de bigodes de sol, arco-íris atravessando tempestades de lápis de cor.

Em cima do balcão, um pote de biscoitos — não é minha dieta, mas é carinho com tampa.

A moça do balcão me chama pelo nome e desce a mão para eu cheirar; guardo o gesto no bolso do peito.

O relógio não faz tic-tac, ainda assim sinto os minutos mudarem, como se o tempo caminhasse de pantufas para não assustar ninguém.

Capítulo 21: A Última Consulta Sem Promessas

Chamam meu nome.

A porta abre.

Um céu branco de luz, chão limpo que devolve metade do meu focinho, mesa com dois continentes: aço e cobertor.

Escolho o cobertor — é onde deito quando o mundo precisa ficar macio.

A médica tem olhos que entendem gramáticas que não cabem em livro.

O estetoscópio é um frio honesto; a mão, um calor necessário.

Ela encosta o metal no meu peito e escuta.

Eu a escuto escutar.

Nossa conversa sempre foi assim: sem verbos, inteira.

Pesam minhas patas, contam batimentos, medem temperatura, apalpam com leveza a barriga — casa de uma dor que mora no centro de mim há meses.

Capítulo 21: A Última Consulta Sem Promessas

Sinto quando a consulta muda de terreno: frases abrem pausas mais longas, o olhar dela visita a mesa por um segundo antes de voltar para nós, palavras como “conforto”, “ajustar”, “acompanhar” chegam como almofadas estendidas no chão.

Ela fala com o meu humano na voz que se usa quando a esperança aprende a caminhar de mãos dadas com a verdade.

Vem o ultrassom.

Gel frio como chuva fina.

O aparelho canta um idioma que só a tela traduz.

A médica franze a testa, relaxa, franze de novo — não é susto: é cuidado pensando em voz baixa.

Eu respondo do meu jeito: aproximo o corpo quando dói, afasto quando passa, encosto o queixo no dorso da mão dela para agradecer o toque que alcança sem ferir.

Ela sussurra: “você é muito corajoso”.

Não sou herói; sou nosso.

Capítulo 21: A Última Consulta Sem Promessas

Ela abre o “plano”: remédio que forra por dentro, remédio que espanta o enjoo, remédio que empresta apetite; água em goles curtos; sol de manhã; sombra à tarde; rituais de descanso; sinais para ligar sem vergonha.

No receituário, letras miúdas; na fala, uma ternura que cabe na coleira.

Colam um curativo minúsculo na minha pata — estampa de patinhas: até o detalhe sabe meu nome.

Entre uma explicação e outra, a auxiliar ajeita o cobertor, dobra as pontas, passa a palma da mão como quem desamassa uma preocupação.

A moça do balcão bate um print mental quando eu passo — eu sei: é o jeito dela de guardar os “meus” de dentro.

Antes de sair, por um momento, somos três segurando a guia — eu, meu humano e a médica —, como se dividíssemos o peso e a responsabilidade do fio que nos liga.

O corredor nos devolve à porta.

Viro o rosto.

Eles estão lá, no vão: dois sorrisos, um um aceno, e a pergunta que ninguém ousa dizer em voz alta.

Capítulo 21: A Última Consulta Sem Promessas

Eu respondo com meu olhar mais antigo: se der, eu volto.

Se não der, já voltei no que deixo aqui — no abrigo do cobertor, em três fios de pelo presos ao jaleco, no meu cheiro misturado aos remédios como lembrança boa de um dia difícil.

Os dias passam.

A agenda da clínica pisca meu nome numa data.

O telefone, não.

A moça do balcão morde o lábio, finge procurar algo na gaveta só para respirar.

A médica demora um segundo a mais olhando a porta fechada.

A auxiliar troca o pano do cobertor com a delicadeza de quem arruma cama para visita querida.

Fica no ar uma pergunta macia — não machuca, mas ocupa espaço: “Será que ele retornou?”.

Do lado de cá — o lado que não usa calendário —, respondo como sei: às vezes, o retorno não tem hora marcada.

Capítulo 21: A Última Consulta Sem Promessas

Às vezes ele acontece toda vez que um cão entra tremendo e sai mais leve; toda vez que uma mão pousa num dorso e uma dor aprende a estar acompanhada; toda vez que uma equipe respira junto, sem combinar, para emprestar coragem.

Se eu não voltar com o corpo, voltei em todos os que cruzarem a mesma porta de nariz erguido.

E, se precisarem me encontrar, sigo deitado naquele cobertor dobrado — confiante, agradecido — lembrando vocês de que foram casa quando eu precisei.



Capítulo 22: Sob a Roseira, Um Descanso Sem Alarde



Capítulo 22: Sob a Roseira, Um Descanso Sem Alarde

Foi um bom dia.

Simples: som de colher no copo, pão quente abrindo a manhã, a luz entrando pela cozinha em listras.

Escolhi meu quadrado de sol com a precisão dos rituais que salvam.

Meu humano passou a mão no meu pescoço como quem confere se o dia está completo.

A casa respirou; respirei com ela. Por algumas horas, fui só cão e mundo — sem doença, sem contas de tempo escondidas em olhares.

Há meses eu conversava com uma dor que morava no centro de mim.

Às vezes ardia como brasa; outras era maré contrária; em certos dias, apenas me diminuía.

Vieram remédios de nomes compridos, arroz branco com frango picado, água em goles de paciência, toalha morna no abdômen, colo silencioso no sofá.

Vieram idas à clínica, exames desenhando mapas dentro de mim, noites que andaram de joelhos.

Capítulo 22: Sob a Roseira, Um Descanso Sem Alarde

E, apesar disso tudo, ficamos — eu por ele, ele por mim, a casa por nós.

Hoje o corpo me devolveu um punhado de força emprestada.

Brinquei com pouco e pareceu muito.

Caminhei curto e pareceu longe.

Comi devagar e pareceu festa.

É assim quando a gratidão mede as coisas: tudo cabe na mão e, ainda assim, sobra.

Quando a tarde começou a ajeitar almofadas para a noite, fui ao jardim.

A roseira — aquela que ele plantou num aniversário dizendo “que a gente sempre tenha algo bonito para olhar” — estava cheia de botões que prendiam amanhã no talo.

Espinhos de guarda, perfume de promessa.

A terra, ainda morna do sol, guardava o molde do meu cansaço.

Deitei.

Capítulo 22: Sob a Roseira, Um Descanso Sem Alarde

O jardim usa relógio próprio.

Formigas movem ponteiros invisíveis; um grilo afina três notas e muda a estação; o vento passa a mão na grama e a tarde amadurece.

Ao longe, a casa arruma talheres, apaga uma luz, dobra um pano.

Quis que tudo seguisse: que não viessem passos apressados, telefonema no susto, medo batendo janela.

Quis dar à noite a chance de chegar mansa, como sempre gostou de chegar.

A roseira me prometeu que sabia cuidar disso. Acreditei — rosas dizem a verdade no idioma do cheiro.

Fechei os olhos.

As memórias vieram em fila serena: o primeiro dia (dois desconhecidos que se reconheceram pela casa no cheiro), a primeira chuva (aprendi que água também pode cair de cima), a primeira bronca que virou riso, o primeiro inverno enrolado na manta, a primeira vez doente (ele sentou no chão para ficar do tamanho da minha dor).

Capítulo 22: Sob a Roseira, Um Descanso Sem Alarde

Vieram as tentativas de esconder remédio no frango, os goles de água na seringa, as vigílias no tapete, os amanheceres que nos flagraram no sofá. Tudo leve — o jardim sabe embalar lembranças.

A dor, faladeira de costume, resolveu cochichar.

O coração acertou o compasso com o vento.

Senti a terra me receber como colo antigo.

Eu, que sempre protegi a casa atrás do portão, quis cuidar pela última vez poupando o coração deles do tropeço.

Por isso escolhi a sombra da roseira: espinhos de sentinela, perfume de bênção, chão que entende despedidas como entende raízes.

A madrugada encostou, e eu virei descanso.

O corpo desaprendeu a doer.

A casa permaneceu inteira.

Ninguém precisou correr.

A noite terminou do jeito que noites boas terminam: com silêncios que cabem, respirações calmas, a promessa de que a manhã virá sem sobressalto.

Capítulo 22: Sob a Roseira, Um Descanso Sem Alarde

Quando a primeira linha de luz riscou a parede, a porta abriu.

Passos vieram.

A claridade encontrou meu corpo aos pés da roseira.

Não houve “por quê” gritado; houve um “ah” baixinho — som de quem entende o que o amor faz quando quer poupar.

Mãos chegaram com reverência.

Uma pousou na minha cabeça e disse meu nome como sempre; outra ficou no meu peito, não para chamar, mas para agradecer.

As lágrimas vieram limpas — não acusaram ninguém, não brigaram com Deus. Viraram água no jardim que nos pertence.

Mais tarde, decidiram me deixar ali, onde escolhi.

A terra abriu os braços com naturalidade de mãe.

Não sei sobre papéis e protocolos; sei sobre segredos: a terra transforma segredos em raiz.

Capítulo 22: Sob a Roseira, Um Descanso Sem Alarde

A roseira aprendeu minha língua e meu horário.

Às vezes, uma pétala cai sem motivo.

Alguém pensa “o vento”.

É. E eu, dentro dele.

Se perguntarem o que quis com essa despedida, digam que foi isto: cuidar até o fim, do meu modo simples.

Eu, que passei meses conversando com uma doença séria no meu centro gastrointestinal, quis terminar com o amor no centro de tudo: da casa, da noite, da manhã.

Quis que ninguém se sentisse culpado por ter dormido.

Quis que a rotina — esse milagre discreto — não perdesse o passo.

Quis que meu humano acordasse como sempre: fazendo café, abrindo a janela, dizendo meu nome só para o dia saber por onde começar.

Agora, quando alguém passa junto da roseira, o perfume muda um pouco — como quem reconhece parente.

Capítulo 22: Sob a Roseira, Um Descanso Sem Alarde

No finzinho da tarde, às vezes se ouve um tilintar leve muito longe, como de coleira lembrando presença.

Não dói.

É só meu aceno: eu fico.

Em cada flor que abre, em cada manhã mansa, em cada noite que termina sem susto.

Porque o amor, quando aprende o caminho, não se perde.

Mesmo quando a gente parte.



Epílogo: O Além do Latido



Epílogo: O Além do Latido

Agora corro livre em campos sem muros. A grama é um mar manso que não termina; ondula sob minhas patas como se sempre soubesse o meu nome.

O vento nunca cansa — não assobia pressa, não cobra chegada —, apenas me acompanha, penteando o pelo e contando novidades de lugares que eu nem sabia que existiam.

O sol, aqui, não queima: é um cobertor de luz que se deita sobre o lombo e acalma.

Há um rio de águas claras correndo ao lado dos caminhos; nele, o céu se debruça inteiro, e as estrelas — que aqui não se apagam — praticam seu ofício de brilhar sem interrupção.

É um lugar onde a dor desaprendeu o caminho, onde o cansaço não nos encontra, onde a vida não termina: só muda de tom.

Ao meu lado, vejo outros como eu.

O policial, que serviu com coragem até o último patrulhamento, agora descansa as patas sem perder a altivez — e, quando corre, corre com a dignidade de quem cumpriu uma missão e ganhou folga eterna.

Epílogo: O Além do Latido

O cão de rua, que encontrou colo apenas no último instante, aqui descansa num travesseiro de nuvem, lambendo a própria sorte como quem enfim foi reconhecido.

O caçador de lembranças, que perseguiu cheiros de infância até o vento levá-lo, agora coleciona perfumes de eternidade: pão que não esfria, terra que não fecha, chuva que não molha a tristeza.

E o de família, que viu crianças crescerem e envelheceu orgulhoso ao seu lado, caminha com a classe de quem sabe todos os aniversários de cor.

Somos diferentes nas estradas que nos trouxeram; iguais no destino que nos une: amamos até o último suspiro.

Foi esse amor — não a força, não a juventude, não os truques — que abriu as portas invisíveis deste lugar.

Portas que não têm dobradiças nem trancas: são passagens de vento, pontes de silêncio, arcos de luz.

Aqui, a eternidade tem cheiro de terra molhada e pão saindo do forno, som de risadas antigas ecoando em alpendres e o calor de abraços que não terminam.

Epílogo: O Além do Latido

As velhas coleiras viraram constelações: cada tilintar que um dia soou no portão virou estrela pequena, e, quando corremos, elas nos reconhecem e piscam como se dissessem: “bem-vindos, guardiões”.

Às vezes, ouvimos nossos humanos ainda nos chamarem em sonhos. Eles não sabem, mas estamos lá.

No bater suave de uma porta que não bateu; no ranger do portão vazio que, de repente, escolhe uma nota conhecida; no farfalhar das árvores quando a casa precisa respirar; no quadrado de sol que surge no chão exatamente na hora em que a saudade aperta.

Estamos na bolinha que, sem razão aparente, rola sozinha até o tapete; no canto da cama onde parecia faltar algo e, de repente, sobra um calor discreto; no silêncio que, de repente, se torna presença — daquele tipo de presença que não ocupa espaço, apenas cuida.

De vez em quando, nos aproximamos mais. Visitamos as casas pelo cheiro: o café que sobe e reza baixinho; a camisa esquecida na cadeira com o ombro de sempre; o jornal dobrado em quatro que guarda, entre as páginas, o barulho do portão; o sapato deixado de lado, que ainda parece uma travessura autorizada.

Encostamos o focinho onde o coração de vocês, sem saber, nos procura.

Epílogo: O Além do Latido

E, quando a noite perde o rumo e a janela vira espelho de lágrima, tocamos de leve nas memórias — não para que doam, mas para que aqueçam.

Somos brisa que entra com licença.

Somos o peso exato na ponta do cobertor.

Somos o som de pata antiga subindo a escada que não range mais.

Não partimos de verdade.

Apenas seguimos correndo em outra dimensão, onde cada passo é leve e cada lembrança é ponte.

Aqui, tudo o que aprendemos continua trabalhando: a guarda vira brisa, a brincadeira vira riso solto no quintal, a espera vira claridade que chega antes de vocês perceberem.

O ofício não acaba — muda de uniforme.

Continuamos vigiando os portões, agora por dentro do tempo.

Continuamos latindo, sim — mas nosso latido, aqui, é vibração de luz, um aviso bom que atravessa as paredes do mundo sem acordar ninguém.

Epílogo: O Além do Latido

Às vezes, é o vento quem nos diz a hora de visitar.

Ele entra pela cozinha carregando açúcar no ar, e sabemos que é dia de bolo — então sentamos ao lado do forno, invisíveis, e esperamos o primeiro pedaço ser partido como antes.

Outras vezes, é a chuva: bate no telhado na mesma cadência de um medo antigo, e nós deitamos aos pés de quem treme, como sempre fizemos, e o medo se lembra de que tem para onde ir embora.

Há dias em que a casa nos chama só para lembrar o caminho da risada — e nós, com a velha elegância dos guardiões, empurramos com o focinho o riso até a sala.

Tudo igual, e tudo novo.

Alguns de nós voltam, às vezes, com outro corpo — filhote que acha o colo de vocês como quem encontra endereço antigo; gato que decifra a janela e enxerga, por dentro, a mesma família; passarinho que decide cantar no horário exato do nosso passeio.

Outros permanecem sendo vento, memória, claridade — e está tudo bem. Amor não precisa ser visto para existir. Amor, quando verdadeiro, tem endereço fixo: o coração de quem amamos.

Epílogo: O Além do Latido

Se ouvirem, numa tarde qualquer, a cozinha suspirar, não pensem em eletricidade: é a casa concordando que vocês fizeram o melhor que podiam.

Se um tênis velho resolver se abaixar sozinho aos pés da cama, não é assombro: é aquilo que sobrou de nós escolhendo o lugar de sempre.

Se o corredor carregar um cheiro de grama sob chuva, mesmo em dia seco, é porque passamos por ali — levando no lombo um tanto da saudade de vocês para que ela pese menos.

Se a solidão bater, encostem a testa no portão.

Ele conhece a nossa língua. Vai ranger do jeito exato de dizer: “eu fico”.

E aqui, do nosso lado, a vida segue. Corremos — não para chegar, mas porque correr também é uma forma de rezar.

Brincamos — porque a brincadeira é a ciência da alegria.

Dormimos no meio de campos alvos como varandas de sábado; acordamos com o barulho de riachos que sabem todas as histórias; caminhamos por trilhas que reconhecem nossas almofadas como quem reconhece caligrafia.

Epílogo: O Além do Latido

Às vezes, paramos todos ao mesmo tempo, como se alguém tivesse chamado: é quando um nome novo chega.

Um portão de luz se abre, e lá vem mais um de nós, com os olhos cheios de “enfim”.

Corremos ao encontro, cheiramos, lambemos, contamos como funciona — “aqui não dói”, “aqui ninguém se perde”, “aqui você pode dormir quantas sextas quiser”.

E, quando ele pergunta dos humanos, respondemos com o único adjetivo que importa: “eles estão guardados”.

E assim será para sempre. Não porque a eternidade seja longa, mas porque é completa.

Somos a prova de que o amor tem trabalho depois do fim — e gosta.

Somos a lição que vocês nos ensinaram sem saber: estar é o verbo mais bonito.

E estar, nós seguimos — de um lado e de outro — como quem morde delicado um osso de luz que não se acaba.

Quando o vento passar entre as árvores; quando uma bolinha rolar sem razão aparente;

Epílogo: O Além do Latido

quando a sombra da tarde desenhar na parede um contorno que parece muito conosco; quando o portão cantar a velha nota num dia em que ninguém chegou — lá estaremos.

Correndo, latindo, vigiando, vivendo no silêncio da eternidade.

Se quiserem falar conosco, usem a língua que sempre funcionou: encostem a mão no peito um do outro, digam “obrigado” por dentro, sorriam mesmo que chova.

A resposta virá na forma de uma calma súbita, de um calor que sobe sem explicar, de uma vontade de abrir a janela.

E, quando vocês também correrem por estes campos — porque um dia todos correm —, reconheceremos o passo.

Levaremos vocês ao rio, mergulharemos as mãos de vocês na água que sabe devolver nomes, mostraremos o mapa das estrelas que foram nossas coleiras.

E haverá um momento em que o mundo inteiro caberá na palavra que nos trouxe e nos mantém: juntos.

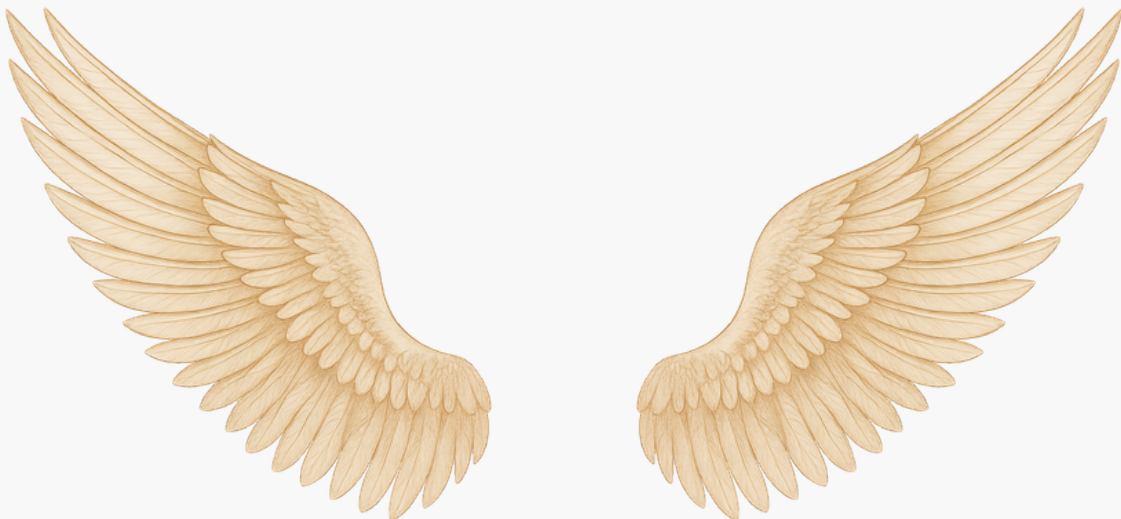
Até lá, fiquem com os sinais.

Epílogo: O Além do Latido

Nós ficamos com a guarda. Vocês com a casa; nós com o vento.

E onde um tocar o outro — numa fresta de sol, no estalo da madeira, na nota certa do portão — ali estará o nosso encontro diário:

invisível, fiel, eterno.



Glossário de Termos Técnicos

A

- **Anamnese** – Histórico clínico detalhado do paciente.
- **Anisocoria** – Diferença no tamanho das pupilas.
- **Antiemético** – Medicamento utilizado para prevenir ou controlar vômitos.
- **Ascite** – Acúmulo anormal de líquido na cavidade abdominal.
- **Ataxia** – Falta de coordenação motora.

B

- **Bacteremia** – Presença de bactérias na corrente sanguínea.
- **Biópsia** – Retirada de tecido para exame histopatológico.
- **Bradycardia** – Frequência cardíaca abaixo do normal.
- **Broncopneumonia** – Infecção pulmonar inflamatória afetando os brônquios e alvéolos.

C

- **Cardiomiopatia** – Doença do músculo cardíaco.
- **Cianose** – Coloração azulada da pele e mucosas devido à falta de oxigenação.
- **Claudicação** – Dificuldade ou dor ao andar, geralmente devido a problemas ortopédicos.
- **Cólico** – Dor abdominal intensa, comum em equinos.
- **Conjuntivite** – Inflamação da conjuntiva ocular.

Glossário de Termos Técnicos

D

- **Dermatite** - Inflamação da pele.
- **Diarréia** - Eliminação frequente de fezes líquidas.
- **Dispnéia** - Dificuldade respiratória.
- **Displasia** - Desenvolvimento anormal de tecidos ou órgãos.
- **Distrofia** - Degeneração progressiva de um órgão ou tecido.

E

- **Edema** - Acúmulo anormal de líquidos nos tecidos.
- **Ectoparasita** - Parasita externo, como pulgas e carrapatos.
- **Emese** - Vômito.
- **Endocardite** - Inflamação do revestimento interno do coração.
- **Epífora** - Lacrimejamento excessivo.

F

- **Febre** - Aumento da temperatura corporal acima do normal.
- **Fístula** - Comunicação anormal entre órgãos ou tecidos.
- **Fratura** - Ruptura de um osso.
- **Fungemia** - Presença de fungos na corrente sanguínea.

Glossário de Termos Técnicos

G

- **Gastrite** – Inflamação da mucosa do estômago.
- **Glicemia** – Concentração de glicose no sangue.
- **Glomerulonefrite** – Inflamação dos glomérulos renais.
- **Granuloma** – Formação de tecido inflamatório crônico.

H

- **Hematemese** – Vômito com sangue.
- **Hematuria** – Presença de sangue na urina.
- **Hipertermia** – Aumento excessivo da temperatura corporal.
- **Hipotensão** – Pressão arterial abaixo do normal.
- **Hipóxia** – Deficiência de oxigênio nos tecidos.

I

- **Icterícia** – Coloração amarelada da pele e mucosas devido ao acúmulo de bilirrubina.
- **Imunossupressão** – Redução da atividade do sistema imunológico.
- **Infecção** – Invasão e multiplicação de microrganismos no organismo.
- **Intussuscepção** – Invaginação de um segmento intestinal dentro de outro.

Glossário de Termos Técnicos

L

- **Laparotomia** - Abertura cirúrgica da cavidade abdominal.
- **Leucocitose** - Aumento do número de leucócitos no sangue.
- **Leucopenia** - Redução do número de leucócitos no sangue.
- **Luxação** - Deslocamento de uma articulação.

M

- **Miosite** - Inflamação dos músculos.
- **Metástase** - Disseminação de células cancerígenas para outros órgãos.
- **Mucopurulento** - Secreção contendo muco e pus.
- **Miocardiopatia** - Doença do músculo do coração.

N

- **Nefrite** - Inflamação dos rins.
- **Neoplasia** - Crescimento anormal de células (tumor).
- **Neuropatia** - Doença ou disfunção do sistema nervoso.
- **Nistagmo** - Movimento involuntário dos olhos.

O

- **Obstipação** - Constipação severa.
- **Oftalmite** - Inflamação do olho.
- **Otite** - Inflamação do ouvido.
- **Osteoartrite** - Inflamação crônica das articulações.

Glossário de Termos Técnicos

P

- **Paresia** – Fraqueza muscular parcial.
- **Parvovirose** – Doença viral altamente contagiosa em cães.
- **Patogênico** – Capaz de causar doença.
- **Peritonite** – Inflamação do peritônio, membrana que reveste a cavidade abdominal.

R

- **Rabdomiólise** – Destruição do tecido muscular.
- **Radiopacidade** – Capacidade de bloquear raios-X.
- **Regurgitação** – Retorno passivo de alimentos do esôfago.
- **Ressecção** – Remoção cirúrgica de um órgão ou tecido.

S

- **Septicemia** – Infecção generalizada no sangue.
- **Sialocele** – Acúmulo de saliva devido a lesão de uma glândula salivar.
- **Síndrome de Cushing** – Distúrbio endócrino causado pelo excesso de cortisol.
- **Sinovite** – Inflamação da membrana sinovial de uma articulação.

Glossário de Termos Técnicos

T

- **Taquipnéia** – Respiração rápida.
- **Tenesmo** – Esforço doloroso para urinar ou defecar.
- **Torsão gástrica** – Dilatação e rotação do estômago, grave em cães de grande porte.
- **Trombose** – Formação de coágulo dentro de um vaso sanguíneo.

U

- **Uremia** – Acúmulo de substâncias nitrogenadas no sangue devido à insuficiência renal.
- **Uveíte** – Inflamação da úvea (estrutura do olho).
- **Urolitíase** – Formação de cálculos urinários.

V

- **Vasculite** – Inflamação dos vasos sanguíneos.
- **Vômica** – Eliminação de material purulento ou necrótico pela tosse.
- **Vulvovaginite** – Inflamação da vulva e vagina.

Índice Remissivo

A

Adoção de animais, Capítulo 10

Adaptação à profissão veterinária, 44

Amor e lealdade no cuidado dos animais, 82,84, 87

C

Cuidado veterinário: Aspectos emocionais, 125

Consultas e diagnósticos, 33, 97

Comunicação não verbal, 130

D

Decisões difíceis, 5, 45, 63

Doenças graves em pets, 118, 127

E

Eutanásia e decisão ética, Capítulo 3

Exaustão no plantão veterinário, 97, 105

Empatia no atendimento veterinário, 8, 35, 50

Emergências veterinárias, 5

F

Frustração frente à perda, 8

Família como apoio emocional, Capítulo 11

Índice Remissivo

I

Indiferença no trato com os animais, 97

Impacto emocional do veterinário, 128

Interação veterinário-tutor, Capítulo 8

L

Lealdade entre tutores e animais, 84, Capítulo 12

Luto e despedida de pacientes, 53, 55

Lealdade dos animais, Capítulo 13

M

Maturidade e visão da profissão, 93

Medo da perda, 23, 45

Momentos difíceis no atendimento veterinário, 105

P

Profissão veterinária: Desafios e emoções, 120

Pacientes graves, 86

R

Reflexão sobre a profissão veterinária, 5

Rotina no plantão veterinário, 10, 59

Raças e temperamento, Capítulo 4

Responsabilidade médica, 47

Índice Remissivo

S

Solidariedade no tratamento, 101

Sensibilidade ao calor, 42, 44

Suscetibilidade dos braquicefálicos, 42, 46

T

Tomada de decisão sob pressão, 51

Trauma e atropelamento em animais, 17

V

Vida e cuidados veterinários, Capítulo 11

Visão crítica sobre classe social e animais, Capítulo 12

Mário dos Santos Filho

Possui graduação em Zootecnia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com ênfase em Reprodução, Nutrição e Conservação de espécies. Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com ênfase em Clínica Médica de Animais de Companhia. Possui pós-graduação em Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais, pelo Instituto Qualittas-UCB. Formou-se como Médico Veterinário Residente do Hospital Veterinário de Pequenos Animais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, na área de Cardiologia e Doenças Respiratórias de Animais de Companhia. Mestre em Ciências Clínicas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Doutor em Medicina Veterinária na área de Ciências Clínicas da UFRRJ, bolsista CAPES, com ênfase em cardiologia e Doenças Respiratórias. Preceptor dos serviços de Cardiologia e Doenças Respiratórias e da área de Clínica Médica do Hospital Veterinário da UFRRJ. Membro do Colegiado Executivo do Núcleo Docente Estruturante e do Colegiado de Pesquisa da Universidade de Vassouras. Vice-coordenador do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras.



@mario_.filho
mario.vet.filho@gmail.com



UNIVASSOURAS